

ENTRE IRMÃOS

RAFAEL FARIAS TEIXEIRA





ENTRE IRMÃOS

Rafael Farias Teixeira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Créditos: Entre Irmãos

Copyright © 2016 by Rafael Farias Teixeira

Foto de capa:

Andrew Measham

Capa e diagramação:

João Koepke

Para Renata e Patrícia, minhas irmãs.

Junte as duas e você terá Beatriz.

“Um irmão é um tipo estranho de amigo. É como o nome que a gente tem. Passamos muito tempo sem ligar para ele, mas, de repente, a gente nota que tem um nome e repetimos antes de dormir um milhão de vezes...”

Vanessa Barbara e Emilio Fraia
– O verão do Chibo, 2008.

FERNANDO

Hospitais sempre serão hospitais. Corredores. São as únicas coisas das quais nos lembramos de hospitais. Os quartos são muito fúnebres, escuros, mesmo com suas luzes brancas. O ar é inodoro, cheio apenas de expectativas com. Você só se lembra de entrar e sair de um hospital. E dos corredores.

Por que é no corredor que esperamos, não? Você espera no corredor, não é? Só alguns desafortunados têm chance de entrar no quarto para desejar sair, mesmo que não digam isso. Um quarto de hospital não é lugar para um ser humano. É para alguém que não sabe onde está, que balbucia, em vez de falar. Que vê tudo, menos aquela pessoa que fala distante, chama o seu nome, segura a sua mão.

Os corredores de um hospital são revezamentos de luz e escuridão. Uma alternância das possibilidades que te esperam no final de cada um. Deitado, seus olhos se acostumam com os clarões de lâmpadas ecologicamente econômicas e buracos fundos de breu. Anestesiado, abatido, ferido, e sem saber para que sentido você realmente vai. Barulho de rodinhas ninando os que esperam. Cadeiras de rodas e macas. Um balé de rodinhas que não cansam de dizer: corredor. Você está realmente aqui. Tanta gente, tantos corredores. Ilusões que se manifestam nas paredes, nas sequências de portas. Tudo idêntico em um padrão hipnotizante. Durma, então. Descanse no pequeno vácuo da existência e você já pode se ver com um pijama azul ou branco, fracamente amarrado nas costas, uma muleta de soro, glicose e analgésicos.

Não sou a pessoa que entra no quarto. Nem se tivesse essa opção o faria.

Fico, no corredor, como todos os outros, mas mais outro do que os outros, mesmo sendo da família. Até ele chegou antes de mim, e eu não me importo, até penso no que irei comer depois que sair daqui.

Corredores. São a única coisa que nos lembramos de um hospital. É uma pessoa saindo, levada sobre uma cadeira de rodas para o oxigênio dos vivos, ou outra que vai lutar contra Hades, ou outra que retorna para se afundar novamente no seu quarto. Corredores cheios de bancos. Bancos idênticos como seus corredores. E pessoas com expressões idênticas, mesmo que as dores sejam diferentes. Jogar

dados. Corredores são pequenos cassinos onde as apostas são muito altas, muito altas mesmo. Um clima de perda constante, de esperanças falhas e rachadas em seu âmago. Jogue os dois dados e espere a sorte dos seus números. Espere a bolinha saltitante da roleta não cair em algo como falência múltipla dos órgãos ou parada cardíaca. Muitas vezes, você nem tem fichas com que apostar. Seu jogo já estava marcado desde o começo. Desde entrar por um corredor qualquer, em uma ala distante do mundo dos expectadores, para sair com os olhos fechados, encarando a escuridão de um lençol onipresente.

Não consigo imaginar qual é a expressão facial que estampo. Provavelmente riria de mim mesmo se tivesse um espelho por perto. Eu, ali, tentando fingir pesar, preocupação. Estou realmente tentando. Ou querendo me dar um crédito a mais por ter saído da minha aula de boxe mais cedo.

Todos estão nos corredores, menos meu pai. É o único que está a conversar com o médico em algum lugar. Minha mãe não aceitaria muito bem qualquer notícia boa, esperançosa ou funesta. Mães e corredores de hospital, sempre os mesmos. Amanda está sentada com a cabeça do pequeno Renan no colo. Ele dorme silenciosamente, enquanto ela evita fazer barulho com seus soluços, chora bastante. Tenho pena ou algo parecido com pena. Tento me esforçar para desenvolver alguma piedade. Minhas sandálias atormentam a aparente paz do silêncio lúgubre, passos calmos e olhares para os lados. Tento lembrar-me dos conselhos que meu psiquiatra me deu antes de eu transar com ele e estragar toda a relação médico-paciente. Foi bom, pelo menos isso. Sentar em uma cadeira e falar sobre meus problemas, aquilo, sim, foi um grande desperdício de dinheiro na minha vida. Falar de coisas que, às vezes, nem eu compreendo para um estranho, que, no maior esforço de alteridade, tenta se passar por um gay nos seus quase trinta anos. Não me lembro de nenhum dos conselhos com meu psiquiatra. Lembro apenas do sexo.

Juro que quero poder consolá-la, a Amanda, se seu marido não fosse um grande filho da puta. Meu irmão, aquele por quem todos estão esperando. Incluindo o homem encostado em uma das paredes do corredor, que não reconheço. Observo-o, ao passar de encontro à minha mãe sentada, desfalecida, cansada. Tenho pena de todos, talvez.

É um grande desperdício de energia. Ele provavelmente deve estar rindo quieto, entre uma batida fraca de coração e outra. Isso é uma forma elaborada de piada para ele. Ficar deitado em alguma mesa de cirurgia, sorrindo, maquinando planos ao sabor das flutuações anestésicas. Era isso que ele gostava de fazer:

imaginar as melhores formas de deixar todo mundo bem fodido de preocupação. Sair sempre com cara de mocinho quando tudo acaba. Já consigo antever as semanas de recuperação. Não sei se ele conseguiria ser mais mimado do que sempre foi.

Minha mãe levanta o rosto, me olha com reprovação. Amanda também me observa, acaricia a cabeça do filho em autoproteção. Sorte minha que, em situações como essas, as palavras são dispensáveis, escondem-se e somos apenas os mudos do medo. Mudos e iguais, caminhando por corredores sem fim e sem respostas. As palavras são dispensáveis aqui.

— Como você pôde demorar tanto? — menos para meu pai.

Ele puxa meu braço com força, e saio da minha posição de cócoras, em frente à minha mãe. Encaramo-nos. Há muito tempo, deixei de temer os homens dessa família e fiz questão de que os dois soubessem isso. Os conhecidos machos alfas que vivem mijando por aí para marcar território e ter certeza de que ainda têm bolas no meio das pernas. Olho duro e esqueço todo o teatro que estava tentando produzir. Contraio os lábios e é o suficiente para ele soltar meu braço. Sou mais alto, mais forte e jovem. Não lembro a última vez que ele se atreveu a levantar a mão para me bater. Lembro-me de quando a aura de paternidade começou a morrer e ele virou essa figura cinzenta que passei a chamar de pai por mera conveniência.

O homem desencosta da parede, provavelmente pensou que iríamos brigar. Olho pra ele de longe, um aviso tácito de que sei escolher minhas brigas e também sei vencê-las. Ele para. Cabelos lisos, negros, incrustados em gel, olhos castanhos. Não, mel, olhos claros, mas apáticos. Barba por fazer, terno, uma maleta próxima ao pé, expressão dura. Ele ficaria lindo se sorrisse.

— Fê!

Bia chega segurando dois copos de café e me abraça, mesmo sem a ajuda dos braços. Todos se entreolham. Eu tinha chegado algumas horas depois da ligação de minha mãe. Meu pai não ligava mais, em todos os sentidos. Minha irmã ainda me fazia visitá-los algumas vezes: jantar de aniversário da vovó, acho que aquela tinha sido a última vez. “E como andam as namoradas?”. Se ela soubesse... Não consigo conter um riso baixo sempre que penso na possibilidade de decepcionar mais familiares meus.

— Que bom que você chegou...

— Faz duas horas desde que liguei – meu pai continua áspero. O que devo esperar?

— Na verdade três, pai. Demorou para eu tomar uma ducha e tirar o cheiro de suor. E quem me ligou foi a mãe.

O homem desconhecido se aproxima. Não enxuguei meu cabelo o suficiente. Úmido, ele cai sem formato, do jeito que eu odeio. Mas mais que isso, eu odeio gel como o que o desconhecido usa. Ele realmente ficaria mais bonito com o cabelo desarrumado. E sorrindo. Passo a mão pelos meus cabelos, tento não encarar tanto, a situação não permite que eu seja eu mesmo. Nenhuma situação permitiria, aparentemente. Famílias foram feitas para papéis meticulosamente encenados.

Vou falar com Amanda e coloco meu braço sobre seu ombro, Renan continua dormindo sem notar a minha presença. Seus olhos se enchem de lágrimas quando me vê, fecha, com força, os lábios para que os soluços não comecem a sair em espasmos desesperados. Seria eu o sinal da inevitabilidade? O anjo da morte que veio buscar meu irmão daquele quarto padronizado? Quisera eu. Mas estou de folga. É uma pena.

Sento-me em um dos bancos do corredor. Estamos espalhados entre corredores contíguos. Minha mãe se abraça ao meu pai, minha irmã senta ao meu lado e encosta sua cabeça no meu ombro, seus cabelos castanhos, macios. Consigo sentir sua respiração como se fosse a minha, seus olhos são claros. Ela é impossível. Impossível de existir. Linda, com 18 anos, cresceria e diria adeus a essa família, como eu fiz um dia. Ou pelo menos espero. Ela merece coisa melhor, nós dois merecemos. Resvalo minha mão por seus cabelos longos. Em sua pele, sardas ali e aqui, cílios grandes, olhos expressivos.

– O Mau vai ficar bem, né? – ela pergunta como uma criança, como um bebê. Tiro um cigarro do bolso e o acendo, meio inclinado no lado dos lábios. Uma baforada relaxante. Mentolado. Quem se importa? Eu pelo menos não.

A enfermeira pede que eu apague o meu cigarro. Regras e corredores de hospital, sempre iguais e chatos. Apago o cigarro e encaro o olhar reprovador de meu pai. Ele melhora a cada dia, e eu ligo menos e menos. É até engraçado,

encontrar aquela severidade de um homem que me bateu por eu não me interessar por futebol.

O homem desconhecido continua em pé, encara a parede do seu lado, cheio de formalidades. Existe algo mais chato? Visto calças de malhar, aquelas leves, pretas, com uma série de botões nas laterais, sandálias de dedo brancas e um moletom azul-bebê com o nome de alguma universidade americana. Diria que o estilo é desleixado chique. Nada mais apropriado para perpetuar minha péssima imagem na família.

– Vou fumar um cigarro lá fora, linda.

Ando até a área mais próxima. O cigarro sempre foi um mal que me fez bem. Dou um trago e sou tomado por uma leve tontura, uma falta de ar, a visão fica nublada. E tudo são nuvens de pensamentos. Encosto em uma mesa alta, numa área aberta, um pátio, e acendo outro cigarro. Encaro as inúmeras opções de uma máquina de café. Um verdadeiro cardápio de opções cafeinadas. Cada um com seu ópio, não é?

– Isso vai te matar...

– Essa é uma tirada bem apropriada quando se está em um hospital... Sorte sua que não sou do tipo hipocondríaco – o homem de terno se aproxima da máquina, de costas para mim, e também observa as opções passando os dedos por suas etiquetas.

– Não consigo ser do tipo criativo – coloca uma nota, escolhe. Copo plástico e cafeína.

– Eu não espero isso de estranhos.

– Você cresceu... – ele diz e eu trago, sopro devagar. Nada melhor que sentir a fumaça se desprendendo de você, quente, macia.

– Quer dizer que nós nos conhecemos? – ele senta em um banco alto, mexe seu pequeno copo com um palito de plástico, sopra o vapor que sai do recipiente.

– Sou amigo de seu irmão.

Ele parece esperar que eu sente e comece uma conversa íntima e reveladora sobre mim, sobre meu relacionamento com meu irmão, sobre tudo. Que eu exponha tudo ali para um estranho que bebe café de máquinas. Ando até o limiar da parte coberta que se abre para um espaço cheio de bancos e um jardim. Fico admirando a noite e tentando ignorar a sensação de intrusão naquele encontro.

– As coisas acontecem de forma inesperada... – ele começa.

Eu rio, mal podendo me conter com essa conversa de consolo, essa tentativa de proporcionar uma oportunidade para que eu caia em lágrimas sinceras e confesse todos os meus medos. Boa tentativa, cara! Nunca fui bom nisso e é tão fácil de reconhecer esse comportamento nos outros, essa mania de se aproximar pela metade, apenas o suficiente para expiar os próprios pecados íntimos, algo como garantir seu lugarzinho no céu, dormir tranquilo depois de sua boa ação do dia. São palavras sem valor. Mas afinal, quem é esse cara?

– Pode parar, amigo! – dou mais uma tragada e continuo enquanto expiro devagar a fumaça. Adoro cigarros mentolados. Odeio hospitais. Principalmente por situações como essas e pelos corredores também. – Não preciso de consolo alheio, até porque não há necessidade para algum aqui.

– Seu irmão está em uma sala de cirurgia – ele fala sério, colocando as mãos cruzadas sobre a mesa.

– Eu também recebi a ligação, sabe?

– E chegou três horas depois.

– Espera só um segundo – rio. Sei que ele está olhando para o jeito como seguro o cigarro, um pouco lânguido demais, minha forma expansiva de falar, as flutuações de minha voz – em que parte de nossa conversa curta eu dei a entender que você poderia me dar um sermão? – ele não responde. Dou o último trago e jogo o cigarro em um dos cinzeiros próximos. – Foi o que eu pensei. E quem é você mesmo? – ele se levanta e estende a mão para me cumprimentar. Provavelmente analisaria a força do meu aperto nesse momento.

– Eu sou o Ricardo, amigo do Maurício.

Deixo sua mão estendida o suficiente para deixá-lo desconfortável e encaro seus olhos claros. Mordo meu lábio inferior e penso como um homem assim é um grande desperdício. Sorte que a situação não me inspira mais pudores do que qualquer outra. Continuo criando imagens mentais que envolvem o Ricardo sem toda aquela roupa. E sem o gel também

– O nome não me é estranho. Mas é estranho o suficiente para eu não me importar – passo por ele sem me virar. Amigo do Maurício. Isso só pode significar que não é nada confiável. Nada mesmo.

Ando, impacientemente, em direção aos banheiros dessa merda de hospital asséptico e corretamente estruturado para manter cada um em um estado suspenso de verdades. Nada é pronunciado e aquela porra de enfermeira fica com seu dedo indicador à frente da boca pedindo silêncio. Olho para a placa com o bonequinho masculinizado e entro. Por alguns segundos, encaro o conjunto de mictórios e simplesmente me sinto enojado de saber que nós realmente usamos isso para mijar. Volto e entro pela porta com a bonequinha recatada de vestido monocromático. O banheiro feminino sempre é mais agradável e limpo. E mais quieto. Você mal consegue ouvir a urina fazendo barulho, ao colidir com a água do vaso sanitário. Não há ninguém, estou sozinho no paraíso das fofocas femininas. É uma forma de me esconder se alguém quiser chorar no meu ombro depois que abrirem o Maurício ao meio e descobrirem que não há nada no lugar do coração dele. E no lugar do cérebro também. É um saco perder tanto tempo com pessoas que mal me reconhecem como um dos seus. Sou apenas a ovelha negra da família das histórias de almoços dominicais. Sou o menino que virou drag-queen e faz espetáculos vestido de Cher. Sou a menina que ficou grávida aos 16 e fugiu com o leiteiro para a Jamaica. Eu sou a lepra em pessoa. Minha família não pode ser vista comigo.

Sento em um dos vasos sanitários das cabines. Deixo a porta aberta e fico olhando o teto enquanto penso no que poderia estar fazendo fora dessas paredes. Uma enfermeira entra e se assusta com minha presença. Apenas olho sua cara com indiferença e encosto minha cabeça na parede.

– Isso é um banheiro feminino, senhor – me fala com tom de reprovação.

– Pelo menos, até antes de eu entrar, sim – continuo ignorando sua presença como se esse lugar fosse tão meu quanto dela.

– Há um banheiro masculino logo ao lado.

– Eu sei. Horrível, né? Também não há um banheiro para vocês enfermeiras em algum lugar? – arqueio uma das minhas sobrancelhas em escárnio.

– Funcionários podem usar qualquer um dos banheiros.

– Acho que vocês deveriam reivindicar um só para vocês – falo em tom de tédio.

– Mas por que você está aqui? – ela fala com certo compadecimento. Deve achar que estou sofrendo calado, estou arrasado e entrar em banheiros femininos é minha forma de extravasar minha angústia íntima. Levanto e vou lavar minhas mãos em uma das pias. Ela se encosta a uma das paredes e me encara esperando uma resposta.

– Meu irmão sofreu um acidente de carro – respondo o mais friamente que consigo.

– Calma. Tenho certeza de que tudo vai dar certo – a enfermeira coloca uma mão no meu ombro. Agora são minhas duas sobrancelhas que se levantam. Viro-me e sorrio falsamente para a pequena enfermeira de cabelos castanhos.

– Querida... Qual seu nome?

– Meu nome é Josiane. Sou enfermeira aqui no hospital.

– O uniforme te entrega – falo tirando sua mão do meu ombro. – Admiro o fato de que ainda existem pessoas com coragem o suficiente para se expor ao do ridículo. Boa sorte com o próximo paciente – saio do banheiro sem encarar aquela cara de sonsa outra vez.

Mais uma vez estou sentado em um dos bancos. E mais e mais corredores. Pessoas passando, pessoas consolando. Tudo um grande teatro. Olho para o meu relógio e lembro da reunião amanhã, droga! Mais uma hora se passou. Definitivamente, não terei tempo de revisar a apresentação. Cruzo os braços. Renan continua dormindo com a mãe, o rosto inchado e nada hollywoodiano. Meu pai sai

para procurar notícias, está irritado com a espera. Minha mãe sentada e ainda chorando, consolada pela Bia. Sinto sono, encosto a cabeça na parede mais uma vez e sinto aquele frio familiar. Faço uma lista mental de compras que devo fazer ainda nesta semana, os eventos aos quais preciso comparecer. Depois desta eu realmente preciso de um dia de compras. Uma calça nova, talvez. Definitivamente, preciso comprar algo mais divertido para ler. Nada mais de romances de teor cultural duvidoso. Fecho os olhos. Acho que dormi por alguns segundos. Ou mais que isso. Espero não ter roncado.

Abro os olhos quando algo pesado mexe o conjunto de cadeiras em que estou sentado. Viro e ele está ali. O amigo do Maurício, a incógnita de todo este cenário, olhando para as mãos no colo. Ele deve me achar um pequeno filho da puta. Seus olhos pousam sobre mim, mas de soslaio. Ele tenta disfarçar, acha que ainda estou adormecido, no limbo entre voltar aos sonhos ou despertar. Olho para o teto, sinto seu olhar pousar sobre mim novamente. Minha roupa. Ele deve estar observando minha roupa, talvez enojado com o azul-bebê do moletom, que parece uma cor que alguma adolescente mimada poderia usar. O teto branco. Odeio esses corredores. Chamem decoradores, decoradores urgentemente!

Sinto-me fútil por um momento, mas só por um curto momento. Há melhor forma de não pensar do que ser fútil? Não seria futilidade o próprio ato de inexistência de reflexão, da inexistência de algo dentro da cachola? Respiro fundo. Decoradores! Decoradores, urgentemente! Nada de cruzes e bíblias espalhadas como se anunciassem a morte certa de cada um que entra. Malditos corredores não decorados.

Resolvo trocar de posição, a cabeça apoiada na mão, apoiada no joelho. Meu pé esquerdo batuca, bate compassada mente no chão, depois, freneticamente. Canso-me e, bruscamente, me encosto à parede atrás de mim, um suspiro longo de tédio. Nada mais que tédio. E os olhos dele.

Esperar cansa, mesmo sentado, mesmo com os olhos dele e mesmo com uma pergunta no fundo da minha mente inquieta. Será? Ele mexe em sua valise, tira o celular e verifica se está mesmo desligado. Afrouxa a gravata. Ele parece tão zeloso. Olho novamente para seus olhos no chão, depois confiro, languidamente, o relógio no meu pulso.

Um médico. Finalmente. Meu pai está apreensivo, dá para ver, mesmo na sua cara fechada de sempre. Minha mãe também se levanta. Na verdade, todos se

levantam. Impressionante como ele sempre consegue chamar a atenção de todos. Não movo um músculo da minha face. O amigo também vai em direção ao médico, deixa a valise encostada na parede. E, nesse momento, vejo meu pai segurar minha mãe chorando e gritando estridentemente, soluços entremeados por questionamentos, minha irmã chorando e abraçando Amanda, ainda sentada, que beija, copiosamente, seu filho. Levanto e sigo em direção ao sinal vermelho mais próximo. “Saída”. Acendo um cigarro antes de passar a porta. Sinto os olhos de todos cravarem sua dor e incompreensão nas minhas costas. Expiro o sabor mentolado. De novo. Ele também está olhando, e, como o sabor de menta que resta no fundo da boca, algo sensivelmente suave, sei que ele irá cruzar meu caminho de novo. Por isso, viro-me e ainda pego seus olhos. Nenhuma lágrima. Ele tem uma das mãos no ombro de Bia. Grande amigo.

– O senhor não pode fumar aqui – ainda ouço de uma enfermeira antes de colocar meu pé para fora daqueles corredores horrendos. Talvez seja aquela sonsa de cabelos castanhos, não noto.

– Vai se foder – falo soprando um pouco mais de indiferença.

E ando até meu carro sem pensar no que acontecerá agora que o Maurício morreu. Ou me esquecem de vez, ou vão cair matando como nunca. Até na hora de morrer, aquele imbecil vai me causar problemas. Típico.

Já vai tarde.

* * * *

Depois que contei, sempre me pareceu que algo havia morrido dentro dela, sem motivo. E, por mais que eu soubesse que ela amava muito o Maurício, sabia que ela me amava muito mais. Por eu ser tudo aquilo que ela não foi. Isso é, até eu contar. E tão rápido quanto as palavras pronunciadas, houve apenas um engasgo e lágrimas copiosas. E esse algo que ela tinha por mim morreu nesse momento, quando cheguei a pensar que tudo começaria ali, no momento em que contei. Achei que iria experimentar uma liberdade que nunca vi chegar, que foi apenas mais uma prisão.

Insistente, ainda tentei continuar um assunto que não tinha próximos passos certos. Ela apenas ignorou tudo o que eu falava. Algo contraía o seu rosto.

– Seu pai anda preocupado com você...

E tudo começou de quem eu menos esperava, da pessoa por quem eu acreditava apenas sentir mera obrigação pela minha existência, típico do filho que não conseguiu cumprir suas obrigações de macho, como tomar cerveja, falar de futebol e iniciar minha vida sexual com a mesma prostituta que ele.

– As pessoas estão começando a falar... Falar sobre a sua sexualidade.

Ela cita mais uma lista de nomes, que eram apenas nomes para mim. Nomes de recordação, para me identificar como pessoa e pontuar certas passagens de minha vida. Pontuar apenas, para aparecerem como coadjuvantes até aquele dia.

– Foi o Maurício que falou com o pai, não foi?

Ela mal conseguia mentir. Seu olhar fugidio. Ao mesmo tempo, eu mal sabia o que fazer. Não era para ser daquela forma, eu não estava preparado. Não mesmo. Eu até sabia o quealaria se a situação fosse outra.

– Mas eu disse para eles que estavam enganados. Que te conhecia muito bem. O suficiente pra saber que você não era. Que não mentiria esse tempo todo...

– Eu sou gay, mãe – falei e a encarei sério, espremido em um turbilhão de sentimentos que acabavam se resumindo num vazio imenso. Porque, de todas as pessoas, eu me preocupava mais com ela, com sua fragilidade materna e sua ingenuidade calculada e protetora. Ela começou a rir, quase histérica, um olhar oblíquo, louco. Olhos marejados, todos os seus sentimentos espargiam como uma grande onda, uma vaga furiosa tomando conta do quarto. Eu conseguia sentir a água fria nos meus pés.

– Você está aceitando melhor do que eu imaginava...

– Como? Você... Você não está brincando...

Depois veio o cheiro de sal e estávamos submersos. As lágrimas da minha mãe caíram até me afogar, com a espuma de suas perguntas, a luz do sol me fugia.

– Desde quando você sabe?

Sentada no sofá, ela parecia cristalizada naquela pose de assombro. Ela não mais me reconhecia. Agora era apenas um filho que ela guardava nas suas melhores recordações. Mas, aos poucos, ela ia rasgando cada foto dessas memórias. E quando achei que ela deveria gritar, apenas me encarou perplexa por minutos que eu não aguentaria se ainda não estivesse afundando no azul de minhas dores. Não a ouvi sair da minha vida, escutei somente o barulho da porta se fechando em um lugar escuro do nosso relacionamento juntos.

– Há algum tempo.

– E você nunca me contou?

Estávamos sentados cara a cara tão próximos que poderíamos nos acenar através do desfiladeiro, cheio de pedras pontudas. E ela se jogaria, com certeza se jogaria.

– Eu ia contar...

– E eu te defendi esse tempo todo...

Súbito, deixei minha piedade no fundo e emergi como a pessoa que havia se escondido todo esse tempo.

– Eu nunca pedi que me defendesse. Não há motivo algum para me defender. De nada!

Vociferei e chegamos mais perto ainda. E, então, o desfiladeiro sumiu. Porque agora éramos o que realmente deveríamos ser desde o começo. Nós arrumamos nossos lugares no tabuleiro e esquecemos que, um dia, fomos melhores amigos. Assumimos os nossos postos de adversários, antagonistas.

– Eu não sei se posso aceitar isso... Eu não sei como.

– Mas por que tanto sofrimento? Não é você que tem que aceitar nada, nem sofrer...

– E você deve? Você sofre? Aparentemente, você aceitou tudo normalmente, parece feliz...

– Só porque não choro como você? – e ela continuava chorando, o orgulho destruído.

– É difícil eu ter de lidar com isso...

– Mas você não deveria ter de “lidar” com isso. Só porque as pessoas acham mais comum homens e mulheres formarem casais?

Naquele momento tomei lugar de algoz. Naquela hora, sentia asco pela mulher que me carregou por meses dentro dela e me rejeitou em segundos. Por um momento, me perguntei onde estaria minha mãe, minha melhor amiga. E anos queimaram quando ela, enxugando uma lágrima que caía do seu queixo, me olhou com raiva e desprezo. O mesmo questionamento devia estar passando pela sua cabeça: Onde está o filho que eu conhecia? Percebi que não nos conhecíamos mesmo. Já estávamos, há muito, afastados e nem sabia o porquê. E pensei que poderia sentir a mesma raiva e o mesmo desprezo, mas agir daquela forma parecia tão inútil quanto chorar. Chorei mesmo assim.

Não lembro o que foi dito depois daí. Ela me chamou de egoísta por achar que deveria aceitar minha orientação com toda normalidade de respirar um pouco de oxigênio.

– Não consigo mais conversar, mãe! – falei antes de me debulhar em lágrimas. Isso não estava nos meus planos. A Bia estava no quarto dela, Maurício estava no dele. Tinha quase certeza que seu ouvido se mesclou à porta só para ouvir cada detalhe do que estava acontecendo. Meu pai ainda estava no trabalho, a casa estava silenciosa e o dia acabando. Tudo acabando. O céu já tinha se despido de suas cores e eu estava no meu quarto, o som dos fones abafaram meus soluços até conseguir dormir.

– Mãe!

Era a voz de Bia. Um grito próximo do seu quarto. Puxei os fones de ouvido com força e tentei me levantar. Tropecei na minha própria perna e caí no chão. Gemi de dor e me levantei quase que instantaneamente, saí do quarto e encontrei o corpo da minha mãe caído no corredor. Bia chorava e tentava reanimá-la sem sucesso.

– O que aconteceu, Bia? – o desespero estava presente no tom, nos gestos, no jeito como balancei minha mãe pelos braços e murmurei seu nome repetidas vezes. As lágrimas começaram a cair e sabia exatamente por que tudo aquilo estava acontecendo. Porque eu era egoísta. E minha mãe passou a ter razão.

– Desculpa, mãe, acorda, por favor...

Bia gritou mais vezes e Maurício saiu do quarto, me empurrando com força e levantando nossa mãe nos braços.

– Sai da frente, seu idiota!

Meu ombro doía e acompanhava a dor da minha perna. As lágrimas pararam ali. Meu pai abriu a porta no final do corredor e todos estavam acompanhando Maurício, que deitava o corpo de minha mãe na cama. Mesmo de longe, vi seus olhos se abrirem um pouco. Bia correu para cozinha em busca de um pouco de sal. Meu pai se vestia, pronto para levá-la para o hospital. Eu sabia que minha mãe me via ali no final do corredor caído, estático. Ela lambeu o pouco de sal na mão de Bia, tentando equilibrar sua pressão.

– Já estou melhor. Não precisa se preocupar... – disse quando olhou para meu pai todo pronto.

Ali estava o olhar de fúria de meu irmão e, ao mesmo tempo, a satisfação no jeito como ele parecia encarar a situação. Tudo aquilo prenunciava algo muito sutil que, um dia, no futuro, eu conseguiria apenas identificar como a caixa de Pandora sendo aberta, displicentemente, por um garoto como ele.

Voltei para o meu quarto, despercebido. Uma lágrima caiu no chão e esse parece ter sido o único vestígio que deixei de todo o acontecimento. Depois daquele dia, quase todos ali presentes se esforçaram ao máximo para esquecerem tudo. O que viram e o que não viram. O resto foi distorcido com o tempo, tudo muito mesclado,

cambiando com os humores da família, cada um tentando segurar um fragmento que se despregava do retrato na mesinha de centro.

Eu sempre achei que tudo começou a desmoronar porque eu me assumi. Agora, acredito que nada desmoronou. Minha família apenas arranhou um motivo concreto para me segregar.

– O quê? – meu pai vociferou, olhos vermelhos, não sei se pelas lágrimas derramadas pela minha mãe ou por puro ódio.

– Eu preciso repetir de novo para que você entenda, pai? – minha frase foi interrompida por um soco bem dado. Caí no chão e torci para me deixarem assim. Eu sabia que ele escutava no quarto. Bia tentou segurar meu pai, chorando. Mas ela era apenas uma menina na época. Meu pai a empurrou sem esforço.

– Como você pôde falar algo desse tipo para sua mãe? Você a conhece. Sabe que não aguenta esse... Esse tipo de coisa. Levanta, seu merdinha! – ele me puxou pela camisa e me colocou sentado no sofá. Sempre tive certeza de que meu pai amava minha mãe. Muito. O soco foi a prova física e muito dolorosa de que, se alguém a machucasse, consequências chegariam galopantes num forte cruzado de direita. Ele andou de um lado ao outro, esfregando a mão no rosto, outra firme na cintura. Talvez não fosse raiva. Ele sabia que eu sempre tinha que trespassar a linha da segurança silenciosa do lar e falar algo completamente inoportuno. Sempre foi assim. Enquanto ele respira pesado, lembranças perpassam minha cabeça.

– Nossa! Que lindo kit! Os sabonetes são tão cheirosos... – minha avó falou comigo sentado em seu colo enquanto abria o presente de aniversário que levamos para ela.

– A gente ia comprar o outro. O maior. Mas minha mãe achou muito caro... – falei e consegui sentir os olhos de meus pais pesarem sobre mim.

Não lembro quantos anos tinha. Mas essas situações sempre se repetiam.

– Você não deveria ter contado.

– O que eu deveria fazer? Viver mentindo? – Bia se sentou à mesa da sala de jantar e escutou tudo, preocupada, olhos inchados.

– Isso é um assunto que só interessa a você! – a voz de meu pai flutuava entre timbres mais elevados e apenas severos. Ele se continha. Cadenciava cada palavra para não perder o controle e me esmurrar de novo. Mas eu nunca realmente esqueci. Naquele momento, até senti um pouco de culpa.

– Nós vamos esquecer esse evento de hoje – depois achei que realmente deveria guardar aquilo para mim o resto da vida. Imagens projetavam-se no fundo da minha cabeça, me mostravam enterrando meus pais. Seus rostos eram jubilosos simplesmente porque eles não sabiam que eu gostava de outros caras. Depois, imagens do meu casamento e de toda a perfeição que se seguiria. Minhas escapadas para alguma sauna, os encontros para sexo anônimo com outros homens casados, segurando algum pau com a mão que preservava minha aliança.

– Eu precisava falar. Pesava demais. Vocês são meus pais – chorei novamente.

– Quero que você entenda uma coisa – meu pai segurou meus ombros firmes, seu rosto a poucos centímetros do meu. – Enquanto você viver sob esse teto, nós não falaremos sobre esse assunto. Você se comportará como um garoto normal. Estamos entendidos?

Silêncio. Abri a boca sem palavras. Acho que foi a última vez que temi meu pai. Ele estava falando muito sério. Ele faria de tudo para proteger minha mãe. Alguma coisa de certo eu sei que ele fez na vida, além de me sustentar financeiramente por certo tempo.

– Estamos entendidos? – ele repetiu incisivamente.

– Sim, estamos.

– Agora, vão para os seus quartos.

Naquele dia, eu realmente cheguei a pensar que deveria me comportar como um menino. Um menino padrão, quase robô. Lembro que havia dias que eu tinha feito exatamente isso, desempenhado um papel de bom garoto heterossexual. Até descobrir o que normal realmente significava para meus pais. Para a sociedade. Dormi com culpa, meus olhos pesaram de culpa. Acordei, porém, com apenas uma

coisa decidida. Eu sairia de casa o quanto antes. Não importava de que jeito.

RICARDO

Nenhuma lágrima desde o hospital até aqui. E eu pensei que conseguiria. Sou muito travado mesmo, preso em milhares de regras silenciosas. Meu terapeuta ficaria orgulhoso de saber que cheguei a essa conclusão, feita por conta própria.

Acendo a luz da sala bonita e organizada, mas nada funcional, tudo muito desconfortável. Os sofás muito quadrados como caixas pretas, montadas sobre suportes metálicos e frios. Nem me lembro da última vez que me sentei em um deles, todo pretos, uma mesa redonda, branca, no centro. É clean, foi o que a decoradora disse. Uma merda isso sim. E eu aqui, pensando em decoração, logo depois que meu melhor amigo morre. Parabéns, Ricardo! Bem humano da sua parte, sem lágrimas, sem drama, sem frescura. Pego uma cerveja na geladeira.

Sento nas caixas pretas. Esses sofás não são confortáveis. Encosto a cabeça e sinto meu pescoço dobrar, o ar passando pela minha garganta e descendo fundo, tocando meu peito e, ainda assim, nada. Fernando. Ele realmente cresceu. Mas já faz tanto tempo, o que eu poderia esperar? Quando foi a última vez que tinha falado com Maurício? Eu nem fui convidado para o casamento dele. Grande melhor amigo ele foi. E foi mesmo, por um bom tempo de minha vida. Até quando mesmo? Não lembro.

Me concentro no aro da latinha de cerveja. Enxergo minha sala estaticamente organizada pelo aro de alumínio. Observo cada centímetro daquela caixa que é minha vida, me sinto completamente alquebrado, seco por dentro, ventos que percorrem as paisagens desertas do meu vazio. Deixo a lata de cerveja em cima da mesa de centro. Estendo meus braços. Sei que tudo funciona nessa sala. Mas tudo funciona sem perceber a sutil noção, a diferença humana, a perda. Ele se foi. Mesmo.

Fernando saiu sem, ao menos, se compadecer de toda a situação, da família destrocada. Filho da puta, isso sim! O irmão morre, e aquela bicha só consegue pensar em fumar.

Suspiro e fecho os olhos. Lembro-me do seu cabelo molhado, ele é quase da minha altura. E olha que sou um cara bem alto. Ele não parece em nada com o

Maurício, nada com a família. Lembro-me de quando o Maurício me contou sobre como ele se assumiu. Nunca vi dois irmãos se desprezarem tanto. Talvez Mau só quisesse que o Fernando não tivesse que passar por todo o preconceito, mas mesmo que tenha sido isso, ele não ajudou muito.

Ele não disse nenhuma palavra, apenas partiu. O Maurício também foi embora agora. Como tudo foi acontecer tão rápido e fui chegar apenas no final?

Experimentei perdas em diferentes sentidos, em diferentes níveis. A dor nunca foi a mesma e nem sempre significava soluços e lágrimas. Fui aprendendo a conviver com a perda, sempre achando que havia algum significado escondido em cada uma delas, esperando algo melhor. Um dia, acreditei ter achado o que estava procurando. Aquilo que faz tudo se encaixar nos lugares, lugares que você nem sabia que existiam e um tudo que você desconhecia ser tão imenso. Era uma felicidade diferente por causa do seu silêncio e dolorosa pela sua perda. Ninguém pensaria que, com meu histórico, esse tipo de prêmio se ficaria muito tempo ao meu lado.

Existe algo mais doloroso que não poder falar sobre a sua dor? Acho que esse é o problema da humanidade. O silêncio. O calar inconsciente, aquela sensação de que não podemos dividir, de que não podemos compartilhar nossas feridas, de que somos solitários em nossos próprios sofrimentos. E isso tudo é valorizado, esse silêncio é associado à coragem, à valentia. Todos queremos parecer fortes. Grande merda. Sou um lobo solitário em uma sala sem vida com uma latinha de cerveja mais solitária ainda e insuficiente para narcotizar a minha apatia. E, quando realmente descobrir que meu melhor amigo morreu, acho que será tarde demais para falar algo ou sofrer de verdade. Tudo o que eu poderia compartilhar está mais do que enterrado a sete palmos da minha covardia, concreto e lápide comportamentais. Mas o que tenho para compartilhar? Ele morreu mesmo.

O melhor é dormir, começo cedo amanhã. Tudo recomeça. Eles me chamaram para o funeral, mas há tanto tempo que não via Maurício. E agora? Pois é, rapaz! O mínimo que você poderia fazer pelo seu melhor amigo é derramar uma lágrima.

Mas ninguém está aqui para olhar. Nem mesmo você.

BEATRIZ

Minha família nunca foi muito dada ao silêncio. Antigamente, eu costumava achar que ela era até muito barulhenta. E não o barulho feliz de uma família reunida na cozinha preparando um almoço dominical. O barulho da minha família sempre significa uma discussão. Se eu tivesse que tentar adivinhar, diria que minha família tem uma descendência espartana. Nós nascemos beligerantes. Na verdade, acho que isso nasceu do meu pai, e se espalhou mais para o lado masculino da família. Os homens da família sempre pareciam viver em pé de guerra. As mulheres, minha mãe e eu, também participávamos, mas de um jeito mais mediador, mesmo que ainda nos exaltando e levantando nossas vozes.

Ao que parece, hoje, as guerras deram trégua. Um dos nossos morreu, diria meu pai em seu papel de Leônidas. Maurício morreu e, pela primeira vez, o silêncio se tornou um conforto. O silêncio nos segue até o carro e permanece ao voltarmos para casa, enquanto levamos Amanda e Renan para a casa deles. Olho para o encosto de cabeça do banco do passageiro, no qual minha mãe não se mexe. Meu pai está concentrado no caminho, seu rosto contraído, com uma expressão que conheço muito bem. Principalmente, depois que o Fê se assumiu.

– Seu irmão, viu? Nem em momentos como este...

Quando abracei o Fê no hospital, me vi alimentar um pensamento egoísta e muito triste. Achei que aquele poderia ser um momento para recriar todos os outros. Juro que pensei que a morte do meu outro irmão poderia trazer algo de bom. E, enquanto pensava isso, minhas lágrimas só aumentavam. Porque senti culpa. Como se estivesse escolhendo um irmão em vez do outro, tomando lados que não existiam mais. De brigas que nunca mais aconteceriam. No fundo, queria poder tirar algo de bom do silêncio que veio com a morte do Maurício. A tendência será contrária. Tudo só vai piorar e, no fim, perderei dois irmãos, em um único acidente de carro. Aperto minha mão sobre a alça da porta, como se estivesse prestes a me chocar contra algo, me preparando para uma batida iminente. Observo os cintos de segurança dos meus pais presos e seguros.

Fecho os olhos e deixo o silêncio também cobrir minhas imagens, soterrar minhas pálpebras pesadas. Lembro-me de uma época em que éramos realmente

irmãos. Lembro que nós três tivemos momentos de muitos barulhos felizes, divertidos. Em que ponto eles terminaram? Em que ponto eu virei o único motivo que impediria que os dois se matassem? De verdade, não apenas em palavras, em humilhação.

– Posso brincar com você? – ele fala pequeno e tímido abrindo a porta. Ainda menor, a menina de sardas olha com uma expressão maternal, com sua experiência entre bebês de borracha.

– E o Maurício? – o silêncio dele é uma resposta. A outra é sua primeira atitude. Entra devagar, fecha a porta, vai para uma pilha de brinquedos e resgata um grande urso de macacão azul. Ele senta ao lado da menina, que segura duas bonecas loiras em frente a uma casa aberta transversalmente.

–Você quer brincar de super-herói? – essas eram suas brincadeiras: transformar ursos, bonecas e bichos de pelúcia em uma equipe de combate ao crime. Ela mesma tinha seu tempo para enjoar das tramas novelescas em que colocava suas Barbies. Quando Fernando chegava, ela poderia surrar meninos sem precisar pedir desculpas e sua imaginação perdia os limites.

– O que vocês estão fazendo? Fernando! O que você está fazendo aí brincando de boneca? – imediatamente, o urso cai de seu voo para resgatar reféns na casa de bonecas.

– Não é boneca, pai! – Ela tenta responder em vão, com medo de perder seu parceiro de aventuras.

– Largue isso! Vá para sala com seu irmão – ele puxa o menino pela orelha. Ele cala e engole o choro. Mais uma lição de como ser homem. Desde pequeno. – Se eu te ver brincando de boneca de novo, você vai levar umas belas de umas palmadas. Tá me ouvindo, rapaz? – ela escuta já com a porta aberta. Mais um barulho.

Acordo com o som de Amanda se despedindo de meus pais do lado de fora do carro. Foi nesse momento que tudo começou? Que meus pais notaram que o Fernando era diferente do Maurício? Diferente daquilo que meu pai esperava para os homens de sua legião? Ele esperava homens que endurecessem, que aprendessem com as palmadas e puxões de orelha. Que saíssem calejados para o mundo. Engraçado: gostaria de saber o que meu pai pensa agora que Fernando realmente

ficou duro, distante. Os poucos momentos que me lembro do menino e seu urso-herói é quando estamos sozinhos. Fora desses momentos, sinto que meu pai realmente conseguiu o que ele queria, tornar o Fê um “homem”. Um homem com tanta dor e mágoa que, na maior parte do tempo, ele só sabe lidar com isso brigando.

Lembro-me que o Maurício está morto. Massageio minha testa dolorida da pressão que fiz sobre o vidro da janela. Ainda seguro a alça da porta com força. Minha relação com ele nunca foi a mesma que tenho com o Fê. O Mau foi sempre autoritário como meu pai, mas mais cheio de si, cheio de suas verdades particulares. Não havia moeda de barganha com ele. Ainda assim, ele conseguia te conquistar daquele jeito charmoso dele, sempre que precisava conseguir algo. Tive muitos momentos amigáveis com ele, entrecortados de momentos muito ruins. Sinto-me egoísta novamente ao pensar que, por acaso, escolhi um irmão em detrimento do outro. Mas como negar que o Mau sempre teve uma vida que não respirava o mesmo oxigênio dos outros? Na verdade, vivi com dois irmãos que tiveram vidas bastante particulares. Privadas ao máximo, privadas de outras pessoas. Até com o Fê eu posso dizer isso. Ele sempre foi um grande amigo, mas, ainda assim, sempre me senti incerta em como me identificar com a dor dele. Deles.

– A conta está errada, filho! – ela falava tentando ser uma boa professora e não um carrasco. Seus três filhos estavam na mesa, todos com seus cadernos, concentrados, cada um com sua conta, com seu resultado. Mas só o de Maurício não batia. – Você precisa se esforçar um pouco mais e você vai conseguir.

A menina olha para seu irmão. Ele a olha com uma expressão resignada. Mas, em algum ponto de sua íris, uma raiva contida tentava mostrar sua cor. Maurício corta essa intimidade para encarar seu irmão, mesmo que por segundos. A raiva parece permanecer. Bia apenas acompanha. Fernando continua ali, absorto em seu dever de casa, como se nada pudesse mudar sua realidade de filho com as melhores notas.

– Posso ir ao banheiro, mãe?

– Pode, Maurício.

Bia acaba seu dever de casa e logo depois Fernando acaba o dele. Os dois se preparam para dormir, quando Maurício sai do banheiro. Ele volta à mesa para mais alguns minutos de tutoria, depois que sua mãe premia seus outros dois filhos com medalhas invisíveis. Bia sente o olhar do irmão ao sair para o seu quarto. Ele é o

mais velho, suas lições são mais difíceis, certo? Antes de entrar para dormir, passa no banheiro e tranca a porta. Bia senta no vaso sanitário e olha em volta como se algo tivesse mudado. A toalha sobre a barra de metal, ela não está mais reta, ela ondula como um mar revolto. Grandes ondas de surfe, pensa. Inconstantes. Depois de terminar e se limpar, ela segura a barra de metal. Afasta um pouco o tecido e vê que as ondulações existem realmente. Elas estão ali. Não mais uma linha reta. Não mais uma linha reta e firme, mas cheia de altos e baixos. Feitos à mão. Olha para a toalha de rosto, pendurada no mesmo tipo de suporte de metal. As mesmas ondas. Depois de dormir, ela acorda para usar o mesmo banheiro, mas o mar da barra de ferro havia se aquietado. Os seguradores das toalhas estão rentes novamente como se tudo não tivesse passado de um pouco de imaginação infantil. Vai à cozinha para tomar café e ali estão seus dois irmãos. O Maurício está com o mesmo ar ensimesmado, o mesmo olhar na direção de Fernando. Ao sentar, a menina mal pode compreender porque as ondas apareceram e desapareceram. Mas sabia que vinham do mesmo mar proceloso que dividia seus dois irmãos.

Quando acordo novamente, já estou na minha cama. Devo ter apagado com o cansaço e meu pai me carregou até aqui. Esfrego os olhos e levanto devagar, sentindo aquelas dores pequenas de não dormir do jeito errado. Agora só resta dormir de novo e acordar para um dia de cursinho. Um dia sem o Maurício. Um dia de lamentações. Um dia sem saber como serão os próximos. Coloco os pés no chão e tiro a roupa que coloquei para ir ao hospital. Troco por uma camisola com um grande urso na frente. Acho que está na hora de comprar alguma roupa para dormir que não me infantilize tanto. Agora sou o homem da casa, sou a única filha que meus pais acham que têm. Eu preciso ser mais do que uma menina em uma camisola de urso.

Vou para a sala e observo tudo escuro e apenas o ressonar do meu pai no quarto do fim do corredor. Tudo foi se esvaziando: primeiro com Fernando saindo de casa na primeira oportunidade; depois com o casamento do Maurício. Tudo quase vazio. Sento no sofá e encaro a televisão também desligada. Estou no meio de outros lugares vazios. Esse sofá já teve momentos melhores com os três, os três juntos. Mas quando foi que todas as memórias boas foram trocadas pelas ruins? Só pelas ruins?

— Me dá o controle, Bia! — ele tentou alcançá-lo, mas eu fazia de tudo para mantê-lo entre meus dedos.

— Eu cheguei primeiro e o videogame é dos três! — gritei, achando que a minha lógica fosse convencê-lo a parar de puxar meus braços e me empurrar de um

lado para o outro, como se meu peso não fosse nada. Toda essa cena parece se formar aqui, na mesma sala em que tinha acontecido.

– O que é que vocês querem gritando desse jeito? – Quando o Fê chegou, eu nem me dou conta de sua presença. Minha força está concentrada em segurar o controle como se minha vida dependesse disso. Como se meus direitos naquela casa dependessem daquela vitória. O de mostrar que eu, mesmo menina, poderia usar o videogame.

– Sai daqui, Fernando! – Maurício gritou só para se voltar para mim e falar com uma voz que poderia ser de um gigante, de um ogro. – Me dá esse controle, senão eu arrebento sua cara! – Nem parecia a voz dele. Nem parecia ele. Meus olhos se encheram de lágrimas e senti meus dedos fraquejarem. Eu tentei buscar o Fernando no meu campo de visão, mas ele não estava mais no mesmo lugar. Senti meus braços ficarem livres, fechei os olhos e achei que era aquele o momento inicial do “arrebentar minha cara”.

– Vai fazer o que, seu covarde? Vai bater numa menina? Numa criança? – Fernando estava nos separando com o corpo, e os olhos dos dois travavam uma batalha para ver quem conseguiria incinerar o outro com raiva. A voz do Fernando não parecia a dele também. – Sai daqui, Bia! Vai falar com o pai! – Eu saí correndo, chorando. Os dois continuaram na mesma posição, medindo forças.

Agora, estou na mesma sala. Sem os dois, sem rivalidades, mas sem irmãos. E, talvez, depois de hoje, também sem família.

FERNANDO

Estou segurando uma parte do storyboard da campanha de um novo shopping center quando o vejo pela porta de vidro da sala de reunião. Acho que tenho um sexto sentido para essas coisas. Ele está de terno de novo e a gravata também, a barba feita.

– Eu já volto, gente – saio da sala e continuo a observar meu visitante ao descer as escadas da agência. Uso calça social com riscas de giz, tênis All Star vermelho e uma camisa verde cheia de desenhos mirabolantes, óculos de acetato negros. Ele, com certeza, ficou me observando durante cada degrau.

– Veio continuar sua campanha contra o tabaco? – questiono, ao chegar à sua frente, na mesa da recepção.

– Eu já estava te ligando, Fê. Esse é...

– O Ricardo, amigo do meu falecido irmão Maurício.

– Nossa, Fê – a recepcionista começa – não sabia que seu... Sinto muito.

– É. Guarde suas formalidades pra algo que eu me importe, Rê. Pode me acompanhar até minha sala, senhor Ricardo. Rê, avisa pro pessoal da reunião de criação que vou demorar uns instantes. Obrigado.

Vou à frente. Mal olho para o seu rosto e ele também não me fala nada durante todo o caminho. Entramos e deixo-o passar. Adoro roupas sociais pelo único fato do tecido salientar as partes anatômicas mais divertidas do ser humano. Resumindo: o senhor Ricardo tem uma bunda linda. Peço para que ele sente e faço o mesmo na minha cadeira de couro de respaldo alto. Ele permanece rígido, como uma estátua de cera, todas as suas pequenas restrições visíveis ali. Ele não tem qualquer defesa contra a imprevisibilidade desse meu mundo, tão diferente de seus minutos contados e sua vida corporativa chata. Aposto que a vida sexual dele deve ser tão excitante quanto um filme do Bergman. Seus olhos cor de mel estudam cada objeto da minha mesa: fotos com amigos em festas cheias de história para contar; papéis e

relatórios bagunçados sobre uma pasta... Ele não pode parar de tentar dar significado para cada um dos elementos com os quais o seu olhar se confronta.

– Aceita algo?

– Não, obrigado.

– Então, Ricardo, o que você quer?

– O funeral de seu irmão...

– Espero que tenha ocorrido tudo bem.

– Ainda não aconteceu.

– Droga! – Suspiro e sorriso sarcasticamente.

– Será amanhã. Sua família tem tentado...

– Eu sei. Identificador de chamada é qualidade de vida.

– Você os tem evitado propositadamente?

– Você realmente quer que eu fique confirmando obviedades ou prefere poupar seu tempo e ir embora logo? Aposto que esse seu terno serve para mais alguma coisa, além de valorizar sua bunda.

– Como é que é? – ele parece confuso e quase irritado. Mas ele sabe que não pode ficar irritado. Nesta negociação em particular, eu estou no lado de exigir e ele apenas de aceitar minhas condições. Antes fosse algo que eu realmente quisesse, estou apenas sendo um pouco sádico mesmo. Eu poderia me divertir com o novo animalzinho da minha família, o garoto de recados dos meus pais, pronto para tentar me influenciar de alguma forma. Será que ele vai me convidar para tomar uma “breja”? Falar sobre futebol ou me levar para algum puteiro escondido e escuro para uma orgia com bocetas descartáveis?

– Sim, estou evitando. E não, não vou comparecer ao funeral.

– E posso saber por quê? Preciso dar uma resposta para eles.

– Virou mensageiro agora?

– Estou apenas fazendo um favor.

– Eu poderia fazer uma lista de motivos e até ordená-la cronologicamente ou por importância, mas eu realmente não vejo mais graça em nisso. Um simples “porque não estou a fim” serve? Ou você quer que eu minta descaradamente só para não ferir os sentimentos que você acha que minha família possui?

– Como você pode se comportar assim em relação à sua família? – seu rosto fica rígido, seus maxilares marcando o teor de seriedade, da importância que aquilo significava para ele. E o que significava? Levanto-me e vou até a porta para abri-la.

– Acho que você veio mesmo terminar aquele sermão. E desde minha adolescência eu não aceito esse tipo de conversa fiada. Nem da minha família – ele se levanta com sua brega valise de couro.

– Desculpe. Não foi minha intenção.

– Nunca é a intenção de ninguém.

– Será que não posso te oferecer um almoço e te convencer a comparecer ao funeral?

– Você pode oferecer o almoço, mas o máximo que vai conseguir é pagar a conta no final.

– Então você aceita?

– Eu escolho o lugar.

Dane-se. O que custa ouvir mais alguns minutos de uma pessoa que acordou

com espíritos altruístas? Ganharei um almoço de graça e a possibilidade de infernizá-lo mais um pouco. Como é divertido esse passatempo de forçar os limites de uma pessoa. Como quando entramos no restaurante e a primeira coisa que ele vê é um casal de homens com mãos entrelaçadas sobre a mesa. ou o maître, visivelmente secando seu corpo. É tão divertido.

– Você sempre vem aqui? – ele pergunta tentando não olhar em volta.

– Na verdade, não. Aqui é muito gay – sorrio.

– Então. O funeral será amanhã pela manhã. A previsão é que seja em torno das oito horas no cemitério da Consolação.

– Quem disse que eu irei?

– Por que não? Ele é... Era seu irmão.

– Ele foi tudo, menos irmão.

– Ele era uma boa pessoa...

– Sabe, depois que você se apresentou no hospital, usei toda a minha agenda mental de rostos para descobrir de onde eu te conhecia. Não consigo me lembrar de nada. Você não apita.

– Apita? – Ele me olha confuso bebendo um suco.

– No meu radar de recordações, claro! Por que você se importa tanto com meu irmão? Não me recordo de ninguém mencionar seu nome, nem mesmo a Bia.

– Estudei um tempo no exterior – ele engole em seco e sinto o cheiro de mentira tentando ser escondida.

– Quanto tempo?

– Três anos.

– Nossa! Bastante tempo!

– MBA em gerenciamento de importação e exportação.

– Pomposo – falo sorrindo. – Bastante tempo mesmo! Não gostava do Brasil?

– O curso no exterior era mais conceituado.

– E o curso durou três anos? – Bebo um pouco do meu vinho. Os olhos dele fogem e, por um momento, me compadeço do esforço dele. Ele existe. Em algum lugar que ele tentou enterrar com uma pá de cal, mas eu sei que descobrirei.

– Um.

– Os outros dois foram porque você gostou muito de... Onde você fez o MBA mesmo?

– Nova York.

– Explicado. Adoro Nova York.

– Sim. Um lugar lindo...

Estalo as dobras dos dedos e quase bocejo. Não está sendo tão divertido quanto eu imaginei

– Quanto ao funeral. Seria adequado se você se vestisse de... – ele olha para a estampa caleidoscópica da minha camisa.

– De preto? Ou de forma menos extravagante? – Faço um volteio com a mão, como um cabeleireiro afetado de segunda.

– De preto.

– Mas eu não vou para o funeral.

– Sinceramente, o que você tem contra seu irmão? – ele fala rispidamente, imbuindo-se de um poder que ele não tem: o de me julgar, o de me olhar como se fosse algo terrivelmente errado.

– Sinceramente, tornando uma história longa num ponto final pra minha simpatia com sua causa missionária: não sei se você percebeu, mas eu sou gay. E minha família nunca aceitou muito bem a ideia – eu gargalho – e o engraçado é que, mesmo antes de me assumir, meu irmão não me suportava. E fez de tudo para que eu soubesse disso. Todas as formas mais cruéis que um irmão de verdade nunca imaginaria. Se isso não serve de motivo razoável para você deixar de encher meu saco, não consigo imaginar outra razão.

– Sua família se importa.

– O que é você? Um disco arranhado de autoajuda? Você não tem nenhum sopão pra distribuir para mendigos? Quando foi que você resolveu me tirar para sua boa ação do dia?

– Não é isso...

– Incrível! Arranjei outra razão pra você me deixar em paz – pego meu casaco da cadeira, e, antes de sair rapidamente pela porta do restaurante, digo no seu ouvido, sobre seu ombro – Vai se foder!

Eu realmente preciso pensar em outras saídas triunfantes. Não posso ficar mandando todo mundo se foder.

BEATRIZ

Ao descerem o caixão, olho para o lado em que Fernando deveria estar, com sua família. Com nossa família. Mas ele não está. Meus olhos doem de lágrimas que já foram. Mesmo depois do tempo, mesmo que pouco, não pude deixar de chorar. Meus pais choram desde o dia do acidente. Será que Fernando chegou a pensar na morte, na batida de carro? Minha mãe aperta mais um pouco minha mão e eu aperto o meu vestido preto com os dedos da mão livre. Olho para o chão, não consigo mais encarar o caixão. Eu queria ter forças para consertar essa família, pegá-la pelo braço e mostrar que há um caminho mais fácil. Mesmo com dor, mesmo com memórias ruins, mesmo com gritos e ressentimento. Há um caminho mais tranquilo, mas minhas mãos não são longas o suficiente para alcançar os dois lados, esses dois lados opostos que na verdade me puxam e me dividem, me diminuem e me transformam nessa garotinha incerta que eu pareço ser.

Ele aparece novamente, um pouco distante do grupo de familiares, mas ele está aqui de novo, o amigo do Maurício, o Ricardo. Ele conversou pouco com meus pais no hospital. Ainda assim, parece que eles confiam o suficiente nele para deixá-lo entrar no nosso círculo e nos ajudar a nos recuperar. Olho para ele, longe de outros amigos do Maurício ele parece tão deslocado. O rosto estático e sem expressão. O que os amigos do Mau devem estar pensando agora? Olho de soslaio para Amanda e Renan.

Ele foi capaz de alimentar o amor em muitas pessoas, aparentemente. Por que isso não foi possível com o Fê? O que aconteceu de errado? Olho mais uma vez para o Ricardo e, pela primeira vez, ele reconhece meu olhar. Seus olhos tentam me consolar com uma compreensão que parece desengonçada.

“Se você der em cima de minha irmã, eu quebro sua cara de novo, pivete!” É desse momento que me lembro do Ricardo, quando ele segurou um ex-ficante meu. Na verdade ele e meu irmão seguraram. Tínhamos ficado algumas vezes quando tinha 14 anos e só o Fê sabia de tudo, do nosso rolinho de adolescente. E, um dia, em uma festa dessas de playground e adolescentes se beijando escondido, eu peguei o mesmo garoto ficando com outra colega de classe. Passei dias correndo desesperada atrás do que, hoje, chamo da minha primeira paixonite. Ele me ignorou. Eu sofri daquele jeito infantil e cheio de lágrimas. Foi quando Maurício descobriu, quando

ele ouviu uma conversa minha e do Fê. Um dia, depois da escola, encontrei os dois batendo no garoto. O Alexandre. Assim que eles me viram, o Ricardo o soltou e ele e o Maurício saíram andando como se nada tivesse acontecido.

Descobri que esse era o jeito do Maurício demonstrar que se importava. Protegendo sua família com socos e ameaças. O engraçado é que esse era o mesmo jeito que ele nos tratava quando queria nos agredir. O amor bruto ainda pode ser amor? Como salvá-lo da distância? Das diferenças? Como estender a mão e guiá-lo para um lugar mais seguro? A culpa me cutuca fria nas costelas. Sinto-me culpada por não ter identificado o amor de Maurício mais vezes. Reconhecê-lo. Era isso que eu deveria ter feito: alimentado o lado bom dele, mudado tudo com um pouco de compaixão. Caio em mim com o peso de achar que fomos negligentes com o Maurício, que os problemas dele podiam ter sido tão grandes quanto os dos Fê. A pressão foi a mesma. Para os três. E eu, mais uma vez, tento vestir minha capa de salvadora do dia. Mas, dessa vez, eu cheguei um pouco tarde demais.

Acho que o Ricardo deve estar pensando no mesmo instante, nesse mesmo momento de cavalheirismo e fraternidade bruta em que meu irmão resolveu proteger minha honra. Eu queria que ele estivesse aqui. Queria ter mais uma chance de trazê-lo para perto.

Estamos reunidos em um círculo ainda perto do lugar em que o Maurício foi enterrado. Meus pais conversam com parentes que tentam acalentá-los daquele jeito familiar sempre acolhedor, mas sempre sem certeza. O que eles podem dizer que possa melhorar tudo? Nada. Olho, fixamente para o grupo, torcendo para conseguir falar com o Fernando ainda hoje, uma ligação, um encontro furtivo. Ou, pelo menos, passar na casa dele para saber se algo nisso tudo o atingiu e quais foram os efeitos. Meu irmão tem esse jeito todo apoteótico de tratar as coisas. Acho que por causa da sua história com nossa família tudo parece meio que uma saga. Ele precisa superar tudo, então tudo parece estar contra ele e tudo parece bem maior do que realmente é. Ele me esqueceria como tenta esquecer meus pais se soubesse que penso isso. Não digo que suas dores não tenham razões. Mas desde que as brigas por causa da sua orientação começaram, tudo parece uma razão para criar mais uma dor. Uma dor maior do que a outra. Tenho que dar razão a meu irmão e, ao mesmo tempo, tentar salvá-lo de sua inclinação ao conflito e autodestruição.

– Sinto muito pela sua perda, Beatriz – me assusto ao ouvir sua voz grave logo atrás de mim. Viro-me rapidamente e desconsertada. Algo me diz que aparecer do nada é um costume dele. Contraio os meus lábios um pouco porque não esperaria

esse tipo de frase de ninguém. Conhecido ou estranho. Ela soa mecânica. Mas ele deve estar sofrendo também e imagino que aquelas palavras tenham se juntado assim, sem ele mesmo pensar.

– Obrigado... E obrigado por...por ajudar meus pais – nossos olhos se encaram e consigo enxergar uma tristeza escondida, escondida pelo fato de que, talvez, ele não ache que deva estar aqui. Mesmo sendo amigo, grande amigo, melhor amigo, ele percebe que esse não é o momento de aparecer. Não é seu momento, não é de nenhum dos familiares. Ainda assim, ele quer continuar ali, mais um pouco. A frase de apresentação dele foi apenas uma forma de ficar mais um pouco. – Deve estar sendo muito difícil para você também... – ele continua a me olhar. A conversa deve continuar estranha por alguns minutos até, finalmente, sairmos do cemitério. Quando foi a última vez que você viu esse seu amigo, Mau? O que você deixou de bom para ele? Que memórias você escreveu com ele? – Quando foi a última vez que você o viu? – Ele pausa antes de responder.

– Já faz bastante tempo... – sim, ele também sente falta do Maurício, pelo jeito como ele se demora nas palavras, quase que tentando se apegar às lembranças que surgem na sua mente.

– Eu não me lembro de você no casamento – ele continua a me olhar imutável. Parece que de alguma forma nos compreendemos, sem nunca termos trocado mais do que essas palavras. – Eu sei. O Maurício era uma pessoa difícil – eu arranco um sorriso do seu rosto e me vejo sorrindo também sem saber o porquê.

– Sim, ele era – nós sorrimos porque não há mais jeito de mudar nada. E é assim que nos lembramos do Maurício. Uma pessoa difícil. Mas com momentos de dura humanidade. Olho, mais uma vez, para a direção onde ele tinha sido enterrado. Há uma leve sensação de que essa é a segunda vez que me despeço dele. Que digo adeus. – Então, o Fernando não veio mesmo? – Ricardo diz, olhando em volta.

Volto a encará-lo ao sentir seu tom reprovação. Acho que não posso recriá-lo. É esse o tom que o Fê procura ao fazer coisas como essa, como não aparecer no funeral do irmão. Desafiar os outros e o mundo. É como se fosse um direito que ele conquistou ao sofrer. Mas quando é que toda essa dor vai passar? Quando é que ele vai começar a tentar ser feliz?

– Acho que não. Mas se teve uma pessoa que sentiu como o Maurício foi uma pessoa difícil foi ele. Vocês dois se davam bem?

– Quase sempre – ele fala olhando para o grupo reunido se dispersando com as últimas despedidas. – Mas crescemos e mudamos muito.

– Que pena – voltamos para a conversa dos meus pais e começamos a nos direcionar para a saída. É como se eu sentisse o cheiro dos mentolados, o encontro me esperando ali no muro para mais uma conversa entre irmãos.

FERNANDO

– Você vai continuar aí o tempo todo?

Estou encostado na mureta do estacionamento, bem distante das pessoas vestidas homogeneamente de preto, tão brega quanto qualquer funeral. Uma confirmação de que Ariano Suassuna estava certo no final. A morte, ali no preto, nos une em um mesmo rebanho de ovelhas iguais e com o mesmo destino. Ser comidos por vermes. Ela está linda, sempre linda e distante de mim. Ela não será comida por vermes, nunca, eu não deixaria. Um brilho de compaixão aparece em seu olhar, um tipo de admoestação escondida, porque ela, no fundo, lá naquele coração, aquele único que eu conheci em toda minha merda de vida, sabe que sou um pedaço de dor, grande e pulsante. Aquele coração sabe que eu vivo de uma mágoa maior que aquele caixão que não vi passar. Ela usa um vestido preto, recatado para suas curvas mais que femininas, para sua beleza mais do que redentora, para seu amor que não me era merecido.

Beatriz é sutil em seus gestos como irmã. Nunca usou sua posição para reforçar seu amor por mim. Mesmo que ela fosse uma desconhecida que eu tinha acabado de conhecer na rua, Bia ainda acabaria sendo o amor da minha vida. Ela me aceita como gay, como ser humano, como homem, como trabalhador. Ela me ama como tudo isso e até se arrisca a amar todos os cantos recônditos que desconhece. Ela prefere se aventurar nos meus problemas e untá-los com palavras carinhosas do que criar seu próprio drama pessoal. Se ela tem algum, ninguém saberia. Talvez, morar em uma casa com tantos “homens”, numa casa tão opressora e castradora, tenha maturado dentro dela uma força maior do que todos esperavam. Ela é quase divina. É a pérola bem cuidada da minha mãe. Meu pai nunca teve muitos olhos para Bia. As mulheres de sua casa deveriam ser tratadas da melhor forma possível, mas isso não significava que ele se importasse com o que diziam. Só os homens pareciam lhe afetar de alguma forma. Ele temia ter seu poder contestado. Sua condição de macho alfa nunca poderia ser roubada por um de seus filhos. Por isso trazia Maurício como seu pequeno animal de estimação, um reflexo de si mesmo só que mais jovem. Como o contestador da família, eu nunca tive muito espaço para ser nada em suas considerações além de filho. Mas gostaria de ver a cara dele se, por acaso, soubesse que o maior ataque à sua tirania anacrônica está encorpado nos olhos compassivos de sua filha mais jovem. Que ela tem o poder que ele pensa possuir ao coçar o saco ou elogiar, de forma vulgar, o corpo de alguma transeunte, e

muito mais, e claro, com muito mais estilo.

– Não quero ser desrespeitoso – um trago, uma verdade. Uma verdade pungente que combina com toda minha irritação por ter acordado tão cedo. Óculos escuros grandes, grandes como meu rosto, escondem olheiras de trabalho, olheiras de sempre ficar pensando. O cigarro me deixa sem ar, me deixa tonto. Mais um trago. É bom para esquecer que, contra tudo, estou aqui como o otário que recuso a me tornar. Vítima de um mundo que não me pariu, de um drama que sempre acabo pensando ser excessivamente novelístico. Lindo, em um capítulo do horário nobre. Dou mais um trago.

– Acho que nossos pais gostariam de ver que você compareceu... – Bia se encosta ao meu lado, olhando para o horizonte de ruas cheias de carros.

– Não falo disso. Eu provavelmente teria mijado no caixão – daí vem o pungente. Pra mim não há horizonte, apenas a calçada que encaro, pensando que, quando morresse, me cremariam e me transformariam em asfalto ou em cimento. Pensariam que sou um bom material para ser pisado. Volto-me e encaro seu rosto pela minha escuridão Armani. Nada como a perfeição de outra pessoa para nos jogar no fundo do poço de nossas falhas.

– Você ainda não superou tudo isso? – Ela pergunta e ofereço o maço de cigarros, ela pega, displicentemente, aquele que estava saindo da caixa. Uma chama.

– Você já contou para os seus pais que você fuma? – Sorrio.

– Sempre evasivo... – expelimos a fumaça que se mistura, uma cortina que nos fecha num mundo a dois.

– Você supera uma nota ruim em uma prova de marketing. Você supera o fato de que você perdeu cinquenta reais, sem perceber. Você supera o fato de que o mundo não é plano e até supera um coração partido – tragar, expelir. – Você não supera o Maurício.

Ela para. Bate o dedo no cigarro, uma cinza cai. Tragando-nos aos poucos. Por que tudo perto de minha família cheira a terapia? A cheiro de ralo? De drama, confusão e dor? Cheiro bem ruim esse! Cansa ter que entender o que se passou comigo, então não entendo. Porque se tudo tivesse sido diferente, tudo seria

diferente, e não precisaria vê-la apenas por algumas horas, escondido. Amo-a mais do que a mim mesmo. Espero que ela saia de casa, antes que eu comece a odiá-la.

– Eu não me lembro de você assim tão amargurado.

– Ninguém se lembra de mim de outra forma. Não me lembro de sair do meu quarto. Na verdade, lembro-me de ter tido que brigar para ter meu quarto, justamente para poder fechar a porta. Para dormir com minhas inseguranças e acordar com medo de pisar o chão – jogo a bituca de cigarro longe. Coloco as duas mãos atrás de minhas costas. Encaro o asfalto. – Eu não me lembro de mim mesmo antes de sair de casa. Tudo parecia definido. Mas mal sabia que nem tinha começado. A música alta, as brigas com o pai. Ter amigos que não sabiam ser amigos, porque sabiam tão pouco. Lembro-me da porta fechada mais do que tudo. Você me conhece agora, Bia. Antes disso, tudo era um grande teatro sem final feliz. Na verdade, sem final nenhum. Você apenas via seu irmão mais velho. Um fraco que só sabia ser seu irmão e mais nada. Você me vê agora como pessoa. A pessoa que deu um chute na porta e mandou todo mundo tomar no cu.

Olho seus saltos pretos, frente a frente com os meus tênis azuis. E tudo fica claro. Levanto os olhos, a luz me cega e mais que tudo ela me cega com aquele rosto que me diz que perdoar é a melhor saída. Mas que não é a mais fácil. Nem a mais coerente, nem a mais justa. Mas que ela está aqui. Seus pés na frente dos meus. Ela tira meus óculos e fecha a armação. Toca meu rosto de leve, beija meu olho que se fecha com aquele calor. Seguro sua cintura.

– Eu não mereço um amor como o seu – murmuro. Deixo meu rosto cair no seu peito e choraria se soubesse como criar lágrimas ali, naquela situação, naquele momento que me inspirava raiva e tristeza ao mesmo tempo.

– Por sorte, você não pode decidir o que você merece ou não. Você só pode aceitar. Seria muito ruim não poder te amar.

E quase durmo no seu acolhimento maternal. Levanto meu rosto e beijo sua testa como sempre faço. Ela olha para o lado. Distante, ela nos encara altiva, mas triste, distante em todos os sentidos. Minha mãe não contará para meu pai que me viu, sempre submissa ao seu jeito antiquado e servil.

– Acho que você tem que ir...

– Você não deveria ter me deixado lá sozinha. Agora vai ficar tudo um pouco mais difícil. Você sabe como os dois gostavam dele.

– Sei... Sei bem demais. Mas eu não te deixei. Você sempre pode fugir e ir pedir asilo no meu apê.

– Vou cobrar essa promessa – um abraço forte e seu perfume, mais forte e próximo, percorrendo lembranças. Ela coloca os meus óculos no bolso do meu paletó, quase soca meu coração e pede para eu acordar.

Sai andando em direção à senhora com seu chapéu grande e preto, véu, como uma viúva, como a mãe de um herói da pátria. Como minha mãe. As duas entram no estacionamento.

Olho para o lado contrário e pego mais um cigarro; volto-me e ele está lá na entrada, no mesmo lugar onde as duas estavam. Nota-me, e eu o noto. Outro terno, barba feita, cabelo correto como tudo na vida dele, provavelmente. Encaramo-nos e seguimos para lados opostos, eu pelo menos sigo. Por alguns segundos, listo, mentalmente, tudo o que aquele homem poderia pensar de mim, dos comportamentos que presenciara. Penso como sua história de vida e seu passado podem ter influenciado cada um desses julgamentos; como ele os verbalizaria se tivesse a oportunidade; que vocabulário utilizaria e que termos pejorativos descreveriam minhas roupas, minha sexualidade, meus trejeitos.

Ando, cigarro nos lábios, quase pendurado. Uma mão no bolso remexendo minhas chaves, outra acariciando o muro que rodeia o cemitério, um cáqui sem vida, descascado e cheio de pichações. Eu sinto seu olhar pesar em mim, como toda a reprovação que recebi durante muitos anos. Anos demais.

* * * *

Nunca tive tantos olhos sobre mim. Uma criança de o quê? Doze anos? Já ele tinha 16, mais alto, mais velho e fazia questão de mostrar isso. Cabelos negros e ásperos. Meus cabelos lisos caíam sobre a testa toda vez que ele me dava um empurrão.

– Vai logo, seu frouxo! Bate logo!

A exortação séria dele se misturava com risos esporádicos. Seus dois amigos seguravam aquele menino que eu mal conhecia, ali parado, assustado, quase chorando, esperando sua sentença. E as pessoas em volta, também assustadas, eufóricas, esperando o momento fatídico, esperando um coordenador, ou um funcionário para parar tudo ou querendo, realmente, que tudo ocorresse naquela selva escondida entre lancheiras, mochilas, figurinhas e tabuadas.

Outro empurrão.

– Ele não te deu um tapão na cabeça? Eles dois viram.

Meu irmão apontou pros seus amigos segurando os braços do outro menino, na minha frente. Sem falar. Sem balbuciar. Sem nada. Nós dois sabíamos que éramos dois nadas ali. Eu só tinha que bater nele, da mesma forma que ele fizera momentos atrás. Porque eu era homem.

– Vai deixar ele te bater? Não vai fazer nada, sua bicha?

Eu sempre o encarava, o garoto que me dera o tapa na cabeça. Ele era mais velho e eu ficava olhando, achando que ele nunca notaria. Algo nele me prendia e, por isso, o tapa, porque eu não conseguia deixar de olhá-lo. Passei do seu lado e desviei meu olhar para acompanhá-lo. Um tapa na nuca e uma risada. Mas os dois amigos do meu irmão viram tudo.

– Na minha família não tem nenhum covarde, tá ouvindo, bichinha? – falou no meu ouvido, apertando meu cabelo. Seus olhos negros, mais escuros que os meus. Mais concentrados pelo ódio do qual eu não conhecia o motivo. Quase chorei, mas seria pior. Não queria bater nele. No menino. Nem me lembro mais do seu nome. Talvez, ele tivesse me despertado para quem eu realmente era, mas só isso.

– Eu não quero bater nele. Ele não fez nada.

– O Rick e o Jorge viram tudo, seu retardado! Bate logo!

Medo, foi o que vi nos olhos dele. Aquele tapa poderia ter sido apenas uma

brincadeira, talvez ele queria chamar minha atenção. Talvez ele se tornasse meu primeiro amor. Era um pensamento bem infantil, porém, esperançoso. Ele poderia mudar minha vida e dar um pouco de sentido às dores que brotariam depois.

– Eu não vou fazer nada, Maurício – falei baixo, quase sussurrando. Meu braço estava preso na sua mão e eu, indefeso. Foi a primeira vez que tive certeza de que ele iria controlar minha vida até eu revidar.

– Veado! – Ele me deu um tapa na nuca e me empurrou longe, tropecei e caí. Depois, Maurício deu um soco forte no estômago do menino e seus dois amigos o empurraram. Saíram, deixando-o caído, encostado e soluçando numa parede qualquer do colégio. Eles saíram, e ainda ouvi um de seus amigos falar, se afastando “Como você pode ter um veadozinho na sua família?” e chorei também. Não pelo “veadozinho”, mas porque não podia ir até o menino e me desculpar.

Não podia e não devia: se eu o fizesse, apanharia quando chegasse em casa e o menino também não falaria nada. Porque, se falasse, também seria um “veadozinho” e seria proscrito do convívio social com aqueles considerados fora do normal. Sempre acabo me lembrando daquele dia. Ele poderia ter sido meu amigo, meu amante, meu parceiro. Ele poderia ter feito parte da minha história. E, de alguma forma, acabou fazendo, mas da pior forma que consigo imaginar. Como uma memória que me enche de lágrimas.

E chorei mais em casa, no banheiro, porque, naquela época, ainda dividia o quarto com meu irmão.

Agora estou em outro quarto, o travesseiro ainda úmido, as lágrimas continuam caindo sempre, toda vez que essas memórias retornam. Estendo minha mão ao outro lado da cama e o vazio está ali, apenas mais dois outros travesseiros jogados aleatoriamente por uma noite agitada. Olho para o criado-mudo e encaro um despertador cujos números não significam nada. Hoje é sábado. Horários não significam nada no sábado nem no domingo. Penso para quem ligar, para onde ir, o que comer, tudo planejado em uma agenda mental que descarto assim que lembro que poderia dormir mais um pouco. O controle já está em minha mão e ligar a televisão é a primeira opção, mas eu o arremesso longe na cama. Mexo nos meus cabelos bagunçados e olho para a janela, focos de luz saindo daquele pano grosso da cortina. Reviro-me na cama, abraço os travesseiros como amantes aleatórios.

O rosto do menino volta para minha mente, e com ele sua impossibilidade de

chorar. Estávamos ligados, assim, pela desgraça cotidiana de sermos, apenas, quem somos. De cruzarmos, um dia, nossas vidas e embaralharmos tudo como um novelo de lã. Cubro meu rosto com o cobertor e não sei se me cubro por vergonha. O dia acorda nas brechas do meu quarto, e não consigo mover um dedo sequer para acordar. Suspiro vontades que morrem no latejar de minha cabeça. Penso demais. Arremesso um travesseiro longe, me enrolo no cobertor. Deveria ter cuspidido no caixão dele, deveria ter batido no meu pai, levado Bia pra longe, começado uma vida nova. O rosto do menino está lá.

Veadinho.

Passo a mão nos ralos pelos do meu peito e sinto meu coração bater, gritar. Meus olhos ficam marejados, observo alguma claridade atravessando as cortinas, o cobertor me atravessando e me tomando.

Tocam a campainha.

Fecho os olhos e tudo fica distante novamente, exceto pelo barulho da campainha. Quero levantar e atender a porta, mas tudo está tão cedo, ainda é cedo para começar a viver de novo, cedo demais, não estou pronto. Os fins de semana sempre são assim: aquela vontade de ficar escondido em casa, dormir e fazer nada até cansar de nada fazer, e dormir só para distrair. De novo, o barulho da campainha. Abro os olhos e noto que já são onze horas no meu despertador. A luz aumenta através das cortinas.

Finalmente levanto, entro no banheiro, ligo a luz e meus olhos queimam com a claridade. Pego o roupão pendurado próximo ao chuveiro, lavo o rosto e me olho no espelho como se fosse um ator de filme B em uma crise de identidade tão prosaica que quase vomito. Ajeito o cabelo desarrumado e até penso em escovar os dentes. Mas com certeza quem resolve me acordar e invadir meu fim de semana não merece brisas de menta refrescante cada vez que eu repudiar tal visita indesejada.

Saio do quarto, carteira de cigarros jogada na mesa da sala, um livro qualquer aberto no sofá vermelho, faço questão de fazer o caminho se tornar maior do que é, só para ouvir, mais uma vez, a campainha. Nem procuro saber quem é pelo olho mágico, abro a porta e quase sorrio por pensar que facilmente poderia ter adivinhado quem é minha visita.

– O quê? A noite de sexta não foi proveitosa pra você?

Encontro aqueles olhos de novo, sérios e duros. Pelo menos ele se livrou da gravata, da camisa social que irritava o pescoço dele e a barba está por fazer. Nada como uma folga para nossos hábitos semanais. Fico no limiar da porta, segurando-a e esperando que ele note que não é bem-vindo. Ele sempre fica com aquele olhar desconfiado, toda vez que nos encontramos.

– Bom dia para você também, Fernando.

– Você acha mesmo, Ricardo?

Há certo prazer em fazê-lo se sentir desconfortável. Ele olha para o chão rapidamente. Está usando uma camisa polo azul e uma calça cáqui, como aqueles jovens senhores que encontramos nas nossas vidas, que acham “sapatênis” a mais nova tendência fashion e combinam sapato com cinto sempre que podem. Meu roupão veste frouxo, o cordão balançando quando abro a porta um pouco mais.

– Será que posso entrar?

– Não consigo imaginar o que você possa querer que inclua entrar no meu apartamento. Eu achei que o Maurício estava morto. E vejamos... enterrado – sorrio.
– Não vai me dizer que ele voltou dos mortos? – Deixo o limiar, a porta aberta e ando em direção à cozinha que fica logo em frente. – Seria típico dele.

– Eu posso explicar – ele fala me seguindo. Vou para trás do meu balcão com cadeiras enfileiradas, parecido com um pequeno bar, como uma antiga lanchonete americana. Abro um dos armários e ele se senta do outro lado.

– Eu sabia que você poderia explicar – falo, tirando uma caneca do armário.
– Não acordei simplesmente para te receber, mas pra ouvir que explicação poderia ser boa suficiente para me tirar da cama em um sábado – ele tenta abrir a boca e falar – e espero que você não acredite que meu falecido irmão seja essa explicação – ele se cala antes mesmo de pronunciar qualquer coisa. Coloco o pó de café na máquina, e dou-lhe as costas por um instante, seus olhos pesando sobre mim, tentando achar algo, um olhar que tenta encontrar algum tipo de remorso nos meus gestos. – Mas sabe o que seria uma boa explicação? O porquê de você estar nessa causa inútil de tentar beatificar o Maurício.

– Ele era um grande amigo. Mas não estou aqui por seu irmão... necessariamente – me sento no banco alto do outro lado do balcão, fecho meu roupão e o encaro com escárnio.

– Me surpreenda então!

– Sua família precisa de você. Todos estão passando por um momento difícil com a morte do Maurício – passo meu indicador nos lábios, olho sua expressão calma, mas séria. Talvez vire pedra se por acaso sorrir.

– Algo em você não é confiável.

– Vim com a melhor das intenções...

– Ao menos que seja a de me comer até eu não conseguir andar mais, eu dispenso suas boas intenções para o mesmo lugar onde o Maurício foi parar depois de ter batido aquele...

– Por que você tem que ser tão grosseiro? Seu estúpido! – Ele grita do nada, vociferando e batendo seus punhos no balcão. Assusto-me o suficiente para piscar, perplexo. Ricardo passa a mão pelo cabelo e parece se acalmar novamente, olhando para seu colo. Viro-me e encho minha caneca, coloco à sua frente e penso que, talvez, isso sirva para acalmar as feras, pelo menos, na nossa cultura. O café que encanta empresários atarefados, estressados e com pouco sexo de suas mulheres. Em nenhum momento, penso que poderia estar sendo grosseiro. Encho outra caneca e me sento.

– Está amargo – fala tomando um gole profundo, mesmo quente.

– Como as piores e melhores coisas da vida.

* * * *

Odeio quando dizem que esse é o meu mecanismo de defesa, enchendo o

peito para proferir toda a pseudo-psicologia aprendida nos filmes românticos. É o primeiro passo para tentarem te conquistar, pelo menos, todos os homens que conheci falaram que eu sempre estava na defensiva como forma de me deixar indefeso. Se você quisesse traduzir para o mais simples português, eles apenas me achavam difícil. Porque ser interessante, hoje em dia, realmente cansa e a partir do momento que eu ficava de quatro, simplesmente toda a defensiva que os instigava a querer sempre mais desaparecia tão rápido quanto eles gozavam dentro de mim. Algo patético e que, provavelmente, acontece com a maioria das pessoas. Independentemente de serem homens que gostam de morder a fronha.

Sarcasmo: sempre identificam qualquer tipo de humor sagaz como mecanismo de defesa. Hoje em dia ser mordaz com tudo virou um perigo para o ego de qualquer pessoa. Admito que todos nós ficamos com o ego um pouco inflado depois de soltarmos uma tirada mais inteligente ou que provoque aquele riso generalizado. Algo que é bem minha cara, sou aquele que sempre tem uma resposta na língua.

– Isso é um mecanismo de defesa, sabia?

– Adoro como nossos diálogos nunca vão a lugar algum... – falo em tom de tédio. Quem diria que esse corpo esconderia essa massa de afirmações padrões, chavões do homem moderno de classe-média? – Então, para onde vamos?

– Encontrar a sua mãe. Ela concordou em vê-lo – rio alto. Escondo meus olhos com a mão, passo pela boca no caminho de retorná-la para o volante. – O que foi?

– Ela concordou?

– Sim – paro o carro bruscamente. Buzinas por todos os lados, a cabeça de Ricardo balança. Ele me olha, atônito. – O que foi?

– Não irei para um encontro onde entro como o culpado.

– Não pense dessa forma... Era necessário...

– Não pensarei. Sai do carro! – Me inclino e abro a porta quase a batendo em outro veículo que passa.

– Por que você tem de ser tão cabeça dura? Será apenas uma conversa para colocar vocês em bons termos.

– Como se isso existisse no nosso vocabulário familiar. Achei que seria, apenas, uma conversa familiar estritamente formal de, no máximo, 15 minutos, em que eu daria razões para que me deixem em paz até eu morrer de forma trágica e fugaz com câncer nos pulmões – ele fecha a porta do carro novamente.

– Seu pai não quer conversar...

– Ele não quer?! – Falo alto e rio novamente. – Que sorte a minha, não?

– Será que não podemos resolver isso com calma?

– Não. Você quer que eu te deixe onde? – Reinício o carro.

– Direi à sua mãe que o encontro está cancelado – vejo uma gota de suor cair de sua testa e, quando vou apará-la, ele agarra minha mão antes que o faça. Encaramo-nos por breves segundos e ele me solta. Continuo dirigindo, ele veste uma expressão dura. Sempre duro.

– Eu pago seu almoço pelo menos! Meus pais não devem estar te pagando muito bem por esse trabalho inútil – ele me olha novamente, discando números em seu celular, e sorrio.

A vida é tão cheia de significados que chega a cansar. Cansa o fato de termos que prestar atenção em cada um deles e passar um tempo imenso criando mais alguns. Tudo conectado e distante, próximo como nós dois nesse carro.

Significados são pequenos pontos que devem ser ligados ou deixados no caos das relações humanas. Mas todos sabem que a melhor parte é tentar juntar tudo em uma figura inteligível. E olhando, no fim, tudo parece fazer sentido.

– Vocês, realmente, não se davam, não é?

– Deu pra notar? – Falo e bebo mais um pouco do meu refrigerante. É a

primeira vez que ele fala, desde que começamos a comer. O assunto central até agora foram amenidades, com silêncios previsivelmente longos e de alguns olhares furtivos seus, não sei em que direção.

– Me prometa que você vai falar com sua mãe – ele fala depois de termos passado o almoço sem tocar no assunto.

– Pensarei no seu caso – olho para baixo. Estamos na entrada do restaurante, pego um cigarro e acendo. Ele resolve me acompanhar até o carro, mas diz que prefere pegar o metrô logo ali perto e não mais me incomodar. Grande mentira. A sensação de que o encontrarei de novo se torna mais forte e pungente e mesmo não me lembrando de onde o conheço, deixo que sua presença permaneça, mesmo que vagamente, rondando meus pensamentos e previsões.

Sempre ando à frente dos outros e sei que seus olhos seguem meu andar. Tenho algo que chama a atenção de todos, algo que incomoda, uma formiga invisível que consegue entrar, furtivamente, debaixo do tecido dessas pessoas, que, com seus pequenos passos, não as deixa em paz. Até que essa formiga incômoda que é esmagada por um dedo. As pessoas pensam, “olha como a bichinha anda”, ou “que bunda gostosa”, no caso dos enrustidos e veados tarados de plantão. Não sei o que Ricardo pensa, mas, com certeza, não é nada lisonjeiro. Ele deve se segurar cada vez que ouve minha voz, uma voz que transita em tons, muitas vezes, nada masculinos. Ele deve se segurar para não vociferar comentários sobre o meu jeito de me vestir, meus trejeitos. E toda vez que penso o que ele poderia falar, sorrio da forma mais viperina que consigo arrancar do rancor que alimenta meu humor marginal. Minha felicidade sorrateira é a de saber que faço parte de uma minoria outorgada por uma maioria extremamente néscia. Às vezes, também penso como seria divertido tentar corrompê-lo a se juntar ao lado arco-íris da força. E viro meu rosto e solto uma baforada de fumaça e sorrio voluptuosamente. Mas acho que ele não nota. Com certeza ele parece se exasperar mais e enfraquecer no seu intento de me unir ao meu “ninho” familiar.

– O que foi, seu veadinho? Tá olhando o quê?

O fragmento de conversa para o tempo, as palavras de Ricardo não mais fazem som. Todos os nossos gestos começam a se mover no compasso do meu sangue fervendo. Algo subindo, descendo, revirando. Estamos passando por um dos pontos de ônibus da Avenida Paulista até o “veadinho” aparecer em uma conversa próxima. Passamos pelo menino de All Star, calça justa, magrelo e muito branco.

Tinha um corte de cabelo um tanto diferente, mechas irregulares, um alargador na orelha, camisa listrada de manga comprida. Dois garotos com as típicas roupas dos surfistas de concreto estavam próximo, usavam bermudas com desenhos imitando pichações, regatas e pesados colares de metal. Eu poderia apenas pensar como os dois parecem brega, mas é a palavra que escuto que me chama verdadeiramente a atenção. Ela cortou qualquer chance de eu deixar aquela cena passar como algo cotidiano. Ricardo percebe meu olhar, algo ferino nele. Estamos distantes do trio, os agressores e o agredido, mas paro para ver os dois meninos, um de boné, empurrarem o garoto.

– Tá achando que somo bichinha que nem você?

– É, mano! Tava encarando por quê?

O garoto gagueja palavras e eu vejo toda a cena se repetir, uma cena que já tinha passado várias vezes com Maurício. Eu, a dor dos socos, meu lábio sangrando. A culpa é dos dois, meu pai nos falava. Eu era fraco demais, nunca ganhava uma briga e sempre estava no chão lambendo minhas derrotas, aceitando a dor que não merecia e sorrindo no dia seguinte esperando o próximo ataque das injustiças diárias. Até que descobri as luvas e o saco de areia. Não há lutas limpas. Dei um chute no saco das injustiças e comecei a me defender.

– Ei! Ô maloqueiros de segunda! Se ele tava encarando alguma coisa nos dois é o péssimo gosto pra roupas que vocês têm. Deixa o menino em paz.

– Tô falando que essas bichinhas só andam juntas!

Ricardo fica afastado enquanto eu sigo para encarar os dois. Não devem ter mais de vinte anos, são jovens e estúpidos. Tenho certeza de que eles vão se arrepender e eu também. Odeio fazer cenas, mas elas até que são divertidas. Isso porque ninguém imagina que eu posso fazer o que acabaria de acontecer em instantes. Anos de boxe e aulas de autodefesa, sabe? Um dia, eu me assumi e, com isso, a ideia de que seria atacado inúmeras vezes ficou comigo. Eu sabia que, de alguma forma, eu teria que me proteger, meu sarcasmo não seria o suficiente; minhas conquistas não seriam suficientes; meus punhos teria de ser suficiente.

O garoto de boné tenta me empurrar. Quando suas mãos chegam ao meu peito, seguro um de seus braços e viro-o até que ele fique de costas pra mim.

Observar a expressão de surpresa do amigo é ainda mais regozijante. Empurro o menino até o poste que forma o ponto de ônibus e quebro o nariz dele com o impacto. Espero não ter manchado meu tênis com o sangue que começa a escorrer do rosto do marginalzinho. Coloco um pé e faço o menino tropeçar, caindo de costas e ainda segurando o nariz. O outro só consegue me encarar atônito. Bem típico. Coloco a mão na cintura e fico esperando alguma reação. Mas ele só ajuda o garoto de boné a se levantar e saem os dois juntos, correndo para uma das transversais da avenida. Isso é tempo suficiente para o menino moderninho sumir em um dos ônibus que passaram, e tempo pra todos me olharem como se eu fosse algum tipo de vândalo. Gente, olha a minha roupa, por favor! Ricardo me encara com o mesmo espanto. Volto a andar, bufando de raiva e busco um cigarro dentro da minha bolsa.

Ricardo me alcança em alguns passos.

– Precisava de tudo aquilo? O menino tá com o nariz quebrado! – Fala tentando acompanhar meus passos. Onde está a porra do isqueiro? – Ele pode prestar queixa e aí você tá fodido! – imagens passam enquanto puxo agenda, caixa de óculos e nada da merda do isqueiro. – Aquilo não era problema seu!

– Dá pra calar a boca, porra? – grito, cusbindo no rosto de Ricardo e espumando. Por que não acho a merda do isqueiro? – Eu não sei se você notou, mas aqueles dois delinquentes estavam zoando aquele garoto só porque ele era diferente – o cigarro parte entre meus dedos. – E olha que ele – gargalho – poderia nem ser gay! Eu estava fazendo o que era certo. Por que tenho que enfrentar as caras de reprovação depois?

– Você não tinha nada a ver com a situação!

– Tinha sim! – estamos rosto a rosto. Pessoas passam e encaram a discussão. Seus olhos, furtivamente, observam que estamos causando outra cena. Ele transpira e seus olhos são um misto de nervosismo e fúria. – Aquilo era exatamente o tipo de coisa que o Maurício adorava fazer comigo. Me humilhar sempre que tinha oportunidade, só porque ele se achava melhor por foder uma buceta de vez em quando.

– Para de gritar, Fernando!

– Qual é o seu problema? Por que tanta vergonha? Não importa que eu fiz o

que era certo?

– Você já parou pra pensar que aquele garoto passou por um constrangimento maior por causa de sua intervenção?

– Nós passamos por isso muitas vezes. Sim. Ele não é único. Nem eu. Até que pessoas como aqueles surfistinhas urbanos covardes aprendam a ter mais respeito às diferenças, constrangimento vai ser o menor de nossos problemas! – acho que vou chorar. Droga. Todo um discurso para me debulhar em lágrimas. – Ele pode ter saído de lá querendo enfiar a cabeça no buraco mais próximo, mas também viu que não precisava viver com medo.

Paramos por um momento, analisando nossas armas nesse pequeno duelo. E ele sabe que vai perder. Nem chorar eu choro, me seguro e deixo o cigarro esfaqueado cair e voar com o vento. Respiro pesado.

– Agora se acalme! – Ricardo fala, mãos estendidas como se estivesse lidando com algum suicida ensandecido ou terrorista armado.

– Agora, eu vou é embora... – passo as mãos pelos cabelos. – Minha família faria exatamente o que você fez agora. Reprovava-me em tudo. E é por isso que não quero mais contato com ela.

Volto a andar em direção ao estacionamento, cabeça baixa. Ele fica parado por mais alguns segundos e começa a caminhar na direção contrária. Sento no banco as lágrimas começam a cair naturalmente. Que bebezão!

RICARDO

É difícil estar entre tantas coisas que eu desconheço. Essa família parece a minha. Amanda anda de um lado para o outro com a babá a seguindo. Escuto o barulho nada sutil de uma criança brincando distante. Como as crianças lidam com o tempo? Com a morte? Com a perda? Sinto-me uma criança, sentado aqui nesse sofá. Ele até parece maior do que realmente é. A Amanda me chamou aqui. Queria conversar algo sobre as coisas do Maurício. Acho que nunca entrei nesta casa antes e é estranho pensar nisso no contexto de nossa amizade, a amizade que eu achava que tinha com o Maurício. Dessa amizade distante e frágil. Será que Amanda nota que não somos assim tão amigos? Éramos. Por que faço isso? Tentar recuperar algo que realmente não existe é algo que eu sempre faço. Acho que é porque essa família se parece tanto com a minha, caindo aos pedaços, sem perceber de onde vêm as rachaduras. Fernando deve ser a principal falha na base de tudo. Eles devem pensar assim pelo menos. Devo pensar assim também para conseguir entrar nesse mundo. Estou aqui para ajudar. Nem sei o que devo pensar dele, mas a família do Maurício precisa de mim. E eu estou aqui.

Seu rosto está tão cansado quanto a dor pode permitir. Os dias passam e os olhos dela parecem não desinchar. Amanda sabe disso quando para no banheiro para recuperar um pouco de coragem dentro dos dedos trêmulos e da vontade incontrolável de chorar. Olho para o chão e me sinto Alice numa casa que vai ficando grande ou pequena demais. Tudo distante, tudo perto. Meus pés longe do chão. Meus olhos estão normais e minhas mãos não tremem. Por isso, estou aqui. Sou o metal gelado que sente a água caindo direto para o ralo. Quando Amanda fecha a torneira, sei por que estou aqui: porque não chorei e posso tirar as roupas de Maurício do armário sem titubear. Não hesitarei em enterrar tudo em caixas de memórias que ela guardará para os momentos em que a lembrança começar a doer menos.

Ela senta ao meu lado e o fato de ela praticamente nunca ter me visto mais gordo, magro, velho ou mudado não a impede de, sorrateiramente, aninhar sua mão sobre a minha. Quando as palavras parecem inúteis pelo fato de não saber o que pronunciar, apenas me sinto mais ainda como Alice. Pequeno, grande, numa casa maluca, a caminho de um encontro com o próprio Chapeleiro Maluco.

Não saber o que esperar não me espanta. Ainda ouço sons de peças montando e desmontando; a voz da babá. A Amanda continua estática e espera que eu dê o primeiro passo.

– Acho que ainda não consigo.

Sua mão é quente. Continuo olhando para o chão. Acho que não há outra opção. Você olharia para os porta-retratos familiares cheios de momentos Kodak? Por isso, ela não consegue se mover. Tudo ainda tem o cheiro dele e tem a presença dele. Por isso, olho para o chão. Não mereço sentir isso tudo, porque só fui amigo agora. E não antes. Poderia ter impedido tudo isso? Provavelmente, não. Mas a culpa é um prazer que todos nós nos damos o luxo de sentir de vez em quando. A culpa nos torna humanos e mais vivos. Quem não sente culpa, não tem coração e a maioria de nós não tem um. Gosto de pensar que estou sendo mais humano.

– Ainda é cedo.

Eu digo e acho que isso é o suficiente. Sinto-me profundamente tocado por essas ações e espero que isso seja, no mínimo, uma redenção que possa utilizar para afagar meus desejos de dias mais felizes. E mais humanos. Por que não tenho coragem de encarar as fotos? Porque tive fotos um dia e elas não chegaram a ganhar um porta-retrato decente. Ela não está preparada, e eu também não. Mas posso ajudar, posso estar aqui deixando tudo junto e coeso. Posso salvar algo, mesmo que não seja meu. Algo que possa guardar, mesmo que não sejam minhas lembranças, que sejam de outra pessoa, mas que sejam salvas.

Essa família parece muito com a minha. Parecia.

– Obrigado por tudo, Ricardo.

Ela nem sabe o que diz, só sabe que precisa. É o seu pagamento tolo e vão pelos meus atos. Ela nem sabe o que estou fazendo aqui. Eu vim tentar enterrar Maurício. Fernando não conseguiu. Nem ela conseguirá. Eu estou aqui para pagar uma dívida. Quando finalmente consigo olhar para frente, estou em casa novamente. Nada de caixas, nada de verdade e de lembranças. Boa noite, Ricardo. Merda de redenção essa que você está procurando.

BEATRIZ

Ainda tento descobrir quais são as vantagens de ser a irmã mais nova. Desde pequena, nunca fui tão organizada e inteligente quanto o Fê, tão corajosa, resistente e persistente quanto o Mau. De repente, me pego listando todas as qualidades do Maurício. Ele poderia ter todos os defeitos do mundo, mas não tinha medo de nada. E pode-se dizer que ele era bastante persistente. Pelo menos com as coisas que ele queria, incluindo irritar o Fê. Eles sempre foram o centro de um espetáculo, de um ringue dividido em dois cantos. Um deles com o Fê, protegido pela minha mãe. Do outro, o Mau e sua grande afinidade com meu pai. E eu? Acho que sempre fui uma daquelas ring girls que aparecem apenas no intervalo de cada round.

A posição de filha caçula, com certeza, trouxe um benefício: eu nunca estive no centro das brigas. Isso me poupou de diversas feridas físicas e emocionais. Consegui fugir um pouco da mágoa que sempre dividiu meus irmãos. Ainda assim, não aguentei ficar distante e sempre era eu quem tentava apartar duelos e cuidar dos hematomas. Boa parte das vezes, eu consegui isso com o Fernando. Mas nunca cheguei a tocar o Maurício. Acho que este é o momento que eu temia quando eu era menor: eu preciso me posicionar, eu preciso tomar decisões. Mesmo magoando algumas pessoas, decepcionando outras, eu vou ter que fazer escolhas. Eu não posso continuar sendo a caçula que é arrastada no meio das confusões sem escolha. Eu preciso ser uma pessoa que ajuda essa família a se reerguer. E eu tenho que começar em algum ponto. Talvez, este ponto seja o Fê.

A campainha toca e perturba a aparente serenidade da casa. Desde que os dois saíram daqui, acho que fui a única verdadeira habitante desse lar à tarde. Minha mãe vive fora, ocupada com seus afazeres como síndica do prédio. Meu pai, ocupado em sua clínica como pneumologista. Levanto da cama em que estudava matemática para me preparar para o vestibular. Essa rotina de “escrava de livros” anda me cansando e fico pensando se ir para a faculdade vai realmente me encher daquilo que as pessoas chamam de propósito. Quem é você, Beatriz? Está na hora de você decidir!

– Você já sabe o que vai escolher? – Ele apareceu como se tivesse se materializado ali mesmo, sem camisa e aquela cueca samba-canção brega que ele usava desde que tinha uns 18 anos. Era uma das poucas coisas que tinha deixado

aqui em casa depois de se casar.

– Que susto, Mau! Você tá louco? – Eu dei um pequeno salto, daqueles bem afetados, amplificado pela desatenção.

– Calma, Bia! Foi sem querer. Não era minha intenção te matar do coração – ele contornou a mesa e se sentou exatamente à minha frente.

– Nossa! Eu nem sabia que você estava aqui em casa... Veio visitar a mãe?

– Vim almoçar com ela e acabei cochilando lá no quarto – ele costumava fazer isso algumas vezes. Almoçar e dormir aqui em casa. – Minha mãe falou que você ainda não tinha decidido o que vai prestar no vestibular...

– E ainda não decidi. As opções ficam tirando sarro da minha indecisão!

– Você sabe que não tem escolha a não ser escolher. Então escolha!

– Falando assim parece fácil. E o medo de fazer a escolha errada? – fico apertando a caneta entre os dedos, e depois tirando e colocando sua tampa. Nunca fomos de ter aquele tipo de conversa e não sabia o que era aquela sensação. Ele ficou calado e olhou sério para minha pilha de livros.

– Você substitui seu medo por resignação. Você suporta o caminho que escolheu. É possível ter algum tipo de felicidade na conformidade. No ato de abdicar – seus lábios pararam em um desenho sério. Encaramo-nos e o clima pesou como um lençol de lembranças nos cobrindo. Parecia que alguém deveria estar ali nos observando. Meu pai deveria estar ali, vendo aquela cena. O Fernando também. Os dois teriam uma prova de que a maior luta do Mau era com ele mesmo.

– Ou eu simplesmente mudo de curso no meio do caminho – sorri e ele correspondeu com aquele sorriso que derretia todas as meninas que corriam atrás dele.

– Ou isso – rimos fracamente e não conseguimos esconder o desconforto, mas aquela era uma brecha que eu não teria novamente.

– Você acha que desistiu de algo importante na sua vida, Maurício? – ele ficou calado e sério, severo como o garoto que bateu no meu primeiro ficante. – Você acha que você desistiu do Fê?

– Ele tomou a decisão dele. Eu tomei a minha.

– Não dá para mudar sua decisão agora? No meio do caminho?

– Você sabe que nós nunca vamos ser amigos, Beatriz! Nós mal conseguimos ser irmãos.

– Mas...

– O Fernando é inconsequente, mimado e egoísta. Aquilo que ele fez foi um ato solitário, impensado. Lembra por quanto tempo nossos pais ficaram daquele jeito abatido?

– Eu não vou discutir a sexualidade do Fê, Mau! Você já sabe minha opinião.

– E você sabe a minha. Ele faz questão de não fazer parte da nossa família. Ele escolheu essa vida que ele tem agora. Não sou eu que vou correr atrás dele.

Separamo-nos daquele jeito, naquele dia. Sem conclusão. Ele saiu da mesa e voltou ao seu antigo quarto. Ouvi um barulho surdo, como de um soco na parede. E provavelmente foi. Era fácil notar que o Maurício prezava pela instituição familiar e o Fê parecia ser o antagonista disso. Isso ou ele tinha o ideal de uma família menos rígida, menos hierárquica e mais horizontal. Nas próprias palavras do Maurício: “Ele é um veado.” E pior. Um veado egoísta.

Volto para o presente e abro a porta, o Alê está lá com sua mochila surrada e sua camisa pólo de playboy, uma combinação paradoxal que aumentava o seu charme de meio menino, meio homem. Aquela barba rala e aquele cabelo selvagem em uma grande franja ondulada.

– Veio estudar também?

– Na verdade, vim para ficar um pouco com você mesmo. Mas um pouco de

estudo no meio do caminho não faria mal.

– Meus pais nunca vão aprovar nosso namoro se você continuar sendo essa má influência que você é...

– Eu sei! Aposto que seu irmão bateria em mim de novo... se ele estivesse...
– ele se contorce tentando sair de uma frase casual que perdeu sua graça e virou um sinal de pesar, de perda, de tempo perdido.

– Entra, bobo! Eu sei o que você quis dizer – acho que quis. Nós vamos direto para o quarto e ficamos na cama, dando uns amassos. Aqueles amassos bons que você acha que só vão acontecer no começo de um relacionamento, mas que, surpreendentemente, nos perseguiu desde que nos conhecemos. Eles continuaram porque nós dois sempre fomos aquele relacionamento de idas e vindas, que parece durar mais do que aqueles tradicionais. Eu não estou aqui. Os beijos cessam e fingimos que precisamos estudar. E precisamos. As páginas viradas são pontuadas por frases soltas.

– Então, seu irmão não foi ao enterro...

– E você esperava algo diferente? – Eu falo e ele respira fundo. Ele conhece mais da história de minha família do que a própria Amanda ou um dos eventuais namorados do Fê.

– Você não se cansa de todo esse drama?

– Se eu tivesse como resolver... – eu resolveria? Eu nem saberia por onde começar. Eu teria coragem de tomar as atitudes necessárias para impedir que minha família afundasse?

– Você já passou para pensar que eu sou um segredo como o segredo do Fernando?

– Você está se comparando à orientação sexual do meu irmão? – Levanto minha sobancelha tentando encontrar, em seu rosto o caminho que vamos trilhar com essa conversa. Será que, só por hoje, eu posso estudar e fingir que sei o que estou fazendo? Que eu vou me tornar uma boa médica como meu pai?

– Seus pais não sabem sobre mim, sabem?

– Claro que sabem! Você vive almoçando aqui.

– Dividir a mesa não significa que eles sabem que estamos transando quase todo dia.

– Sério que você quer que eu compartilhe esse tipo de informação com meus pais?

– O que eu quero dizer... O que nós somos, Bia? – mais uma decisão que eu nunca consegui tomar, não é? É tão confortável não ter que definir o Alê. Sua indefinição é tão... segura! – Somos namorados – falo, incerta.

– O Maurício sabia da gente? – por que eu nunca contei para o Maurício? Eu lembro que o Fernando acabou sabendo do meu relacionamento com o Alê em alguma conversa trivial, ele até brincou que já estava na hora. Será que foi o medo do primeiro encontro que o Alê teve com o Mau?

Não. O Maurício e eu nunca fomos muito bons com segredos.

Sabe como meninas são com dança, não é? Parece que todas nascem querendo colocar sapatilhas, vestir tules e sair por aí dando voltas e voltas. A verdade é que esse sonho só gasta o dinheiro de seus pais, alimenta sonhos irreais e morre quando elas se tornam adolescentes. Do balé, algumas dessas garotas têm uma recaída com jazz e dança contemporânea. Minha relação com a dança começou mais ou menos assim, mas eu só larguei tudo há alguns meses. Foi uma decisão, uma decisão forçada, mas foi. Meu pai nunca admitiria dança como uma formação. Eu estava montando um plano para revelar essa vontade e conversar com meus pais de uma forma calma, sem meu pai se desesperar, achando que eu morreria de fome.

– Eu apoio sua decisão, Bia! Você precisa fazer o que você gosta.

Foi o que Maurício disse quando contei para ele que queria continuar dançando, que queria subir aos palcos como uma dançarina profissional. Naquele dia, mais uma vez, vi como deveria me sentir sendo irmã do Maurício, irmã de verdade. Compartilhar um segredo, uma jornada conjunta, um objetivo comum.

Alguns dias depois, saímos para almoçar com meu pai e, em uma conversa amarga dos dois sobre o Fernando – mais uma delas –, saí em proteção do meu irmão.

– Você já contou para meu pai que decidiu o que vai fazer de vestibular, Bia? Orgulhoso da nova dançarina, pai? – foi o que ele disse como forma de retaliação. Depois disso, ouvi mais do que precisava sobre minha possível escolha. Meu pai se alongou sobre como seria meu futuro se escolhesse a dança e tive que contentar em saber que não poderia ter uma escolha minha naquela família. Sério, minhas orelhas queimaram do tanto que ouvi do meu pai. Usei toda a força do meu ser para não chorar ali mesmo, segurei a raiva contra Maurício e contra minha mãe que ficara calada o tempo toda. Eu fiz como o meu irmão me ensinou. Eu me resignei. – Parece que o Fernando não é o único que gostava de guardar segredos.

Eu busquei o olhar de Maurício e ele já tinha me abandonado, deixando só um sorriso de soslaio e seco. Sal em uma ferida aberta. Nesse dia, senti um pouco como o Fê se sentiu quando ele foi arremessado para fora do armário. Senti-me como os dois dos meus irmãos em um espaço tão curto de dias...

– Ele não precisava saber – seguro a mão do Alê. – Acho que a gente precisa saber. A gente nunca teve muita certeza também, não é?

– Nós somos namorados, pintada! – Esse é o jeito que ele me chama quando está em seu jeito romântico. Uma referência às pintas em meu rosto.

– Então somos! E vamos contar para meus pais – sorrimos e voltamos para as páginas dos livros, com uma segurança que vem com o tempo, que vem dos dedos entrelaçados de outra pessoa, outra pessoa ao seu lado.

FERNANDO

Engraçado pensar nisso como apenas socos em um saco de areia. Na verdade, são pequenos grãos de gritos silenciosos e raiva contida. As gotas de suor cegam a dor e meus olhos ardem do sal do cansaço, mas continuo mesmo assim. Ninguém se atreve a me parar, afinal estão todos aqui pelo mesmo motivo que eu. Musculosos ou não, empresários medrosos e com ímpetos autoafirmativos, todos eles devem ter uma bagagem de mágoas e iras que depositam em doses homeopáticas de murros.

Estou sem camisa e me sinto sexy e irritado ao mesmo tempo. Em cada movimento, preciso entregar meus anos de treino. Ainda assim, guardo minha displicência e escárnio por tudo aquilo que é seriamente enquadrado e isso inclui o boxe. Preciso fazer algo diferente, dar um cruzado um pouco aberto demais, uma virada de tronco curta demais. Às vezes, me esqueço das regras e alguns me olham em reprovação, como a bichinha que quer se sentir um pouquinho mais masculina só por aprender a lutar. Eu não sou uma delas, queridos. Sou movido pelo prazer de canalizar energia explosiva na destruição de medos passados. Acho que eles nem mais existem, os medos. Foram muitos socos desde o dia que comecei a me livrar das rédeas patriarcais do meu antigo lar.

O cheiro de suor é até agradável, lembra um dia de sauna ou de sexo interminável. A excitação é inevitável. Mas hoje não é dia de pau duro e minutos estendidos no vestiário. Hoje, eu me entrego ao ressentimento e à dor, à minha dor, à dor do outro e à minha dor quando jovem. Hoje os olhos cegam com o cheiro da impotência e a sudorese acompanha, proporcionalmente, as palavras que não conseguiram sair no momento que deveriam sair. Sempre é mais fácil saber o que dizer quando tudo já acabou e não há mais chance de fazer a diferença.

Deveria ter esmurrado o Ricardo junto com aqueles dois pivetes. Lembrar que chorei sozinho no carro só me faz bater mais forte, trocar de posições ligeiramente e não ter piedade desse inimigo inerte que representa mais do que areia, costuras e tecido vermelho. Cabelos caem sem forma, a minha raiva ganha forma. Os nós dos dedos doem e a dor é boa o suficiente para me manter na mesma sequência.

– Tem certeza de que não tem problema?

– Claro que não! A gente só vai assistir a um filme.

Lembro-me de ter começado o boxe pouco tempo depois de minha mãe ter descoberto. Como o boxe fazia parte da grade da academia em que estava matriculado, ninguém realmente sabia que tinha começado a aprender a me defender. Foi meu pequeno segredo, minha forma de mostrar que eu não era cego, que sentia dor, que ainda sentia as dores de cada surra que meu irmão tinha me dado até então. A tranquilidade de nossa falta de interação não significava que não aconteceria de novo. Por isso tomei o primeiro passo e dei o primeiro golpe. Treinei mais como uma diversão, mas sempre sabendo que os punhos, um dia, poderiam ser usados. Não há mundo tranquilo e seguro para um gay que não saiba usar mais do que o seu bom senso. Situações drásticas demandam medidas drásticas. Nada que uma boa surra para fazer que um hétero de merda engula seus xingamentos e volte correndo para sua patética vida de inseguranças. Se homofóbicos acham que nós precisamos aprender uma lição de vez em quando, nada mais justo que eles aprendam a deles quando um gay, finalmente, toma coragem de vestir luvas e entrar no ringue.

Eu poderia estar pregando uma tática Martin Luther King de enfrentar tanto preconceito, mas sempre gostei mais do Malcolm X nos meus livros de história.

– Qual filme vocês alugaram? – Bia perguntou sem qualquer tom de espanto quando chegamos para sentar lado a lado no sofá da sala. Ele foi o primeiro homem que beijei e o primeiro pelo qual tive coragem de me impor. Engraçado como agora nem mais nos falamos, nem sei que rumo tomou a vida dele. Desconfio que ele também não saiba de sua importância, a importância que dou ao evento, àquele dia. No fim, ele foi apenas um coadjuvante de algo que aguardava para fazer havia muito tempo. Precisava, apenas, de um grande motivo, um motivo simbólico para a primeira vitória.

Não feche os olhos. Bata sempre. Por que o cansaço não vem? Por que não apenas desmaio aqui mesmo? Tudo que consigo pensar é que não importa quantas vezes eu soque esse inimigo inanimado, nada me fará parar de pensar que levei um grande soco no estômago. Um grande e excruciante soco. E o Ricardo, seu rosto faz parte de todo este desconforto inquietante, a reação dele é que traz essa memória específica à tona.

– Vou para o playground, Fê! – Bia avisou, já se dirigindo para a porta. Foi a oportunidade que tivemos para nos deliciar com alguns beijos roubados e a excitação do proibido. Beijos, apenas, carinhos no rosto. Nem acredito que, um dia, cheguei a adorar uma felicidade tão piegas quanto uns amassos no sofá. Eu sabia que ele estava lá. Meus pais haviam saído para visitar um parente acidentado no hospital. Era o tempo de que precisávamos, o tempo que precisava para tomar coragem. Quando ele saiu do quarto sonolento e vestindo apenas uma cueca samba-canção, fingi não notá-lo. Estávamos quase deitados, o garoto com sua cabeça no meu peito, quando viu o Maurício, ele se assustado.

– Que porra é essa? – Maurício quase gritou, seu sono praticamente sumiu.

– O que parece? – falei sem me mover.

– O que foi que meu pai te falou sobre essa viagem toda, hein?

– Estávamos apenas assistindo a um filme.

– Quem é essa bicha? – ele falou apontando para meu acompanhante. – Como é que você vai trazendo esses seus amigos veadinhos para nossa casa?

– Ele não é meu amigo. É meu namorado. E ele tem nome. É Pedro. – me levantei calmamente. O tom de escárnio era uma das coisas que Maurício mais odiava em mim. No começo, foi o que catalisou as surras homéricas que recebi quando menor. – Como você mesmo disse, a casa é nossa! Não estamos fazendo nada demais – Pedro não parecia compartilhar da minha calma. Ou da minha aparente coragem. Ficou encolhido no sofá sem saber o que fazer, esperando o momento para ir embora.

– Seu filho da puta! – ele veio para cima de mim com o que parecia ser um soco. Pedro prontamente se afastou, não podia arriscar. Desviei, soco no estômago, jab no rosto, rasteira para ele cair de cara no chão. A desorientação foi meu primeiro prazer. Pedro fazia pedidos para sairmos de lá, mas não escutei nenhum deles.

– O que você disse? – estava em cima dele, prendendo suas mãos com os joelhos. Ele tentou se soltar e bati sua cabeça com força no chão. – Só para deixar mais claro o que acabou de acontecer, seu babaca! Essa foi sua primeira surra. Se você não quiser arriscar mais uma, fique fora da minha vida! – bati sua cabeça

novamente.

Foi a primeira e última. Não sei se ele parou porque estava com medo de apanhar novamente ou apenas surpreso de, um dia, eu ter reagido. Na verdade, nem me importo muito hoje em dia. Depois daquilo, não trouxe mais ninguém em casa. Não porque tinha medo da minha família, mas porque tinha vergonha. Não queria expor outra pessoa àquele tipo de briga ridícula e despropositada.

As lembranças de nada adiantam aqui, diante do saco de areia. Nada mesmo. Não posso me vangloriar desse pequeno troféu sentimental que conquistei naquele dia no ringue dos meus dramas familiares. A luta de hoje foi maior, e me comportei como um covarde. Ricardo merecia um soco, sim! E não merecia meu choro. A cada soco, uma franqueza vai embora. A cada soco, a minha força aumenta nas minhas falhas. Com cada soco apago o medo de gente como Maurício, como Ricardo. Cada soco precisa ser dado. Eu preciso de cada um deles tanto quanto eles precisam de mim para atingir seu alvo.

* * * *

Parece que somos atraídos pela nossa falta de autoestima. Somos os três mosqueteiros da auto-depreciação contínua. Acabamos sentindo o cheiro de medo em cada um, mas, ao mesmo tempo, uma vontade quieta de se impor, de tomar nosso lugar de direito, mesmo que isso não significasse uma melhora na imagem que tínhamos de nós mesmos. O engraçado é que agora não conseguimos viver sem tentar abrir os olhos um dos outros. Tanta vontade de ajudar, acolher, mas apenas o outro. Reservamos pouco tempo para falar de nossas próprias dores. Elas eram conhecidas, mas tudo era conversado por alto, apenas conselhos que pareciam vãos. Todos aqui têm telhado de vidro.

Conhecemo-nos na época de faculdade para criar esses laços invisíveis que nos tornavam párias em todos os sentidos. Aqui o gay não importa, a tristeza não importa, ela na verdade nos liga.

Laura, ou Lalá, pobre menina anoréxica, ou como eu gosto de chamar, power anoréxica! Ela sempre está bem abaixo do peso ideal para uma pessoa saudável, mas

conseguiu, com sua subnutrição, uma boa poupança de trabalhos como modelo. Agora, trabalha em uma agência de publicidade como a minha. Seu diferencial é que ela se orgulha de ser anoréxica: exhibe sua bandeira de distúrbio alimentar sem medo de dizer que adora passar uma fome de vez em quando e viver a base de dietas líquidas de procedência duvidosa.

Carlos Eduardo, Dudu, um dos melhores exemplares masculinos que Deus, um dia, resolveu por na terra. Se sua genética já não é favorável o bastante, ele ainda esculpiu as curvas de seus músculos com horas extensas de academia e sexo casual ao extremo. Dudu transa absolutamente com qualquer coisa que produza sombra. Lalá e eu geralmente ficamos com medo de ele aparecer preso em alguma árvore ou fechadura de porta. E falar de sexo é sua especialidade. Com sua voz grave e quase imperceptivelmente afeminada, ele é capaz de contar detalhes com vivacidade. Mas o sexo parece ser um escape com benefícios. Ele pode encontrar o homem mais feio em algum banheiro público, mas se ele, por acaso, encarar seu pau de 21 centímetros, Dudu simplesmente leva-o ao banheiro para um rápido boquete. Ele vive nos contando que transa com mulheres ocasionalmente e isso nos assusta pra caralho.

E, por último, eu, Fernando, Fê. O menino com a infância ferida e desgastada pela dor; o cara desiludido, cético, irritante – até para os dois – e impiedoso com as falhas do outro. Solitário, às vezes se esconde em uma grande torre, no melhor estilo medieval, enclausurado com seus pensamentos herméticos, à espera de um amor que nem ele mesmo acredita, de mudanças que ele nem tem certeza que irão acontecer. Ele pode espremer e brigar o quanto quiser, em alguns momentos, vale mais a pena voltar para a torre e dormir o sono dos ignorantes. Nessas vezes, até chora, como há alguns dias no carro.

– Isso é tão sua cara! – Lalá fala, fumando seu Marlboro light e segurando sua lata de cerveja. Na equação mental de Lalá, cerveja sempre foi componente essencial de suas dietas líquidas – ou qualquer etílico – e o cigarro servia como um inibidor de apetite.

– Mas você não defendeu o menino? Não salvou o dia? – Dudu está deitado de bruços, folheando uma revista pornográfica masculina que ele mesmo trouxe, também com sua cervejinha amiga.

– Do que adiantou? Ainda fui repreendido. O Superman não seria repreendido porque salvou algum prédio em chamas.

– E nem você fica bem com cueca por cima das calças, querido! – Lalá sorri.
– Isso é tão anos 1940!

– Eu ainda não consigo acreditar como esse cara continua voltando, mesmo depois de você usar artilharia pesada...

– Nem eu. Essa cruzada para beatificar minha família parecia divertida no começo, sabe? Abusar do amiguinho do meu irmão homofóbico.

– Lá vamos nós de novo... – Dudu suspira, revirando os olhos.

– Calma aí, ninfo, hoje não é dia de chorar minhas pitangas! Maurício morreu e, por isso, bebemos! – brindamos com nossas latinhas, essa era nossa Távola Redonda. Encontros para colocar a conversa em dia, ver pornografia como comédia, discutir fofocas correntes e, ao fim da noite, sair e acabar na sarjeta. – Mas esse Ricardo acabou se tornando objeto para estudo mais aprofundado. Ou pelo menos parecia...

– Ele é gato? – pergunta Dudu, renovando seu interesse.

– Uma beleza arrumada, incrustada em gel e amarrada na gravata.

– Estou precisando pegar um empresário para variar. Chega de porteiro.

– Você sempre teve uma quedinha por trabalhos de caridade! – Lalá fica assistindo a um filme pornô de uma travesti anã que está passando na TV do quarto e fazendo caretas. – Que merda foi essa que você trouxe dessa vez, Fê?

– Meramente antropológico – gargalhamos em coro.

– Sabe do que eu preciso mesmo? Dar o cu! Estou sendo muito ativo. Preciso levar uma dessas bem gostoso! – Dudu aponta o modelo de capa da revista que analisava e eu e Lalá nos inclinamos para observar a ferramenta citada, apenas para voltar para nossos lugares em espanto.

– Voltando ao “quase/incerto objeto de estudo”. Existem planos de voltar a

vê-lo? – pergunta Lalá.

– Em que cenário isso poderia acontecer? “Oi, aqui quem fala é gay ativista que te odeia e odiava seu melhor amigo, meu irmão! Está a fim de tomar um café? Participar da Parada Gay?”.

– Eu nunca te achei muito ativista – interrompeu Dudu. – Sempre achei algo reativo. Apenas uma manifestação de toda essa bagagem traumática com que você fica enchendo nossas cabeças.

– Achei que esse era o objetivo de ter amigos que nem você, seu saco inútil de músculos no cio! – Dudu ri e eu o acompanho. Pulo nas suas costas e finjo estar comendo ele de bruços. – E para transar de vez em quando – ele me empurra e começamos a fingir que estamos nos pegando. Lalá quase se urina de tanto gargalhar.

Será que nossos caminhos iriam se encontrar novamente? Colisão de trem, racha de carro, murro em ponta de faca? O que pensa de mim, nosso pequeno estranho? Não sei absolutamente nada desse amigo vindo do vácuo da morte de meu queridíssimo irmão. Seria um ótimo momento para fazer uma pesquisa de passado. Bia, com certeza, deve saber de algo, já que vive com o inimigo, come da sua comida e aproveita todos os canais de sua TV a cabo.

RICARDO

Meu coração nunca foi desse jeito. Ele embruteceu com o tempo. Retraiu-se com frio. Acomodou-se no seu bater lento. Ninguém tem coragem de dizer que o que nosso coração realmente sente não passa de diversos distúrbios psíquicos. Até aquilo que chamamos de bons sentimentos.

Eu vi muitas coisas. Coisas que deveriam me fazer falar algo, me impor como pessoa. Como homem. Mas o conceito de homem, de novo, é uma metáfora usada para esconder um espírito geralmente covarde. O meu, pelo menos, sempre foi. Gosto de pensar que, em algum momento da minha vida, realmente expressei algum dos meus distúrbios psíquicos e pude me ver como o covarde que sou.

As mulheres da recepção me olham logo quando eu entro. Não é a primeira vez. Nem acho que será a última nesse antro de segredos. Pênis de látex por todos os lados, chicotes e adereços de couro e o sinal “cabines” escrito em néon, uma sala cheia de pequenas fossas cheirando a porra.

Homens velhos e calvos, de cabelos brancos, ou até bichinhas enrustidas olhando as capas dos diversos DVDs. Homens com paus enormes, peludos, lisos e com caras lascivas em cada uma delas. Peço sete fichas, e todos me olham, param por um segundo, porque, visivelmente, sou mais bonito do que a média que passa por aqui. Mas para quem está atrás de uma gozada, pouco importa um rosto ou um corpo. No máximo, um pau, uma mão.

Eles são predadores como qualquer outro. Alianças em todos os dedos ou na maioria deles. Quando se masturbam essa é a primeira coisa que você nota. A procedimento padrão é entrar em uma das cabines e fingir que realmente está prestando atenção em um dos filmes que passam ali dentro, em uma TV antiga, daquelas de tubo. Um dos dois toma o primeiro passo de abrir a pequena janela que divide os dois espaços. Primeiro para averiguar a receptividade da vítima. Mas não há vítimas. Todos sabem para que vieram e pouco se importam. Todo o suspense nos deixa duros.

Depois, mãos e toques reticentes. Prazer. Alguns resolvem se ajoelhar e te chupar. Outros esperam que você o faça. Ou, então, ficam em uma punheta

interminável até as fichas acabarem, claro.

Entro e não faço diferente. Tenho medo de manchar meu paletó com qualquer coisa que tenha sobrado do visitante passado. Apenas ligo a televisão e fico pulando de canais, como trocando da novela para o telejornal. Até que ouço o barulho da portinhola abrir e uma mão medrosa ficar ali no limiar. Não faço nada e finjo que não percebo a presença estranha.

Fico excitado e a mão, vagarosamente, sai de seu esconderijo para acariciar meu pau sob a calça social. Afasto-a bruscamente, mas isso não a impede de voltar novamente. Insistente, continua até que estou completamente duro. Coloco meu pau para fora e começo a me masturbar, devagar, passando minha mão sobre toda a extensão, na cabeça. Quero tentá-lo a pedir mais e é exatamente o que o homem da cabine ao lado faz: sua mão toma controle, começa a me masturbar e me puxa para perto da abertura. Vejo apenas seus lábios que chegam perto da glândula, mas levanto meu pau como para tentá-lo novamente.

Insistente, o homem começa a me chupar e fecho os olhos com as mãos apoiadas naquela parede suja. E não sinto nada, apenas um desejo de estar sujo como aquela parede. E estou. Penso nos olhos dele, distantes, olhos que nunca puderam amar e acabo novamente concluindo que estou aqui por causa dele ou pela falta dele. Tanto tempo se passou desde as saídas escondidas, as noites na mesma cama e ainda assim dois corpos distantes. Sinto que poderia tê-lo amado, mas não saberia dizer ao certo.

Gozo.

A mão me chama para entrar na outra cabine e continuar algo que não sei o que ele imagina que seja. Para mim nada começou, tudo estava terminado desde sempre.

Saio rapidamente para que não me pegue em minha rota de fuga. Caminho até a estação de metrô e penso que tudo será como sempre foi antes de gozar. Procuro por manchas na minha camisa ou calça, persigo uma lata de lixo qualquer e jogo as fichas restantes fora. Prometo não voltar lá. E peço um cigarro a um dono de banca de revista. Acendo ali mesmo e fumo próximo à calçada. Carros passam velozmente, luzes embaralhadas na cabeça, a fumaça tomando conta do que resta de consciência.

Não queria viver assim o tempo todo. O autodestrutivo que não me deixa seguir em paz. Lembro-me de outros olhos. Jogo o cigarro em uma correnteza de água suja e desço as escadarias da estação, seguindo o caminho que acho que deveria seguir.

FERNANDO

Eu sou tão inconstante! Deveria me concentrar em algo e esquecer o resto. A imagem do meu irmão fica voltando, se formando nas beiradas dos olhos e sempre imagino que ele ainda está aqui. Lembro-me da época em que éramos menores, bem menores, menores nas nossas diferenças. E agora até penso se não é apenas imaginação minha, mas, na época, éramos bastante parecidos, quase iguais.

Estou em um banho quente, queimando as costas enquanto olho os meus pés e dedos. Toco meu mamilo suavemente e depois o aperto na tentativa de me excitar e me masturbar. Mas não consigo instigar meus sentidos. A névoa toma conta do banheiro e tudo parece indistinto. Viro-me e deixo a água quente banhar meu dorso. Ainda assim, não sinto muita coisa. De olhos fechados, penso em um par de sapatos, os sapatos de salto-alto da minha mãe, um colar de pérolas, um estilo bem retrô. Algo que aconteceu quando tinha seis anos. Apoio uma das mãos na parede, a água ainda cai quente e sinto que minha pele começa a ficar rosada. Tenho certeza de que há alguém presente naquele momento, eu com seis anos. Lembro-me que, quando colocava um dos vestidos de minha mãe, qualquer um deles, sem me importar com a estampa, junto com o colar de pérolas e os sapatos, alguém vestia as calças de meu pai. E esse era meu irmão. Quando penso em tudo isso me pergunto onde foi parar essa memória. Fiz tanta questão de apagá-la, mas sei que ela ainda existe em algum lugar. Sempre me perguntei onde essa memória estaria no meu irmão, o que ele tinha feito com ela.

Memórias assim vão se dispersando com o vapor da água. Saio do banheiro e me enrolo numa toalha grande e, ao esfregar o cabelo, deixo meus olhos vagarem pelo piso do banheiro. Lembro-me de um beijo pedido, uma reclamação de minha mãe. Tenho quase certeza de que meu irmão também estava lá.

– Me dá um beijo? Aí, eu sou sua mulher e você é o meu marido!

– O que é isso, Fernando? Que brincadeira é essa? Ele é seu irmão. Venha cá!

Sinto uma dor de cabeça começando. Quando acabo de enxugar o cabelo, acredito estar nauseado. Sinto vontade de vomitar ou não sei se é uma vontade.

Talvez, vontade de querer vomitar. Meu irmão sumiu aos poucos e aquelas memórias nem sei realmente se um dia existiram, e como todo meu passado, tudo que consigo me recordar só me traz mais raiva, uma indignação sutil de pensar que ainda me importo com tudo que passou. Entro no quarto e jogo a toalha no chão. Deixo meu corpo afundar no lençol amassado e bagunçado da cama. Olho os pequenos montes, ondulações formadas pelo tecido. As gotas no meu corpo se movem ao sabor da brisa fraca que entra pela janela aberta.

Hoje é sábado de novo e eu deveria sair de casa. Ele apareceu e, de repente, não consigo pensar em outra coisa: minha família, aquele grande abismo cheio de vazios que ficava atrás da retina assombrando cada vez que gozava dentro de outro cara ou até me masturbava. Uma autorrecriação que, mesmo negada, estava ali, agora emerge como um fantasma antigo brincando com meus maiores medos. Sempre achei que tudo poderia ser enterrado um dia e que poderia dizer, com certa melancolia, para um homem bonito qualquer com quem planejasse passar apenas alguns minutos de sexo tórrido que toda a minha família morreria em um trágico incêndio doméstico. E afetaria certa emoção, olhos marejados de tédio. Imaginaria se o pau dele é grande ou se ele é bom de sexo oral. E ele me penetraria e enquanto isso eu divagaria sobre o que comer no dia seguinte. E aí teria certeza de que, realmente, minha família estaria morta e enterrada.

Menos a Bia, claro. Penso nela quando pego meu celular escondido entre os montes irregulares do lençol branco. Quero ligar, penso em ligar, mas hesito. Se ela me visse assim, ia me encher de seus julgamentos morais e conselhos. Homossexualidade parece ser um grande imã para conselhos inadvertidos, indesejados, expressões de pena ou de compreensão virtuosa. Sinto ânsia de vômito novamente só de pensar que Bia possa se enquadrar nesse tipo de falsidade humana e plástica. Ligo. Aperto setas e botões, passo a mão pelos cabelos molhados e fico imaginando. “Não durma com cabelo molhado pra não gripar”.

– Alô?

– Bia?

– Oi, Fê!

– Não está a fim de fugir de sua prisão domiciliar e vir aqui?

– O que você aprontou dessa vez? – sinto a desconfiança na sua voz. Ela sabe que há algo de errado.

– Nada – viro de bruços, olho para minha bunda e penso como ela tem sido subutilizada. – Ainda.

– Vou demorar uns 30 minutos. Precisa de cigarro?

– Não. Mas acho que estou sem nada pra beber.

– Levo algo, então.

Um contador começa na minha cabeça, não sei de quê ao certo. Primeiro, começo com os minutos passando até Bia chegar. Depois, um contador de quantos dias faz que não transo com alguém; o número de cigarros que fumei hoje. Olho para o teto, olho para o guarda-roupa, pego meu celular novamente.

Nenhuma ligação. Pelo menos, essa não foi difícil de contar. Levanto e ando pelado pela sala, as cortinas fechadas. Exibo-me para uma plateia invisível que não nota há quantos meses eu tenho feito academia. Percebem, apenas, os maços de cigarros espalhados, as garrafas de vodka que substituem qualquer alimento na geladeira, além de mostarda. Eles não enxergam minha bunda ou meus mamilos salientes. Eles, provavelmente, nunca me comeriam no balcão da cozinha. E é exatamente o que penso que está faltando na minha vida, a distração de um toque, um toque de verdade.

Bebo um pouco de água, uma garrafa de plástico entre outras na geladeira. Bebo e analiso seu rótulo e até penso um pouco no sódio, que parece ser a única coisa que vem nas águas engarrafadas. Volto pro quarto com a garrafa em punho, deixo-a no chão e deito novamente. Mexo-me languidamente entre as vagas formadas pelo lençol completamente desarrumado.

– Há quanto tempo você não transa?

Estamos fumando na minha espaçosa varanda, ela está com shorts curtos, mostrando suas pernas magras, brancas, pontilhadas por algumas sardas; uma bata verde caída ao lado esquerdo, deixando seu ombro saliente nu, apenas o cordão negro do seu top por baixo; sandálias de dedo e toda a displicência de sua beleza.

Estou com shorts verde-limão e uma regata branca apertada delineando meus mamilos e minhas costelas.

– Acho que estou voltando a ser virgem. Isso responde à sua pergunta? – Olho de soslaio, arqueando a sobrancelha. Ela ri, expelindo nossa fumaça inebriante. Temos duas latas de cerveja próximas dos nossos calcanhares, olhamos o horizonte sem perspectivas. Eu olho os grandes prédios à frente com olhos apagados, pensativos, mas sem qualquer vida.

– Você precisa sair. Às vezes, ficar em casa pensando faz mal pra sua saúde. Mas do que essa bosta de cigarro mentolado que você vive fumando... – Isso é coisa de veado, caralho! – ela imita uma voz que poderia ser do meu pai me repreendendo ao me ver fazendo as sobrancelhas.

– Deixa eu te contar uma novidade, colega! – respondo com uma voz mole e fanha. – Eu sou veado!

– Você precisa de um namorado também. Só os heterossexuais podem ficar pra titia. É um dos nossos karmas. Anos afligindo todas as minorias para acabarmos sozinhos e infelizes.

– Diga isso para todos os gays promíscuos e poligâmicos que começaram a surgir como formigas num açucareiro. E esse açúcar aqui – encosto o polegar da mão que segura o cigarro no peito – está cansado de conseguir só formiga.

Na verdade, eu era a formiga. Era péssimo para relacionamentos. Cheguei a procurar um relationship for dummies, mas, na livraria, disseram-me que eu teria que escrevê-lo. Um amigo... na verdade uma ex-boia-transa me definiu como “don’t do boyfriends”. E acho que ele estava completamente certo. Relacionamentos amorosos ultrapassam uma intimidade que eu nunca estou disposto a entregar de mãos beijadas. A cama é um campo de batalha onde eu tenho certeza de que a vitória sempre será minha. E não é uma questão de ser ativo ou passivo, como geralmente os héteros costumam pensar: o passivo sempre sendo o frágil, feminino e dominado da relação, e o ativo sendo seu oposto. Até quando eu dou o cu, eu sei que o cara já perdeu o jogo no momento em que meteu o pau lá dentro. Simples assim. Eu até posso ser romântico e esboçar elogios, carinhos bastante verossímeis, mas é só eu gozar e os quero fora da minha cama; e eu quero um banho e dormir pensando em qualquer outra coisa. Péssimo, não? Mas ninguém sai por aí se vangloriando de almejar uma boa putaria sem compromisso sem ser olhado com uma carga imensa

de moralismo e hipocrisia. Por isso, não toco nesse assunto. O que faço entre quatro paredes, no banheiro de uma balada hype, no estacionamento do shopping ou na cadeira de dentista é assunto meu, das minhas punhetas e das minhas recordações entre um cigarro e outro.

– Não é possível que não haja um gay que preste em São Paulo...

– Você ficaria impressionada... – rio sardônico, apagando meu cigarro e amassando mais uma latinha de cerveja. – Mais uma pra você?

– Quantas eu já tomei? Ainda preciso voltar pra casa e você sabe como a mãe fica quando eu volto um pouquinho mais alegre – fala também amassando sua latinha e jogando as duas no canto da varanda onde se amontoam mais outras.

– Não sei. Sou péssimo em matemática. Mas, com certeza, fiquei mais animado pra sair.

O maior inimigo do desânimo é o álcool. Não preciso de mais que algumas latinhas para me por no chuveiro pensando em que roupa usar e para onde ir. Depois do banho, vem a música alta, e danço de cueca na frente de um enorme espelho preso em uma das portas do meu armário. Um exibicionismo íntimo e narcisista. É para ter certeza de que, quando fizer o mesmo na balada, tudo estará perfeito e atrairei exatamente quem eu quero.

– Estou te dizendo. O que você precisa é de uma noitada. De uma manhã de ressaca e de esquecimento.

– Eu preciso de uma bala também, isso sim! – Olho questionador para minha irmã e mordo meu lábio inferior.

– Ai, irmão! Você sabe que não tenho esse tipo de contato – dá um tapa no meu ombro em reprovação. – A primeira vez que tomei bala foi com você!

Eu a iniciei em tudo o que era mais abominado pela minha família. Fui um mau exemplo em tudo e agora me preocupo se não deixei uma marca nociva nela, invisível, algo que vai murchar o coração dela como fez com o meu. Desconfio de que ela começou a fumar me observando, sempre que podíamos nos ver na ausência de nossos pais. Em uma “rave” qualquer, liberei metade de uma bala e ficamos

loucos dois dias seguidos falando besteiras e nos tornando mais do que irmãos, grandes amigos. Costumamos beber juntos sempre que há um tempo na minha agenda, um happy hour, uma festa da faculdade dela. E agora estou passando adiante a minha mais pura e profunda amargura, requintada com sarcasmo e cinismo. Espero que ela não me use como exemplo de vida. Eu gostaria de poder falar para ela se afastar e correr na direção oposta, mas eu sei que a direção oposta é cheia de pequenas traições e ilusões. Maurício está esperando no lado oposto, ele e meus pais. Não poderia deixá-la caminhar entre preconceitos e intolerância, senso comum e a violência mortal de não poder cultivar ideias próprias. Ela seria castrada se não estivesse comigo, ela não saberia o que é escolher o melhor que nós podemos alcançar, ela passaria a viver das opiniões alheias, morreria aos poucos e até eu passaria a odiá-la. E eu morreria se isso acontecesse. Por isso, mantenho-a tão perto, escutando tudo o que geralmente ninguém sabe.

Decido que devo seguir o conselho da Bia e tenho pouco a perder atualmente, além, claro, de uma noite solitária com um pouco de vinho e uma possível punheta com filmes baixados pela internet. A palavra deprimente não consegue exprimir nem metade da vontade que me impulsiona a sair da indecisão para uma euforia pré-balada. Ficamos em silêncio por um bom tempo. Quando não temos o que falar, é preferível nos calar. Acho que ela nota que estamos ficando um pouco bêbados.

– E o Ricardo? Ele continua frequentando o lar dos Novaes? – Pergunto, olhando para o chão.

– Sim. Ele aparece de vez em quando. Tem ajudado meus pais e a Amanda a lidar com a perda. Eles passam horas conversando ou ele fica lá sentado, calado. Eles acham que é muito prestativo da parte dele.

– Definitivamente, muito solícito... – suspiro. – Me diga uma coisa: você se lembra dele quando éramos mais jovens? Tem alguma memória dele com o Maurício? Não consigo me lembrar de absolutamente nada.

– Eu também. Só sei que ele foi um dos amigos do Maurício que ajudou a bater no Alê. Lembra? – ela pergunta, mas a lembrança escapa sorrateira. – Foi há muito tempo mesmo. Mas acho que não seria novidade, já que o Maurício sempre foi um pouco isolado com os amigos dele enquanto crescia.

Ficamos calados. Não sei o que ela pensa, mas penso na chegada do Ricardo

e até penso no meu irmão. O quão pouco sei sobre a vida dele. Ele sempre fez questão de me afastar com seu tratamento rude e falta de carinho. Isso não era permitido para seu ideal de masculinidade. Não consigo imaginar como Amanda pôde aceitar se casar com um homem tão bruto.

– Acho que já vou – Bia fala, acabando com mais uma latinha e arrotando como um homem.

– Nossa! Esse é lado dama que você vivia escondendo? – puxo seu corpo para perto de mim. Não quero que ele vá. Sempre considerei o fato de ela morar com meus pais um perigo. Todo dia, me atormento com a ideia de que ela possa se tornar algo menos que uma pessoa incrível. Meus pais não sabem o que é isso. Deixo-a partir. Despedimo-nos com um pequeno selinho e tranco a porta decidido a sair de casa e me divertir. Tentar ser um perfeito humano sociável, nem que fosse pela minha irmã. Começo a tirar a roupa no caminho do quarto, quando percebo que ainda deve estar muito cedo para ir a qualquer lugar. Deito na cama apenas de cueca e, por pouco, não desisto de sair. A cama me acalenta, a preguiça pesa no meu corpo, parece sentar nas minhas costas, fazendo uma massagem shiatsu quase que erótica. Talvez nem precise de uma punheta. A inércia simplesmente me excita nesse momento. Fico de pau duro e deitado de bruços, começo a tatear o caminho até o meu ânus. O telefone celular começa a vibrar e reverberar na cama. Perdido entre os lençóis, encontro o aparelho junto com um pouco de vergonha. Meu pau rapidamente murcha. E assim perco o tesão, mas ganho um convite para sair.

* * * *

É um bar bem pequeno, modesto, um eufemismo para um buraco bem sujo, cheio de bichinhas mal vestidas e cerveja barata. Não sei por que estou aqui. Meus amigos me chamaram para beber algo antes de cairmos na noite e acabei aqui.

Saio para a rua, tiro um cigarro do bolso e o acendo. A noite está quente, opressora. Carros estão enfileirados à frente, um céu sem nuvens, com poucas estrelas. Encosto em um Vectra na frente da entrada e olho para o fim da rua que se desenrola para uma grande avenida. Estou tonto, porque bebi demais sem comer nada. Isso tudo vai me pegar amanhã, tenho certeza que vai, nenhum carro passa e olho para o relógio de pulseira de couro preto, caro. Meia-noite e meia. Olho para os

dois lados da rua e não há nenhum movimento aparente, nada de carros, nada de pessoas. Consigo distinguir cada barulho vindo de dentro do bar, as risadas, os gritos, a música alta.

O semáforo continua trabalhando, mesmo sem carros. Não tem necessidade de dizer pare ou siga para qualquer um, mas ele, ainda assim, continua alternando suas cores. Eles também deveriam ter um descanso já que não há nenhum carro na rua. Às vezes, enxergo uma luz longe, de faróis, mas os carros sempre viram antes de chegar ao semáforo. Eu imagino que os semáforos mereçam, de vez em quando, parar de brilhar e dar ordens que nem sempre são obedecidas. Eles merecem acender outra cor. Talvez um branco que signifique “não enche”, estou no meu intervalo do “cafezinho”.

Ando até o meio da rua e fico ali parado soltando baforadas e ainda assim nada de carros. Acho que meu corpo ali, indefeso, automaticamente atrairia um carro descontrolado. As cores do semáforo se alternam. Poderia deitar aqui e só seria atropelado no dia seguinte ou nem isso. O semáforo morreria antes de mim, perderia suas cores e morreria ali sem mais o que fazer. Tenho pensado muito na morte ultimamente. Companheira de reflexões, acabei me acostumando com o fato de que, um dia, ela vai chegar e nem vou ter a chance de escolher como. Um acidente de carro levou meu “querido” irmão. Eu diria que foi uma forma bem suave.

Toda essa tragédia familiar tem me levado a um ponto que não sei exatamente qual é. Há tanta coisa acumulada, parece que minha vida foi me esforçar para ser o antagonista do Maurício. Era meu dever impedir que gente como ele maltratasse gente como eu. Tanta raiva e agora com ele morto acho que posso... sei lá! Há tanto tempo que não sei quem sou e quem eu arquiteto minuciosamente para mostrar aos outros. Eu fico alternando cores que não sei pra que servem, o que comunicam, o que dizem. Quem serei eu agora que o Maurício se foi?

Penso no Ricardo e essa perseguição toda, essa busca pela redenção alheia. Por que tenho tanto ódio acumulado? O cigarro acaba e jogo a bituca longe. Nenhum carro aparece ainda. Encaro imóvel o semáforo. Algumas vezes, todos nós merecemos um descanso. O Maurício morreu, eu devia entender isso como uma missão cumprida? Seria muito egoísta? Respiro fundo, a cor verde aparece. Um vento passa levando papéis jogados no chão. Esta é uma noite opressora, pesada, consigo suar sem fazer o mínimo de esforço.

O vermelho aparece. Todo mundo merece um descanso de vez em quando.

Seria essa minha vez? Volto para o bar e deixo a rua mais solitária do que antes.

* * * *

Lembro-me do banheiro e, nessa hora, já estava completamente bêbado. Desde o bar, lembro-me de palavras fazendo uma pequena rebelião na minha cabeça e depois saindo sem o menor aviso ou controle. Acontece quando fico bêbado: fico até agradável e consigo observar meus gestos bem de fora. Fico dando risada de como eu fico patético depois de muitos drinks. Melhor do que ter acabado como um dos meus amigos, que nem durou muito mais do que duas doses de tequila e ainda devem estar decorando a privada do bar com os restos do jantar.

Ainda assim, sinto que não deveria ter vindo. As luzes me cegam mais do que normal e a fumaça é sufocante. O irônico é que isso está vindo de um fumante compulsivo. Garotos jovens e afetados entram juntos nas cabines do banheiro. Caras musculosos e sem camisa saem coçando as narinas depois de algumas carreiras de pó. Acho que estou há muito tempo me olhando no espelho. Percebo que muitos passam encarando minha bunda, levemente arrebitada pela posição em que estou, jogando um pouco de água gelada no pescoço. Não sei se tenho mais idade para me engajar em um festival de beijação desenfreada. Um pudor ridiculamente juvenil me proíbe de sair por aí tratando minha boca como ralo. Mas é justamente por ser um comportamento tão juvenil que não consigo mais me imbuir desse desprendimento. Como o desprendimento do garoto magro demais para comer mais que uma vez por dia, cabelo oxigenado, que mal sai de uma das pias e já está se atracando com um homem mais velho de Ray-Ban logo na porta do banheiro.

Lembro-me da época em que não ligava para tantas regras. Mas você acaba envelhecendo e seus padrões ficam mais altos e seu método de escolha mais rígido. Gosto de pensar que amadureci. Às vezes, penso que perdi a coragem de ser tão audacioso. E, talvez, seja por isso que estou me encarando no espelho. Procurando sinais visíveis de velhice como justificativas para toda a minha insegurança. Mas não paguei 100 reais para entrar aqui e observar meu reflexo nesse buraco de egos enormes e asfixiantes.

Saio do banheiro confiante o bastante para fazer algo idiota. Quando chego à pista, tento entender a dinâmica de movimentos de todos os corpos suados para

pegar o caminho que me leve de volta aos meus amigos com o menor número de pisadas no meu pé. Seria bom dividir um cigarro com alguém que conversasse mais do que apenas, “Nossa, alguém já te disse que você é lindo?”. Lembro-me da época em que conversar ainda era importante, mas será que essa época realmente existiu? Ou ela acabou quando eu resolvi cair da cama? Sempre pensei que as melhores lembranças que temos das melhores fases de nossas vidas são criações inconscientes só para aumentar a sensação de desânimo e frustração que sentimos em relação ao que estamos vivendo no presente. Autopiedade é o hobby dos contemporâneos.

Olho em volta e parece que meus amigos sumiram, se deixaram levar por suas esbórnias pessoais em algum canto escuro desse lugar. Resolvo pedir algo para beber. Não consigo fumar assim e não gosto de ficar com uma mão parada, sem nada nos meus dedos. Um rato de academia me encara de cima abaixo com uma expressão que ele acha sexy. Mãos cheias... Essa é uma ideia interessante para noite. Vou guardá-la e pensarei em mais possibilidades mais tarde. Talvez seja isso que preciso agora. Soltar-me só um pouquinho. O suficiente para ficar disponível sem ser a próxima vadia da esquina.

Tento me lembrar do dia que em que me sentia confortável em ambientes como esses. Envelheci rápido, minha mente se cansou rápido demais. Sempre achei isso um dos meus grandes defeitos: meses parecem anos na minha cabeça. E sempre quando chego ao meu aniversário, surpreendo-me com a idade que acabo completando. Tão pouco para tudo que acho que vivi nos dias que se passaram. Encontro um dos meus amigos se agarrando com um menino jovem demais para estar aqui. A idade novamente, dividindo os seres humanos, criando preconceitos e me dando vontade de vomitar. Ou seria essa merda de mojito que não desce?

Será que meu relacionamento com o Maurício tem alguma coisa a ver com esse sentimento. De incompatibilidade com minha idade, esse cansaço que tenho de coisas que parecem boas demais para serem verdade? Será que o Maurício me estragou para sempre? Por que diabos continuo pensando nele?

Entre todos os pacotes de testosterona ambulantes, noto um cara. Ele está apenas dançando, olhos fechados, como se nada existisse ao redor. Usa camisa polo, eu sei, mas, às vezes nós temos que fazer alguns sacrifícios. Ele não é exatamente meu tipo: um pouquinho baixo demais. Mas ele parece não se importar e isso é sexy. Gosto de pessoas que não seguem padrões... Exceto pela camisa polo. Algo sobre elas sempre grita “sem personalidade”. A gola é sufocante como o lugar. Eu não costumo chegar em caras usando meu charme para xavecar. Gosto de pensar que

meu forte consiste numa técnica passiva-agressiva: esperar que a pessoa venha e se sinta loucamente cativada pelo meu jeito. Mas com minha cara de tédio, as pessoas devem estar mais assustadas do que inclinadas a começar uma conversa comigo. Outra de minhas habilidades inatas é assustar sem mesmo mover um dedo. Meu rosto consegue misturar matizes de tédio e agressividade em uma combinação absurdamente convincente.

Tomado por uma coragem que veio cavando seu caminho do centro de minha vontade adormecida, seguro firme meu copo e me direciono para o possível alvo num andar confiante e fluido. Movimentos cadenciados, um olhar lascivo, esquivo, meus lábios semicerrados. A confiança percebe que está fazendo algo de errado e resolve parar no topo e esperar. Desvio meu caminho em direção ao banheiro, um desvio notado.

– Olá! – ele fala quando passo perto demais. Acho que movimentei as massas de ar de forma diferente para ele ter parado sua dança solitária e me notar. Ele tem um sorriso bonito, olhos certos. Talvez ele seja o sortudo da noite. Meu plano de boa ação do dia esperando minha alma de Madre Tereza. – O que alguém tão bonito como você faz aqui? – sinto uma pontada de arrogância e acho interessante. Quem sabe isso não vira algo melhor do que uma ação de caridade.

– Sempre venho aqui quando quero paz e silêncio. Me ajuda a encontrar serenidade – ele ri com a resposta. – Não deu pra perceber? – Sorrio com desdém. É assim que eles se prendem, se perdem.

– Que irônico!

– Prefiro dizer sarcástico... Considero ironia algo incontrollável, dependente de variáveis que não podem ser dominadas.

– Isso não é uma música de Alanis Morissette, cara – ele ri e me sinto ofendido. Sempre achei a música da Alanis um bom exemplo de como a palavra ironia, às vezes, é usada de forma errada, levianamente. Cansado da arrogância dele, resolvo beijá-lo intempestivamente. O beijo não é dos melhores: sua língua fica morta, sem força, morna; sua saliva não combina com a minha. Paramos e desvio o olhar quando ele sorri. Algo na sua expressão transpira poder. Ele conseguiu com que eu me desviasse de meu plano original, ele conseguiu me dobrar.

– Que ir para um lugar menos barulhento? – pergunto. – Lá no lounge talvez – penso que o melhor seria aproveitar essa vulnerabilidade. Talvez, a aura de inofensivo funcione com alguns.

– Não, cara! Estou de boa! Quero dançar mais um pouco.

Espero não ter feito a expressão que imaginei mentalmente. Como assim, “você está de boa”? A gente acabou de se beijar, seu filho da puta! Nervoso como um adolescente, saio de lá fazendo uma cara de desapego que deve ter sido patética. Meu ego começa a sangrar aos poucos e tenho quase certeza de que o cara de camisa polo está apenas admirando o rastro que deixo pra trás. Eu nem sei o seu nome. Seu ridículo! Quem mandou baixar a guarda para ser atingido pela forma mais primitiva de rejeição, a mais banal.

Desço a escada que leva para o lounge no andar de baixo. Lembro-me que deveria estar com um copo de mojito na mão. Uops! Como se sentir ofendido por tão pouco? Por um “não”. Por uma cara quase de tédio e uma expressão como “Estou de boa!”. Desço cada degrau pensando em quantos palavrões eu poderia usar para ofender aquela desculpa estúpida de ficante. Não sei por que estou tão irritado. Rejeição nunca foi o problema. Agora eu me sinto só. Acho que é isso. Sinto-me só, pisando nesses degraus e junto desses colegas. Não tive nem coragem de chamar amigos de verdade. Acostumei-me com uma solidão companheira, ociosa, indolente. Isso dói. Acho que dói. Eu rejeito a ideia de ser atingido tão baixo.

Sento em um dos grandes sofás brancos do lounge, dividindo minha descrença com uma sapata gorda de boné cheio de remendos. Meu olhar cai sobre sua calcinha saindo da calça, visível como minha cara de nojo, meu olhar de reprovação e, claro, minha honra ferida. Entre tantos homens disponíveis para satisfazer minha ânsia por intimidades entre línguas, talvez até algumas mãos sorrateiras, tive que escolher justo o que seria capaz de pisar na confiança que tenho nas minhas habilidades de sedução.

Não aguento mais a visão dos pequenos pelos artificialmente loiros que formam um caminho até as nádegas da sapata. Viro-me para observar o ambiente. Onde será que estão todos? Todos aqueles que finjo conhecer. Imagino como seria vir aqui com algum amigo de verdade... A Lalá ou Dudu. Como ele teve coragem de me dispensar? Veadinho de merda!

Na outra entrada do lounge, vejo um desorientado Adriano entrar na

companhia de um dos espécimes musculosos sem camisa e de boné. Bonés realmente voltaram com tudo hoje em dia. Devem estar acompanhando a surpreendente taxa de calvície que vem atingindo o mundo. É até difícil ter contato visual com qualquer sinal de cabelo. Só aqui, conto mentalmente uns 13 bonés dos mais diversos modelos: do cafona ao brega, passando pelo espalhafatoso, um verdadeiro desfile de aberrações possivelmente carecas. Sem falar nas lésbicas que acham que apenas um chapéu as tornarão mais masculinas e mais confortáveis com sua sexualidade.

– Fêêê! – Adriano grita do outro lado ao me ver. Seu olhar está pulando de canto em canto. Ele puxa o musculoso pelo braço como seu próprio bichinho de estimação com esteróides. – Por que aqui tão sóóóó? – ele costuma estender as vogais mais do que necessário, é um médico que se acha bem masculino, mas daria menos pinta se fosse uma drag. Seu cabelo é artificialmente alisado; tem um corpo sarado e olhos verdes. Acho que é por isso que todos os seus ficantes o suportam. Porque, além de sua beleza padrão, ele pode ser o que chamamos de pé no saco, sempre falando de baladas e drogas. Nem sei que tipo de papo ele usa para socializar com os pacientes. – Cara, tou muito louco! Esse é o Pedro, Fê! – tenho que me levantar para cumprimentar o gostosão, esforçando-me ao máximo para não ter qualquer tipo de contato com seu suor. Ele tem uma voz potente, mas ainda não consigo enxergar sinal de vida capilar por baixo do boné. – O Pedro me arranhou metade de uma bala! Gente, bem melhor! Quer uma metade? – experimento aquele momento ínfimo que se passa logo antes de você decidir sobre usar ou não algum tipo de droga. Se você já usou o alucinógeno antes, você se lembra da última vez para ter certeza de que vale a pena usar de novo. Pensa também em alguns aspectos morais que aprendeu durante a vida sobre a utilização desses tipos de substâncias. Eu, pelo menos, faço. Mas sempre quando penso em preceitos morais ensinados, lembro-me da minha família e, principalmente, do Maurício, e vejo que nem sempre eles são ensinados da forma correta ou têm algum significado. Às vezes, eles são apenas uma palavra bem pomposa para julgamento.

– Eu topo. Quanto vai ficar esse estrago?

– Minha cortesia – o musculoso fala quase que flertando comigo. Seu sorriso é bonito, mas o rosto e o corpo continuam sendo um peso para todo o resto. Adriano não parece se importar, seus olhos continuam pulando de pessoa em pessoa, como se procurassem algo que, na verdade, é um grande nada zombando de sua cara enquanto se esconde atrás de pessoas possivelmente interessantes. Ele só quer variar o cardápio.

– Que gentil! – falo levantando a sobrancelha, esperando que ele note o ar de aborrecimento que vibra leve em cada palavra. Ele chega mais perto e meus olhos quase vomitam lágrimas com o calor que exala de seu corpo em uma mistura de perfume comum e suor. Ele estende uma mão sorrateiramente, mostrando a metade da bala e olha para os lados dando uma gravidade ao momento. Estamos em São Paulo, querido! Hoje em dia, as pessoas se espantam mais com pessoas que nunca usaram droga na vida. O que tenho a perder não é mesmo? Quem sabe uma dose de descontrole não diminua minha autocensura e deixe que eu me divirta um pouco. Ou, pelo menos, me deixe perceber que não há outra opção. – Por que não? – pego o pedaço meticulosamente cortado e nem me pergunto quem ficou com a outra metade. Chega de pequenos pudores.

Acho que se passaram 30 minutos. Já tomei bala antes, nunca inteiras. Acho. Aquele cara está praticamente com a bunda de fora. Será que ele não conhece os benefícios do cinto para os olhos alheios? Sempre fez calor assim? Uma balada quando entrei na faculdade. Não lembro em que festa... Esse pirulito é muito doce. Com quem eu peguei essa porra? Gogo boys... Queria saber de onde eles tiraram que dançar desse jeito é sexy! A fila de pervertidos babando no palco me contraria. Estou parado no meio da pista de dança. Não sei se realmente estou dançando ou sendo empurrado. Acho que os movimentos sutis com as pernas são meus, espontâneos e não apenas uma reação automática para me manter equilibrado e em pé. Alguém acabou de apertar minha bunda. Viro-me e encaro um homem bem velho, musculoso e sem camisa, como aqueles que costumam aparecer em filmes pornô vestidos de couro e com piercings espalhados por lugares recônditos. Ele sorri com um descaramento fácil que me irrita. É o sinal moderno para demonstrar interesse. Afasto-me depois de fazer a cara de desprezo mais visível dentro do meu repertório de expressões faciais.

Que chão grudento! Saco. Sinto cheiro de maconha. O bar está próximo, acho a melhor opção para minha falta de rumo. O Adriano sumiu com sua mascote musculosa. Espera. Não é ele ali beijando outro saco de músculos? Quanto suor! Deve ser de onde vem esse cheiro impossível de identificar. Olho pro lado, segurando o palito do pirulito e mastigando o açúcar vermelho. Pedacos grudam no meu dente, impedindo que feche a boca completamente. Perfeito. Seria aconselhável beber mais. Seria?

Sinto o olhar do cara no minuto em que ele começa a encarar. Que horas são? Inferno. Já deve ter passado das seis. Vou sair com o lixo dessa bosta de balada. Viro-me, e o cara está ali, apoiado no bar com seu copo, bebericando algo que me

parece uísque com energético. Ou, talvez, refrigerante. Ele sorri. É... O sorriso passa. Um tanto gordinho, entradas no cabelo. Retorno para o meu camarote privativo para observar novamente a série de figuras peculiares que sobraram. E sobraram muitas! Ninguém aqui tem algo melhor pra fazer? Saio do balcão. Ótima hora para sair. Preciso sair. O efeito da bala ainda é muito forte, mas acho que não foi exatamente o que esperava. Estou aceso como uma lâmpada incandescente. Poderia soltar fogo pelo cu se eu quisesse, mas acho que até “ele” está desanimado. Encontro uma fila enorme depois de subir uma escada escorregadia – só eu achei a combinação das duas palavras engraçadas? Rio quando penso nisso e duas pessoas me olham feio – e depois de derrubarem um copo de vodca na minha camisa. “Desculpa!”, diz uma loira gordinha. “Não tem problema!”, respondo seco, mas ela nem nota. Que porra de fila grande! Aquele barman está me encarando. Sinto frio. A camisa encharcada faz um dos meus mamilos endurecer, cubro-o com uma das mãos e dou risada da pose em que fico. Teoricamente, isso é o máximo que vou conseguir me divertir hoje. Alguém para atrás de mim na fila. É o gordinho. Não preciso me virar para saber que ele está me encarando, esperando que eu o note e comece algum tipo de conversa. Cartão ou dinheiro? Acho que não tenho dinheiro suficiente. Ele vai ser necessário para o táxi de fuga. O que será que as pessoas, que não tiveram que aturar esse som, que não estão impregnados de fumaça de cigarro, pensam de gente como eu, que sai com a cara amassada, a camisa suja e fedendo a vodca com o nascer do sol? Conseguem perceber que saí de uma balada ou apenas não tenho nenhum senso de higiene? Eu pago a conta. Tirei o cartão e paguei minha conta. Saio da balada e acendo um cigarro me encostando na parede da fachada.

– Você poderia me arranjar um cigarro? – o gordinho chega magicamente do meu lado, como se tivesse se materializado do nada, um efeito da bala que parece ainda brincar nas minhas sinapses.

– Claro. É mentolado. Se importa?

– Claro que não! – ele sorri. Ele tem um sorriso bonito mesmo. Acho que estou ficando com o pau levemente duro. Nós começamos a conversar. Sei disso porque sinto meus lábios se mexerem e até consigo distinguir algum tipo de som, mas só consigo pensar no volume que vai se formando na minha calça sem aparente motivo. Nem sei dizer por que estou excitado, apenas sei que me sinto um tanto envergonhado. Imagino se alguém está notando algo de diferente no relevo da minha roupa. Meu mamilo continua duro e também não sei, ao certo, se isso faz parte desse erotismo vago e sem explicação.

Já estou no carro. No carro do gordinho de sorriso bonito. Poupa-me o táxi, já que pretendo apenas pegar uma carona para casa, utilizando-me do fato de que ele já está com a mão na minha perna. Tenho tudo sob controle. A luz do dia nascente bate no meu rosto refletido pelo retrovisor. Abro a janela para deixar o vento entrar. O inevitável está chegando. Está sim. Não vou resistir. Estamos indo pelo caminho errado. Disse que era para ir. Não me importo. Isso sempre acontece. Com certa frequência na vida de qualquer homem gay, a carência vence a razão e você acaba indo parar no apê bem decorado de um gordinho com sorriso bonito. O beijo dele é mecânico. É bom. Mas planejado. Ele deve ter praticado para achar o beijo bom o suficiente e sem surpresas para que ninguém o rejeitasse ou o adorasse. Tenho vontade de chorar. Acomodei-me a uma vida de beijos sem surpresas e sexo casual. Sim. Estamos transando. Enquanto ele chupa meu pau estou olhando para o teto tentando distinguir o que é efeito da bala e o que é apenas meu sono.

A vida realmente era mais simples no passado ou apenas pensamos nisso em situações como essa? Situações em que você pensa que nada poderia estar pior. Não sei como vou gozar. Peço pra ele por a camisinha. Acho que, desde o começo, ele queria apenas comer meu cu. Eu fui a presa fácil da noite. Até a dor que sinto quando ele mete o pau emborrachado fica com preguiça e começa a dormir antes de mim. Sendo látex, seria certo falar emborrachado? Não me lembro do pau dele. Acho que não cheguei muito perto para descobrir. Finjo alguns gemidos e apenas me concentro num fio de pelo solitário nas costas dele, balançando com minha respiração. Acho que consigo arrancá-lo sem que ele perceba.

Estou já deitado aqui fingindo de morto faz um tempo. Estou lateralmente deitado apenas sentindo o corpo do gordinho pelas vibrações que ele emite. Vejo minhas roupas. Jogadas. Tudo jogado. Preciso comprar cuecas. Tenho preguiça de pensar. Penso no meu primeiro carro. Gostava dele. Do fato de que ajudei a pagar por ele. Lembro que Maurício ganhou um novinho. Filho da puta!

Nada vem fácil para o gay da família! O que minha família diria se me visse assim? Com porra grudando minha barriga no lençol. Eu não gozei, acho... Poderia alcançar todas as peças de roupa e sair daqui. O despertador avisa que há muito perdi minha autoestima em algum lugar daquela balada. Quase dez. Ele foi rápido. Mas o apartamento é realmente bem decorado. Poderíamos dar certo, ele e eu. Qual o nome dele mesmo? Acho que ele faz arquitetura... Acho que já consegui o que queria. A atenção de sempre. Preciso da Bia agora. Ela sim teria muito a dizer sobre essa situação. Será que nós realmente daríamos certo? Não estou disposto a tentar. Não seria legal contar pros meus amigos que nos conhecemos nos restos mortais de uma balada qualquer e desperdiçamos nossa primeira transa com uma penetração ritmada

de 10 minutos.

Já estou no táxi e a luz não reflete da mesma forma no retrovisor. Acho que estou na fase pós-bala. Afundo no banco de trás e percebo que aqui não é tão fundo. Aqui não. Mas meu apartamento não está muito longe.

* * * *

Estou sentado no chão do banheiro esperando algo acontecer. Eu até pensei em chorar quando descobri que, talvez, esse seja o fundo do poço, estar aqui sentado vendo um picolé de chocolate derreter na pia. Olho para o celular de novo. Doze horas. Nem acredito que liguei pra ele. Sinto ainda algo do álcool coçando minhas sinapses neurais e deixando tudo mais lento. Pode ter sido a bala que tomei. Ou acho que tomei.

Droga! O tempo realmente não passa quando tentamos impedir o sono e a ressaca de chegar. Eles batem na minha porta. Na verdade, deve ser ele que chegou. Espero que tenha notado a porta aberta. Não tenho paciência pra levantar de novo. Estou de cueca e camisa completamente impregnadas de fumaças alheias e fumaças pessoais. Algo lascivo no cheiro que deixa exalar no corredor o avisa de que estou aqui. Encarando fixamente gotas de chocolate escorrendo e caindo no chão.

– Fernando?

Nossa! Preciso de água. Muito seco. Calor.

– Você está bem? O que aconteceu? – ele chega ao banheiro e fala tudo com um tom muito dramático. Olha em volta e observa os estranhos objetos em volta. – O que é isso? – pergunta, tocando o pegajoso chocolate do picolé.

– Estava com fome! E sede. Achei prático. Onde está meu cigarro? – tento enxergar, mas nem sei se meus olhos estão realmente abertos. Sei que Ricardo veste uma bermuda e está de chinelos. Fixo meu olhar nos pelos de sua perna. Tão organizados que até irritam.

– Seu rosto... Cara, está todo cortado! – sinto seu toque nos pequenos arranhões na região da barba.

– Tentei me barbear. Mas estava tudo muito escuro. E ficou difícil me barbear e chupar o picolé ao mesmo tempo – pego meu celular e vejo as horas novamente.

– Deve ser por causa dos óculos escuros.

Só agora noto que uso óculos no estilo aviador. Posso afirmar quase com certeza que ele pronunciou a última frase com ironia. Sorriu, porque isso não seria o tipo dele em outra situação. Mas realmente, o máximo que consegui foi arranhar meu rosto.

– O que aconteceu, Fernando?

– Rejeição é uma droga. Baixa autoestima é outra! – cara, se eu chorar de novo, eu tento fazer minha barba com um facão. E, dessa vez, eu não vou errar!

– Você precisa de um banho, isso sim! E descansar.

– Você não tem mais o que fazer?

– Mais o que fazer o quê?

– Eu não deveria ter ligado.

– Tarde demais. Agora, ao banho.

Sei que estou dormindo agora. Ou parcialmente. Conheço a textura dos meus lençóis, a familiaridade da minha cama. Lembro apenas que ele me levantou. Senti-me pequeno e indefeso. Ele tirou os óculos e me colocou no box, o chinelo ficou pra trás. Ele tirou minha camisa com todo cuidado que podia. Senti frio, a água estava gelada, meu corpo estava gelado, tossi, engasguei com a água. Sei que ele falou alguma coisa do gênero “tudo vai ficar bem”. Só tenho certeza de que ele estava lá o tempo todo. E depois a cama. Uma dor infernal. O som de outra respiração. Meu quarto está à meia luz, mas meus olhos estranham a luminosidade ao abrir

novamente. Meu braço está dormente, porque dormi justamente em cima dele. Tento me arrastar para fora da cama e o maldito braço não ajuda muito. Meu pé toca a perna de alguém ao meu lado.

Viro e encontro as costas de Ricardo, deitado lateralmente, consigo enxergar apenas sua nuca. Mas sei que é ele. Suas roupas sistematicamente estendidas na poltrona ao lado da cama. O banho forçado. Lembro-me do frio. O sangue começa a circular de novo pelo meu braço. Tento tocar a camisa dele, desisto e apenas me levanto devagar, tentando não perturbá-lo. Estou nu, apenas carne, nenhum cheiro, minha mão sobre meus pelos pubianos, um suave toque no mamilo. Tão intocável. Tão rejeitado e desperdiçado, jogado na rua. Resquícios de relacionamentos que nunca aconteceram. Tão bonito, mas tão ignorável.

Escuto uma canção de ninar ao longe, um corredor vazio. Meus dedos tocam a parede e deslizam num patinar sincronizado de dedos, como tocar piano com os sonhos que se perderam no caminho, contando cada perda e carcaças que não aguentaram se reerguer. Olho para uma sala vazia no começo. Toda a sujeira do banheiro foi limpa, tudo organizado como se não fosse minha. Mesmo sem luz, consigo enxergar as feridas no meu rosto, vermelhas. Apoio as mãos na pia e olho para o ralo. Pequeno demais. Tudo muito pequeno. Eu realmente não sei o que estou fazendo com tudo isso. Apenas desperdiçando meu tempo. Não sei o que busco. Ele levanta, viro e consigo ver sua fraca sombra se expandindo pelo corredor. Ele hesita em chegar ao limiar. Não me espere. Nunca espere por mim. Seu rosto sai cuidadosamente. Uma cueca branca, seu peitoral repleto de pelos homogeneamente distribuídos. Um rosto apreensivo, cabelo desarrumado. Estou pelado, braços estendidos e indefeso. Ele não liga para minha nudez ou para meu membro flácido ali. Eu aqui, todo exposto.

– Você está melhor?

Meu corpo não está mais ali do seu lado. Nada no seu lugar. Tudo disposto de forma estranha, um tabuleiro na quarta dimensão. Passo a mão sobre os olhos e os esfrego. É difícil diferenciar, difícil saber em quem confiar. Intimidades frágeis que morrem com o oxigênio da fala. Não é possível ser fraco nessa selva. Predadores são os outros que esperam a carniça dos nossos grandes fracassos. Tombos. Tantos tombos.

– Eu apenas fiquei para me certificar que você acordaria melhor.

– Sim...

Não me movo, apenas olho para os meus pés. Inspiro profundamente e arquejo meus ombros de cansaço. Ele abre a boca, estendo minha mão para calá-lo. Letras passeiam pela minha cabeça zombando de minha dor.

– Você já pode ir.

– Tem certeza?

– Sim. Pegue suas roupas e vá. Estou bem.

Fecho a porta do banheiro com o braço sem sair do lugar. Ajoelho e bato levemente minha cabeça tentando pensar e tirar a ressaca, balançar tudo lá dentro. Consigo ouvir os barulhos de sua partida. Cada um deles. Isso atrapalha. Náusea. Sufocamento. Não aguento e vomito no vaso sanitário. Apoio minha testa nele, isso sim é o fundo. Fundo de tudo. Bem-vindo a uma puta crise!

RICARDO

Corpos nus, homens enfileirados em chuveiros, bundas de todos os tipos. Homens de todos os tipos. Tomo uma cerveja em uma das mesas de madeira evitando encarar aquele grupo de toalhas brancas. Um pasto de pintos e cus procurando completude. Sempre recorro ao sexo, ele foi o único companheiro constante que tive, desde que descobri esse mundo. Nem ele conseguiu ficar perto de mim.

Mas hoje nenhum desses corpos realmente importa. Essas cascas vazias procurando por sexo só me fazem me lembrar do corpo dele, desfalecido e nu, desprotegido, caído em meus braços, seu rosto cortado, a beleza trágica da queda. Tão parecido comigo e tão distante. Por que me envolvo tanto? Seu papel aqui acabou, Ricardo. Você precisa sair o quanto antes. O seu amigo de verdade já morreu, então porque você ainda está aqui.

O que ele diria se te visse aqui, sentado com uma toalha branca em volta da cintura, observando, sorrateiramente, o tamanho do pau de cada um que passa, analisando que bunda seria a melhor para comer. Eu não sabia que ia acabar aqui. Acabar assim. Sempre procurando o próximo antro de almas perdidas, comungando com o prazer de gozar e sair correndo antes de o sol nascer.

Um garoto jovem demais me encara do bar. Seu interesse é visível. Pela luz fraca e pastosa, pela fumaça vinda da água quente dos chuveiros, penso enxergar um sorriso em seu rosto. Não sabia que isso era permitido em lugares assim. Sorrir. Não combina muito com as cabines, os quartos, os filmes pornôis exibidos sem interrupção em telas por todos os lados. Não é a primeira vez que venho a essa sauna. Nem nas muitas que já conheço. O prazer é acompanhado pelo anonimato de que preciso. Quero continuar no mesmo armário de sempre. Aprendi que esses lugares impõem leis de silêncio para todos que entram aqui. Mesmo que você encontre alguém conhecido, ele está no mesmo barco que você, no mesmo chuveiro e na mesma jacuzzi. Quase nenhum frequentador sairia por aí espalhando para todos que encontrou um amigo teoricamente hétero em uma sauna. Seria, no mínimo, arriscado. Quem diria que toalhas brancas trariam tanta segurança? Pelo menos para os enrustidos.

– Posso me sentar aqui? – o cara do bar, loiro e tão alto quanto eu, me pergunta já puxando a cadeira à minha frente.

– Claro! – respondo, analisando seu peitoral liso, mamilos tímidos e intumescidos. Uma boa vítima. Seu corpo não é o corpo do Fernando. É diferente e artificial. Um boneco Ken ambulante. Ele também encara meu peitoral cheio de pelos e parece gostar do que vê. São assim que acontecem as conversas nesse lugar. Palavras podem sair e até acabar em gemidos, mas nunca têm o mesmo significado, elas são apenas distrações, um divertimento, um prolongamento da caça. Ninguém gosta de gozar antes de aproveitar bem. Ele tem vinte anos e apenas estuda. Esse lugar é o tipo de ócio perfeito para jovens gays e excitados. Depois da internet, claro. Quem teve a ideia de criar chats online e aplicativos estava pensando na grande população de “veados” que existe no mundo.

Engraçado como não consigo me encaixar quando falo dessa população, desse grupo de iguais e, ao mesmo tempo, inimigos. Acho que com tantas mentiras no currículo, não mereço ganhar um cartão de sócio desse clube.

Tudo passa tão rápido e já estou aqui em um dos quartos de paredes vermelhas, depois de comer o loirinho até ele gozar no próprio peitoral. Ele parece dormir segurando minha mão sobre sua barriga. Sinto-me tão desconfortável quanto poderia me sentir. Isso também não combina com o ambiente: o afeto, carinho, eles devem ser deixados do lado de fora, antes de entrar.

Levanto para partir, e ele sente a falta de minha mão.

– Já vai? – ele pergunta, esfregando os olhos. Foi bom. Só isso. Não espere mais que isso, garoto. Não espere mais nada de mim, além de uma bela fuga. – Você nem falou seu nome – isso também não é permitido no livro de etiqueta do sexo casual.

– Fernando.

– Não quer trocar telefones? Para marcar outra foda, sei lá! Um cinema – ele pega o celular de cima do criado mudo cinza.

– Claro – sento ao seu lado na cama e digito um número qualquer em seu aparelho. Ele tenta me dar um beijo, e eu viro o rosto, afugentado. Saio em direção à

recepção, lembrando que o número que tinha anotado no celular do garoto era do hospital onde Maurício morreu. Grande recordação, seu veadinho de merda.

FERNANDO

Um cinema vermelho por todos os lados, ofuscando a vista de qualquer um mais despreparado ou descuidado. O vermelho anuncia filmes cult e antigos. Soníferos iranianos ou incompreensíveis russos. Há pouco, saí para comprar um maço de mentolados. Estou fora da sala porque um filme que fala sobre relacionamentos frustrados, desastrosamente acabados realmente não me cativa. Não tenho muito o que acabar. Apenas meu cigarro que acendo na saída do bar cheio de pessoas felizes cantando uma música antiga de axé em uma máquina de karaokê. Preciso voltar para dentro do cinema, acabar o último filme de uma maratona de três sem transitar pelo meu sono e cansaço negligenciados.

Passo as portas de vidro e sento em um dos bancos altos da bomboniere. Do outro lado do balcão, um casal conversa sobre o tempo, o tempo que corre acelerado demais para os dois, para pessoas da idade deles. Que idade? Mas tenho certeza de que não para mesmo, não para de me fazer comer poeira. Não sinto, nem ao menos, vontade de acenar aqui parado neste balcão branco cheio de círculos de sujeiras molhadas.

Olho um pequeno panfleto com a foto do papa, do antigo. Não do nazista. “O banheiro do papa” é o título do filme. Tenho vontade de apagar um cigarro na testa do velhinho sorridente. Ele me condena ao inferno. Ou condenava até falecer. Acho que não lhe devo muito respeito. Tenho que assistir a esse filme por uma insólita obrigação de me certificar de que uma bituca não teria sido desperdiçada em vão.

Eu o vejo chegando por uma das portas de vidro da frente, tento concentrar meu olhar em um ponto fixo, fazer com que tudo em volta me esconda de alguma forma, um tipo de feitiço que conheço, que, na verdade, nunca funciona. Eu sei que ele me enxerga. Meus olhos foram a primeira coisa que viu, ao tirar os olhos fixos do chão. Ele faz menção de simplesmente me ignorar, mas meu olhar é incisivo, principalmente no despojamento de suas roupas, algo que achava que morreria sem presenciar. Ele usava uma camiseta lisa azul sobre um casaco bordô com um capuz, tênis pretos e calça bem folgada, nada de cinto. Que avanço! Nem gel no cabelo, ele estava apenas um pouco molhado. Talvez, o frio sobre pensamentos quentes, fervilhantes, condensados em gotas de pura inutilidade. Aproxima-se reticente e se senta ao meu lado. Apenas me encara por mais tempo do que eu esperava. Não há

medo nos seus passos medrosos. Cruza as mãos sobre o balcão e se perde no branco dele, sem mexer os olhos.

– Gostou dos primeiros filmes? - interrompo suas divagações íntimas. Ele quer a minha distância, quer o conforto da minha distância e frieza familiar. Provavelmente, veio sozinho.

– Não prestei muita atenção. Estava cansado.

– Você parece acabado mesmo – falo, os olhos de Ricardo se voltam novamente ao meu rosto e quase vejo uma risada histérica explodir em uma expressão febril e desesperada. Mas ele apenas sorri de soslaio. Seus olhos parecem afundados, seus gestos, vagarosos. Ele pega meu maço que deixei descansar perto do panfleto do papa. – Veio sozinho? Não te vi em minha sala...

– Cheguei cedo. Acabei entrando na primeira – pega um cigarro e coloca na boca. Estava ali, humano sentindo seu primeiro filtro, penso. Tudo de mais tóxico entraria sem pedir licença, mas seus maneirismos mostram habilidade com o cigarro. Sabe o que faz e procura um fogo amigo, uma chama. Seus olhos brilham novamente e aquela centelha se mantém entre nossos olhares, questionamentos ocultos. Pega o isqueiro e acende sem pudor, olhando para ponta que brilha com seu inspirar pesado. Volta para sua posição inicial, virado para o balcão. É um desafio. Não liga para a cara de reprovação das poucas pessoas que estão ali. Espera que alguém chegue para avisar que é proibido fumar, que é proibido acender qualquer coisa. Tudo tem que ser apagado.

– Você não vai fazer nenhum comentário sobre a ironia da situação?

– Qual delas? A que você, pela primeira vez, está usando uma roupa que não seja uma versão juvenil feita para homens sexagenários ou o cigarro nos seus lábios? – ele bate suas cinzas na mesa. Sopra tudo para longe. – Quem sou eu para julgar vícios alheios? – Ricardo dá uma risada baixa. Eu sorrio em retorno. Quem diria! Finalmente trocamos um momento de fraqueza. Estamos sentados na mesma merda de cinema cheio de hipsters cheios de si e com egos do tamanho de suas barbas de lenhador. – Você costuma vir muito aqui?

– Por quê? Aqui é um bom lugar para um gay vir? – respondo asperamente.

Engulo espinhos sem responder, sem ao menos olhá-lo. Acendo um cigarro também. Minha agressividade se esvai com minha primeira baforada e me sinto um pouco mais pesado, mesmo que elevado a uma sensibilidade mais apurada de que ali há alguém tão confuso e perdido quanto eu.

– Não queria ser agressivo ou ofensivo.

– Não foi. Eu fui.

O cigarro acaba, o maço continua do seu lado.

– Os filmes estavam assim tão ruins?

Distante como os dois ali, o cigarro quase se esgota sem que ele toque a boca no filtro de novo. Ele parece tão pequeno. Eu não consigo criar de frases espertas, irônicas, sagazes, ele parece tão indefeso. Que grande droga! Sinto que preciso ajudar e sei que não sou do tipo altruísta. Meu altruísmo vem da raiva, da minha vontade de me impor e impor minha opinião, não é mesmo. Isso é apenas uma forma elaborada de egoísmo. Posso defender um gay em perigo, porque sou gay; posso defender alguém indefeso, porque um dia já fui indefeso. Mas não consigo me colocar no lugar das dores que eu desconheço. Percebo isso agora. Sinto vontade de sair e não falar mais nada. Você é uma pessoa incrível!, Bia sempre me disse esperando que, um dia, eu acreditasse. Você é uma pessoa incrível! Os olhos de Ricardo estão vidrados ali. Penso em falar algo reconfortante se soubesse por onde começar. Para mim o silêncio sempre foi um bom parceiro e olha onde estou? Desisto de articular algo. O cigarro de Ricardo se desmancha em um pequeno monte de cinzas. Seus dedos parecem tremer, seus olhos parecem passeiam por pontos invisíveis e se escondem de palavras duras demais. Fernando? Estendo minha mão para pegar meu maço e partir. A porta bate, e não notamos os barulhos de nossas respirações ofegantes. Segura meu pulso. Olhos estáticos. Respiração pesada. Seus beijos são fortes, cortam, mordem.

– Preciso sair daqui! – ele fala ainda segurando meu pulso.

– Todos nós precisamos.

Ele respira vorazmente contra meu pescoço, aperta meus mamilos. Fecho os olhos em um gozo íntimo. Um poder interno tão grande. Solta meu pulso e vai à

frente, sem me esperar, atravessa as portas de vidro do cinema, olha um segundo na minha direção, olhos vermelhos e estáticos. Sou pressionado contra a parede do meu apartamento, sua mão tenta encontrar o zíper da minha calça. Meu rosto se encaixa sobre seus ombros. Fico assustado com seus olhos ali no cinema, uma tristeza calada, um cheiro de quieta resignação.

Estamos parados no meio da noite, no meio da calçada, ele olha para os dois lados. Estou parado à sua frente, próximo de sua respiração quente, sua leve fumaça humana expelindo inseguranças.

– O que foi, Ricardo? – finalmente pergunto, baixando um pouco meus olhos para encarar seu rosto caído, profundamente consternado. Ele suspira, dentro de si, procura. Abre minha calça com força. Empurra-me na mesa e caio sobre papéis do trabalho.

– Está tudo tão frio! – responde, seus dedos vermelhos se entrelaçam, seu corpo parece cambalear para mais perto. Ele se desequilibra para os lados, para frente. Cospe na mão e depois me penetra sem cuidado nenhum. Sem carinho, só desespero. Contraio meu rosto e machuco papéis e letras sem sentido com meus punhos fechados.

– Acho melhor você voltar para casa... – toco seu braço. Ele está tão perto, seu calor tão fraco, débil. Ele mete, fode, algo animal e mecânico. Sinto apenas dor. Ele grunhe tão distante que parece não estar ali. Segura gritos, gemidos. Apenas mete.

– Não deveria ter voltado... – e já não pode mais sair, está com sua testa encostada no meu ombro, penso que começará a chorar nesse exato momento, Mas respira ali. Quase que, automaticamente, enlaço meus braços em volta de sua cintura, sinto algo quente. Olhamo-nos antes de seus lábios se encostarem nos meus. Não fecho os olhos e observo Ricardo descansar em minha boca. Não é o gozo que preenche o vazio de suas carícias, a dor latejante que sinto quando ele para de se movimentar furiosamente, são suas lágrimas quentes que tocam minhas costas quando cai sobre elas e ele soluça como uma criança. Ele se ajoelha, eu apenas levanto minha cueca e calça. Ele chora, e não consigo parar de me afeiçoar ao pequeno desgarrado que ele se tornou. Ele se afastou de tudo que sabia para acabar aqui na sala do meu apartamento. Seguro seu rosto e o aperto carinhosamente contra o peito. Por um momento, somos iguais. Seguro sua mão e o guio até o meu quarto. Ainda chora e soluça de quando em vez. Quando cai na cama, caem seus olhos.

Tudo parece afundar, submergir e sou eu agora que tiro sua roupa, que reconheço marcas invisíveis pela sua pele, enquanto dispo suas amarras vagarosamente. Tudo parece ter explodido naquele gozo. Ele apenas obedece quieto, seguindo meus movimentos.

Ele dorme. Dorme e mais nada quando o cubro com o cobertor. Ajoelhado, ao lado da cama, encaro pálpebras cansadas. Tudo parece ganhar liberdade. Nunca reconheci seu rosto daquele jeito, aliviado, sua respiração não pesa mais, a compaixão me culpa pelas antigas palavras duras.

Os lábios ainda próximos. Saliva salgada. Vamos para sua casa, ele sussurrou antes de sairmos da frente do cinema rubro.

RICARDO

A dor de cabeça não é resultado de uma ressaca inesperada. Não bebi. Pelo menos, não o suficiente. A dor é culpa. Ou desconfio que seja. Consigo ouvir os carros que passam distantes, buzinas, motos. Sei que fecho os olhos por medo. Viro-me rapidamente e abro. Ninguém ao meu lado. Lembro-me desta cena. De nós dois, um dia, deitados juntos, mas sem toque, sem calor. O travesseiro está intocado, apenas meu lado parece um grande redemoinho confuso. As cortinas toldam a claridade de um dia que parece estar quase terminando. Dormi o suficiente para acordar em outras vidas, em outros corpos, expurgar minha vergonha com cada ressoar dos meus pesadelos. Mas não. Aparentemente, continuo na mesma carcaça recalcada. E ele? Onde estaria?

Aproximo-me do lado vazio. Ele está deitado no chão, não muito distante da cama. Marcas pontuam suas costas lisas, brancas. Um braço acomoda sua cabeça, enquanto o outro, estendido, tenta alcançar a parca luz que passa pela cortina e, vagarosamente, vai se distanciando com o fim do dia.

– Eu não ocupo tanto espaço assim... – digo, a voz rouca pelo sono. Não consigo enxergar seus olhos e dizer se dormem ou se ele apenas escuta os barulhos da terra por meio do chão de seu apartamento. As reverberações das vidas alheias.

– Mas seu passado ocupa... – ele responde. Abro a boca, mas nada sai. A situação me parece complicada e as palavras precisam ser escolhidas, como num campo minado de possíveis ofensas.

– O chão não está frio demais? – mogno ou algo do gênero. Já deveria estar gélido. Os raios do sol fogem do seu toque.

– Sua porra ainda está dentro de mim – ele fala – não me lavei. Mas ainda...

– Não queria... – gaguejo.

– Ainda não consigo te entender. Te sentir.

Ele para. Lembro-me da agressividade, das minhas mãos apertando sua cintura, a forma como destruí sua intimidade com gestos bruscos, como mordi e cuspi seus beijos.

– Eu não queria... Não deveria ter sido daquela forma.

– Irônico você ser gay. Depois de tantas amabilidades trocadas, você era, apenas, um incubado frustrado com sua vida sentimental.

– Não é bem assim. É mais complicado.

– Vai me dizer o quê? – retrai o braço. Aperta de leve a barriga e sabe que a luz não voltará tão cedo. – Que você não é gay? Que foi a primeira vez? – parceiros de dor. A minha depositada dentro dele. A dele, em cada palavra. Nos seus olhos, que não consigo enxergar. Está nu ali. Levanto-me e deito-me atrás de seu corpo, um palmo de distância entre nossas confissões.

– Não. Não tenho muito que dizer. Tenho medo de falar... – quero tocar seu cabelo que cai displicente e acaricia o chão. Sua nuca. Apenas minha respiração toca seu pescoço.

– Como você conseguiu esconder por tanto tempo? Como pode viver consigo mesmo?

– Não consigo – sou dele. Sei que sou. Estou perdido, preso. Toco suas costas, e sua pele se ofende com a aspereza das minhas mentiras. Ele se vira. Seus olhos estão mais serenos do que imaginaria. Está preocupado. Trata-me como igual, agora que sabe.

– Como vamos seguir daqui? Foi apenas uma gozada? – não sinto nenhuma emoção na sua voz. Passo minha mão pela curva do seu corpo até chegar à sua cintura.

– Não... Dependo da sua segurança. Disso – seguro sua mão solta na distância que nos separa. – Dependo... Não quero andar sozinho pelos caminhos que desconheço.

– Eu não sou o tipo de pessoa que se entrega. Não estou disposto a apanhar em um relacionamento... Com você... Se isso mesmo vai ser um relacionamento.

– Não pense demais – falo. – É tudo muito... Assustador. Isso já é difícil...

– É... Acho que não posso te recriminar por sair do armário tarde... Você era amigo do Maurício – minha garganta engole o soco – O que te causou tanta dor?

– Ser gay... Num mundo onde eu não tinha essa opção.

– Por que demorou tanto para fugir?

– Ainda não fugi. Não quero fugir. Quero resolver tudo que ainda precisa ser resolvido antes de dar mais um passo – beijo sua mão e nem sei ao certo o que estou fazendo. Sinto um magnetismo, algo que me leva a puxar o seu corpo perto ao meu.

– Eu vou ser o seu fim... Sei disso quando olho para os seus olhos. Isso será o fim – somos quase um. Sua mão acaricia de leve minha nuca.

– Não temos muito a perder. Eu, pelo menos, não tenho. Mas também não vou saber parar quando isso tudo começar.

– Então não pare...

Um beijo suave. Gostaria de me lembrar de quando senti algo tão desbravador quanto a língua dele desvendando a minha, seus dentes mordiscando meus lábios. Sua respiração, sua boca entreaberta me deixando ansiar por mais um beijo. Nada vem à minha cabeça. Tenho medo de me lembrar dos dias que me senti assim, vivo, esperando, querendo tanto algo que doía. Um dia eu me senti assim. Levo-o para cama, tiro minha cueca, enquanto nossos lábios comungam pecados comuns. Minha mão percorre sua pele, achando os lugares certos enquanto ele morde seu lábio inferior apertando minhas costas e me pressionando contra seu peito. Seus dedos acariciam e brincam com as gotas de suor que se formam nos meus ombros. Beijo seu pescoço e abro suas pernas com cuidado. Quando o penetro, seus olhos se fecham em dor. Tudo bem? Encosta seus lábios no meu ouvido e sussurra. Tudo. Continuo, ele segura meu rosto e me olha segurando meu rosto com as duas mãos. Me fode. As duas bocas semicerradas. Olhos juntos e estáticos. Consinto com um movimento de cabeça.

Cada penetração, cada movimento, cada carícia compassada. Nada calculado, tudo na naturalidade de nossa volúpia. Ou mais. Não éramos mais dois meros necessitados de prazeres sexuais, carnavais. Uma troca silenciosa. Ele me aperta contra seu corpo e me segura assim. Sinto algo quente no meu ombro. Uma lágrima sutil. Um prazer sutil.

– Eu vou gozar...

– Goza...Goza dentro.

Resfolegante, deixo meu corpo deitar sobre o seu. Acaricio os pelos de sua coxa. Respiro no seu ombro e seus dedos passeiam entre meus fios de cabelo.

– Onde é que você estava?

– Meio perdido – respondo.

– Agora sei que está aqui – ele sussurra. Beijo seus lábios e depois apago num profundo sono.

FERNANDO

Eu parei de sonhar faz muito tempo. Foi perto da época que comecei a fumar. Eu basicamente fumei todos os meus sonhos e hoje eles são cinzas em algum cinzeiro aleatório que passou na minha vida. Fumei todos os neurônios capazes de produzir alucinações oníricas durante meu sono. Hoje, durmo apenas com possíveis prognósticos dos dias que virão. Não são sonhos, porque são quase certos. Acontecem porque me baseio nas probabilidades reais. Durmo com a perspectiva de mais uma reunião no dia seguinte, com resultados que já prevejo e determino, ao mesmo tempo em que planejo o que falarei, quais serão minhas respostas e reações. Durmo com cada detalhe da balada seguinte, porque elas quase nunca se diferem. Sei que levarei aquele cara de barba para casa ou que vou me contentar em fazer um boquete no carro antes de deixá-lo no seu apê no centro.

Eu não sonho, eu germino certezas nos campos da mente, e deixo tudo acontecer no tédio do desenrolar dos dias. Isso foi culpa de todo o processo de sair do armário, a incredulidade na bondade do ser humano que mata iguais só porque alguns preferem chupar pau em vez de buceta. Deixei de acreditar em muita coisa. Uma delas é a utilidade dos sonhos. Eles não servem pra nada, além de fazer bichinhas jovens acreditarem que poderão andar de mãos dadas pela rua sem serem mortas pelo primeiro filho da puta pseudo-neo-nazista que aparecer com um taco de beisebol. Ou uma lâmpada fluorescente, como acontece em terras brasileiras. Quando deixei de sonhar e comecei a fumar, cheguei a pensar que as duas coisas eram excludentes e me conformei ao fato de que voltaria a sonhar quando desistisse do cigarro.

Até quando fico alterado com alguma droga, o mundo é feito de certezas e ceticismo. Vivo inflado por um ar sardônico, armado da minha sobrelanceira levantada e nariz empinado na altura da minha indiferença. Enfrento tudo que me é dado, assim de bobeira, como se achassem que aceito qualquer migalha de verdade que aparece. Os sonhos são uma dessas baboseiras que comecei a rejeitar. Faço planos, nada de sonhos, eu crio planos realistas que posso mudar no caso de imprevistos. Mas já sonhei sim, não sou de todo estéril. Um dia, consegui imaginar que meus pais poderiam me aceitar do jeito que sou, o que não é nada extraordinário.

Mas agora ele dorme do meu lado e não sei por que acho que há possibilidade para sonhos quando um dos homens mais recalcados e enrustidos te come da melhor forma possível e te faz gozar três vezes num espaço de duas horas. Deve haver sonhos quando isso acontece, não é? Você começa a pensar se existe alguma prova de que sonhos realmente tão benéficos para as nossas mais tolas esperanças quando encontra pessoas assim, que dormem do seu lado e até chegam a acariciar sua barriga ou os pelos de sua coxa como prenúncio de um beijo. Eu poderia facilmente sonhar com esse homem. Sonhá-lo. Mas agora com ele aqui dormindo ao meu lado, sonho outras coisas. Sonho que talvez não precise da aceitação de todos, mas apenas das pessoas que realmente importam. Sonho em deixar de ser aquele menino necessitado de aceitação, andando contra uma ventania que não para e tentando convencer o mundo de que há outras formas de pensar, de amar, de ser. Quando foi que tudo passou a ser tão difícil e sonhar deu tanto trabalho?

Durmo com ele abraçando meu corpo, até suas mãos se cruzarem sobre meu peito, seu pau mole se aninhando entre minhas nádegas, sua barba crescendo de encontro aos meus ombros, sua respiração pesada e reconfortante. São embalos de paz, canções de ninar inimagináveis, vindas de uma fonte tão bruta, tão mal lapidada. É como se entregar a um possível inimigo, suas carícias poderiam virar os piores ataques, mas sinto esperança na possibilidade de que ele seja o sonho certo a sonhar. Ele pode ser o receptor de dias melhores, porque, afinal de contas, não tenho muito no que acreditar.

E sonho. Quando era pequeno e gordo como uma bexiga de festa infantil, minha vida social se resumia a brincar sozinho e ler livros muito maduros para os meus 12 anos. Minha mãe era minha maior companheira em idas clandestinas a filmes com faixas etárias acima dos 15. Comprávamos pipoca e grandes copos de refrigerante e nos entregávamos às indulgências dos mais diversos filmes possíveis, entretidos em conversas e debates sobre a qualidade de cada um, mãos dadas depois que os créditos apareciam e íamos embora. Ela era minha maior companheira. Sonho que estamos novamente na fila, amadurecidos, dedos entrelaçados novamente e rindo porque agora podemos ir para qualquer filme mesmo, sem falsificar minha identidade ou carteirinha de estudante. Que filme vamos assistir, filho? Plata Quemada, mãe! É sobre o quê? É sobre uma dupla de assaltantes de banco homossexuais que precisam se esconder depois que algo no plano dá errado. Silêncio. Ai, filho, tomara que não tenha muito sangue. E assistimos a tudo calados, os tiros são as únicas coisas que realmente a assustam, minha mãe até chora no final.

Estou segurando uma caixa vazia de cigarros mentolados amassada em uma

das mãos, enquanto a outra aperta a descarga do vaso sanitário. Os cigarros se partem, encharcam, são tragados num redemoinho, tabaco e menta, essências artificiais, nicotina. Tudo se esvaindo e deixando apenas sonhos. E um pouco de realidade também.

Pego meu celular e vou para sala tentando fazer o mínimo de barulho possível, No caminho pego meu celular e dou um pulo, um salto de confiança para o que me espera. Disco os números, tentando me lembrar, porque faz tanto tempo. Ouço a voz dela do outro lado da linha. É sua vez, Fernando:

– Alô. Mãe? Tudo certo com você?

BEATRIZ

Alguns dias passam e parece que as coisas voltam para uma normalidade frágil. Um gelo fino que pode quebrar a qualquer momento, com um passo mais pesado, desavisado. A sensação não deixa de ser agradável. Estou lavando alguns pratos na cozinha deixando os dedos dançarem entre a espuma e os restos sujos que não desistem, com umacoceira no peito que só acontece quando algo não se encaixa. O Fê. Ele anda sumido, distante. Desde nosso encontro na varanda do seu apartamento, não falo com ele... Acho que o Fernando não sabe disso, mas sei o que significam esses silêncios sociais e periódicos dele. Ele quer ficar sozinho porque fez algo de que se envergonha. Parece que ele tem medo de me encarar toda vez que faz alguma grande cagada. Pode ser uma grande bebedeira, uma noite de sexo anônimo, qualquer coisa que ele tenha feito por impulso. Na hora, ele achou que estava certo, que tudo que estava “aprontando” traria resultados bons. Mas, ao acordar, ele percebeu que tinha passado de alguns limites que ele mesmo se impôs e depois quebrou.

Ele acaba conversando sobre o assunto depois de alguns dias em seu exílio. Provavelmente se joga de cabeça no trabalho e espera que sua vergonha esfrie um pouco. Prefiro não falar que sei dessa mania. Prefiro deixá-lo escolher o melhor momento para retornar e se sentir novamente acolhido. Isso não deixa de me preocupar. Esse tempo que ele passa longe eu me pergunto o que se passa pela cabeça dele. Tanta gente faz tanta besteira no desespero do silêncio, do isolamento. Meu celular toca na mesa da cozinha e corro para enxugar minha mão em um pano de prato pendurado na parede. Tenho duas chances de acertar. Escolho a primeira delas:

– O que você fez de errado dessa vez? - ele ri alto e sem amarras, uma daquelas gargalhadas que te puxam e te jogam na piscina com roupa e tudo. Um riso jovem e sem preocupação.

– Quando foi que nós começamos a adivinhar tanto o que se passa com o outro?

– Desde sempre? – recupero meu fôlego e me sento à mesa da cozinha. Não foi desde sempre. Quando éramos mais jovens, não ligávamos muito para este tipo

de intimidade. O importante mesmo era não brigar tanto, era se divertir, sem ter que falar muito a respeito de nada. Você cresce e você sente que precisa mais dos seus irmãos, que eles precisam ser mais do que apenas companheiros de travessuras. Quando crescemos, nós começamos a nos sentir sozinhos também. Uma solidão que não consegue ser aplacada pelo amor paternal, os pais sempre estarão um pouco distantes hierarquicamente falando. Nessas horas, esse espaço é preenchido pelo amor fraternal. Já percebeu como grandes amigos são chamados de irmãos? “Você é como um pai para mim.” Quem já ouviu isso de um grande amigo?

– Tenho uma grande novidade para contar. Uma novidade e um segredo ao mesmo tempo. Você está sozinha?

– Você vai ter que me matar depois de me contar?

– Perderia todo o propósito, mas você pode morrer apenas ouvindo o que tenho para contar...

– Você se descobriu hétero? - finjo espanto e a linha fica muda por um instante. Nunca sei qual o limite das piadas sobre a sexualidade do Fê. Em um momento, ele pode rir; no outro, ele pode dar um discurso inflamado sobre direitos iguais. Na maior parte do tempo, ele sabe que eu não tenho más intenções.

– Isso mataria metade da família de uma vez! – ele finalmente fala e voltamos para o ritmo da conversa. – Eu transei com o Ricardo.

A frase leva poucos segundos para ser processada. Fico em dúvida de que Ricardo ele está falando e aí a sirene da obviedade apita me lembrando de que só há um Ricardo que nós dois conhecemos, o amigo do Maurício. Com isso digerido, não sei como reagir. Qual a reação que o Fê espera de mim? Devo ficar preocupada que meu irmão acabou de fazer sexo com o melhor amigo do nosso irmão homofóbico? Devo encarar como apenas mais uma das nossas conversas em que discutimos uma de suas últimas conquistas?

– E... foi bom? – acho que vou com a segunda opção para não ofendê-lo com um julgamento de valor inesperado.

– Você não está nem um pouquinho espantada?

– Espanto é uma das coisas que eu estou sentindo...

– Eu acabei de pegar o Ricardo. O melhor amigo do nosso irmão é gay e o Maurício nem devia saber.

– Isso é felicidade no seu tom de voz?

– Você não pode negar que a situação é muito irônica.

– Sim. Infelizmente, o Maurício não está mais aqui para você jogar isso na cara dele – minhas palavras soam mais duras do que eu previa. Pareço quase amarga ao falar isso, mas um dos lados dessa briga já se foi. Até quando esta rivalidade vai continuar? – O mais importante é se foi bom! E aposto que é isso que você está louco para me contar, certo?

– Foi incrível! De um jeito animal, inesperado e com poucas palavras. Ele parecia saber muito bem o que estava fazendo. Sabia onde tocar, onde lambe, como fazer... Será que ele já teve muitas experiências antes de mim? Você sabe como é lisonjeiro ser o primeiro de alguém – ele me segue de volta à conversa e esquece um pouco o Maurício. Voltamos para aquela rotina de listar os detalhes mais picantes.

– Não seria mais engraçado se você fosse o primeiro e ele ainda fosse o passivo? Daquele jeito todo sério para depois morder o lençol? – ele ri do outro lado. Aposto que ele ia dizer o mesmo.

– É... seria divertido! Mas um desperdício também. Quem diria que aquelas calças sociais esconderiam um pau lindo que nem aquele?

– Você não fica preocupado com o número de vezes que você fala de sexo? – exatamente no momento em que você o consegue de volta você faz uma pergunta perigosa como essa, Beatriz?

– O que foi? Sua inscrição para o convento das freiras carmelitas finalmente foi aprovada?

– E sua mãe? Vai bem? – tomamos nossas espadas de sarcasmo e tiradas rápidas e duelamos em uma briga ensaiada de bordoadas que não nos fere, nos

diverte.

– Eu não sei... Por que você bate na porta do quarto dela e descobre? É você que ainda mora com nossos pais.

– Seu bobo! Estou falando sério. Essas conversas não perpetuam essa imagem de promiscuidade dos gays? – acho que estou usando o assunto para desviar de algo maior. Não estou querendo falar dessa repentina aproximação do Ricardo, dessa aproximação junto ao Fernando.

– Bia, quantas vezes você fala de sexo com suas “amiguinhas”?

– Como é que eu vou saber? Não é como se eu mantivesse um contador.

– Exatamente. Você não conta porque é algo natural. Falar de sexo é natural. Héteros e homos provavelmente fazem e falam de sexo em uma quantidade parecida. A única diferença é que o fato de gays fazerem isso não é visto como natural.

– Acho que o que você diz faz sentido...

– Mas eu não liguei para te dar lição de moral. Ou nesse caso, de pura lógica. Eu quero falar do Ricardo. Ainda nem comecei a detalhar tudo que fizemos. E mais de uma vez!

– O que você sabe desse cara? – acho que não vai dar para fugir. Vamos enfrentar este Ricardo de uma vez.

– O que é que geralmente sei dos caras com que eu durmo a primeira vez?

– Sério? Você vai falar isso depois do papo sobre promiscuidade?

– Estou brincando. Mas vocês o receberam de forma tão calorosa na casa de vocês... Resolvi estender o convite para a minha também.

– A ajuda que ele deu para nossos pais pareceu natural na época, mas você mesmo achou que a permanência dele era estranha. Como é que você vai e acaba dormindo com o cara? – mais um silêncio do outro lado. Foi como um tapa na cara

de uma pessoa histérica. Agora o Fernando parou para pensar no que estava falando.

– Você tem razão. Acho que fiquei tomado... pela qualidade do ato em si.

– E não estou dizendo que você não deve... aproveitar. Só tome cuidado. Não seria a primeira vez que você se machuca com um completo estranho. E por mais que ele tenha sido amigo do Maurício, é isso que o Ricardo é. Um estranho. Tome cuidado.

– Quem diria. Você me dando uma lição de julgamento de caráter. Eu sempre achei que era bom nisso.

– Você é. Mas também é ingênuo quando o assunto são seus sentimentos. Só que você se esquece disso com toda essa coragem que você construiu para enfrentar nossos país e o...e o Maurício – mais um silêncio. Acho que estou sendo mais dura do que eu deveria.

– Você tem toda a razão, Bia! A conversa está boa, mas agora preciso desligar.

– Promete que não vai sumir?

– Prometo. Eu te amo, linda.

– Também te amo – desligamos ao mesmo tempo. Um clique, uma distância enorme. Volto para os pratos. Ainda continuo pensando nas razões para a permanência do Ricardo, sobre suas intenções com o Fernando. Ele pode simplesmente ser mais um daqueles homens quadrados que começam a descobrir sua sexualidade com alguém mais experiente, mais corajoso. O Fê me ensinou que, às vezes, é preciso ter coragem para ser quem você é de verdade sem ser reprimido ou punido por isso.

Você sabe que não é isso realmente que te incomoda, Beatriz. Você sabe, ou acha que sabe, por que o Ricardo está aqui. Isso é o que dá aquele pequeno soco no fim da espinha, que te faz se endireitar com medo de que alguém descubra. Nessa incerteza incerta, você não sabe o que fazer, como agir ou com quem falar. Acho que pode ser um daqueles muitos momentos de decisão que você vai ter que tomar em relação à sua família.

Tenho que falar com o Ricardo.

FERNANDO

As pessoas sempre planejam amar. Mas, quando o amor realmente chega, ninguém tem muita ideia de quais serão seus planos. Eu sempre presumi que eu precisava me apaixonar desesperadamente de todas as pessoas com quem criei algum tipo de relacionamento. Eu precisava amar porque não seria justo ficar com uma pessoa sem o fazer. Eu era bastante ingênuo na época e, quando me vi traindo meu primeiro namorado com um cara mais velho que conheci por um chat na internet, percebi que, além de ingênuo, eu era hipócrita. Desde esse momento, presumi que não era feito para amar assim.

Eu tenho essas imagens de como deveria ser ter um grande amor, um grande e único amor que faria todas aquelas princesas insossas da Disney morrerem de inveja, e algumas dessas imagens até envolvem cavalos brancos, armaduras brilhantes e tudo que uma pequena bichinha iludida poderia querer. Amor não foi feito para pessoas como eu, porque simplesmente tudo não passa de ideias perfeitas que sobrevivem de tramas elaboradas demais, da nossa própria imaginação. Fora, no mundo real, elas murcham, contraem-se e gritam estridentes até desaparecerem deixando mágoas.

Eu presumi também que, um dia, tudo isso poderia mudar, que mudaria de opinião assim que o cara certo aparecesse. Mas ele nunca apareceu. E a esperança vai acabando, mesmo escondida sob camadas e mais camadas de força e de coragem que nunca existiram. Assim, me vesti de ceticismo, dessa inércia emocional, porque é sempre mais fácil ficar parado, esperando que as coisas continuem as mesmas. Eu minei e sabotei todos os meus relacionamentos. Acho que por isso me surpreendi ao sentir o hálito quente dele mais uma vez tocar minhas costas. E outra e outra vez. Seus beijos. Achei que nunca mais os sentiria. Eu sempre presumi que eu notaria o amor logo quando ele chegasse. Tudo foi mais sorrateiro e silencioso do que eu esperava.

Aqui está sua mão sobre minha barriga, acariciando, de vez em quando, meu umbigo, os beijos que deita no meu pescoço e eu aperto sua mão e peço, silenciosamente, para que meus olhos não se abram. Poucas palavras são pronunciadas quando estamos juntos, exceto quando transamos. Desde a primeira vez, apenas nos encontrávamos aqui em casa. Eu abria a porta e vagorosamente ele

se aproximava e aninhava sua cabeça no meu pescoço e inspirava profundamente meu cheiro. Segurava sua mão e o levava para cama. Assim ficávamos até que, no dia seguinte, fingia não perceber sua saída. Ficava deitado na cama, mudava para o lado dele, ainda quente.

Já perdi as contas de quantas vezes nos encontramos assim. Só existimos dentro dessas paredes e não falamos nada sobre o assunto. Antes, eu nunca conseguia ficar sozinho. Eu pulava de caso em caso me alimentando dos sentimentos que cada um poderia me proporcionar. Até que me acostumei apenas com os casos e deixei os sentimentos de lado. Estou aqui agora pensando se isso seria mais uma dessas situações em que o comodismo é essencial, que não preciso de mais nada além de um sexo casual e periódico. Qual seria a realidade de tudo isso? Mentalmente, visualizo um grande relógio e conto os minutos que faltam para ele largar minha cintura e sair do quarto e da minha casa mais uma vez.

Ele acorda de um sono profundo e beija o lóbulo da minha orelha. Sua mão desce e ultrapassa vagarosamente minha cintura: lá vamos para o sexo de despedida, poucos minutos para mais uma gozada e um silencioso adeus. Viro-me e enlaço seu pescoço com meus braços. Suas mãos me abraçam.

– Você precisa mesmo ir embora junto com a aurora? – murmuro.

– Como? – indaga, sonolento, cheirando meu pescoço e acariciando minhas costas com as pontas dos dedos. Ele já sabe exatamente onde tocar e como, como me deixar manso e bobo. Pareço um gato comprado facilmente com agrados simples. Passo meus dedos entre seus cabelos.

– Fica mais tempo. Podemos sair pra almoçar mais tarde... Alugar um filme.

Silêncio. Esta é uma corajosa tentativa de recuperar algo que morreu com minha puberdade. Romance é para os jovens, pertence a uma época sem doenças sexualmente transmissíveis e contratos pré-nupciais. O pragmatismo matou tudo o que tinha de mais piegas e clichê. E ainda assim. Você está aqui, Fernando! Apaixonando-se.

– Eu achei que você preferia manter sua... Não sei... Seu... Espaço... – este é o começo de uma ótima desculpa. – Claro que posso ficar. Mas eu escolho o que comer – ele sorri. Ou o começo de uma ótima resposta.

Nessa hora você não pode deixar de pensar algo como “isso poderia ficar mais perfeito?”, e é exatamente com um pensamento como esse que você tem certeza de que tudo está muito errado, ou apenas chegando ao fim. Para os romanticamente céticos, isso se chama autodefesa. Para o resto da população isso é mais conhecido como autossabotagem. Eu deveria implodir tudo antes de começar. Viro-me e afundo minha cara no travesseiro. Seria tão difícil por um segundo não considerar as variáveis? Ele começa a beijar meu pescoço de leve, fecho os olhos e sinto tudo se esvair e estou sozinho novamente. Posso sentir a cama vazia mesmo com seus dedos acariciando minha barriga. Não leva muito tempo, é fácil notar que as pessoas estão mais fracas quando se entregam ao imprevisível. Doam mais do que podem, esperam mais do que merecem. A vida é cruel no departamento dos sentimentos e as filas e repartições só se multiplicam. Elas te deixam esperando, há toda uma burocracia para você poder dizer o que realmente está sentindo e me adaptei muito bem a isso tudo. Sinto-me ridículo pensando em relacionamentos deitados com um cara que desde o começo defini como uma boa foda e um pau grosso. Não posso negar que é ótimo sentir o toque de alguém de novo, de um toque de alguém que possa fazer alguma diferença, de alguém que ganhe importância e permaneça. Um toque não preenche muita coisa por muito tempo. Não me lembro de termos trocado mais do que algumas poucas palavras. Sou um drive-thru-me tipo de coisa: ele chega, me fode, satisfaz minha cota de carinho humano e parte antes de virar um vibrador à meia noite.

Decido que esqueci meus colhões em algum lugar no meu armário espaçoso, entre as dezenas de camisas e calças de grifes. Levanto-me deixando seu toque morrer no ar, suspirar simplesmente e cair sem vida no meu lado da cama. Estou nu e ando vagarosamente para que ele aproveite a vista enquanto pego uma cueca branca na gaveta de baixo de uma cômoda. Não preciso me virar para saber que ele espera que eu volte logo depois para ele ter o prazer de tirar a cueca mais uma vez e até o faria se visse seu pau duro novamente em tão pouco tempo. Prefiro deixá-lo falar algo, se manifestar. Preciso ouvir algo desse mero objeto de satisfação sexual em forma de homem, algo que valha a pena não trocá-lo por um michê qualquer que não teve nenhum contato com meu irmão. Só de lembrar que eles foram melhores amigos sinto vontade de voltar a fumar. Nem sei como parei. Tanta besteira. Preciso de um cigarro.

Vou ao banheiro e jogo um pouco de água no rosto. Calculo o tempo que ele levará para se vestir. Presumo que se for tão rápido quanto tirar a roupa, ele deverá estar fora do meu apê depois de eu escovar os dentes. Também presumo que ele vai perceber que não passa de mais uma transa casual. Começo com os dentes e não

ouço barulho nenhum. Uma grande ejaculação precoce na história das saídas furtivas. Cuspo.

– Você já quer sair pra comer?

Ele está parado na porta com um dos ombros encostados no limiar. Passa sua mão sobre o peito cheio de pelos presunçosamente dispostos e me encara, esperando uma resposta como se eu fosse o tipo de pessoa que dá respostas para esse tipo de pergunta. Droga. Eu tinha que convidá-lo e desistir em poucos segundos? Isso sim foi uma ejaculação precoce na história das mudanças de plano. Acabo com os dentes e parto para a contenção de danos ou extirpar o que chamamos de raízes de intimidade. Depois delas você fica preso e começa a ficar com medo de magoar a pessoa mandando-a pastar.

– Então... Acho melhor...

– Que tal hoje ficarmos em casa na cama assistindo à televisão? Além do mais, está meio nublado e frio. Você deu uma olhada pela janela?

Eu pedi por isso, acho. E agora, por que o rejeito tão facilmente? Não queria que ficasse? Mas partir sempre é a melhor opção. Sempre foi. O que esperar? Já passei por essa estrada de tijolos amarelos e posso dizer que eles não são tão amarelos assim e não é tão fácil voltar para casa quanto bater os calcanhares e pronunciar algumas palavras mágicas. Eu me acostumei a hibernar maior parte dos meus sonhos, por que deveria sair de meu repouso cético por causa de uma patética fonte de prazeres sexuais?

Ele me abraça quando tento passar pela porta e quase derreto como uma colegial asiática. E fico de pau duro quando sinto seus pelos tocarem minha falta de pelos como o de um colegial asiático.

– Você poderia voltar comigo para cama...

Nós nos encaramos e seu sorriso canastrão seria motivo de uma grande gargalhada. Com quem ele aprendeu a ser tão previsível? Eu me parto ao meio tentando descobrir por que continuo enlaçado em seus braços. Bia riria da situação toda ou será que ela ainda anda preocupada com meu envolvimento com o Ricardo? O que é estranho, porque ela é uma daquelas pessoas que quer te casar com a

primeira pessoa a quem você esboça um elogio, uma chama de afeto. Ela tentaria me jogar nos braços dele, como se ele fosse um apóstolo do testamento “dê uma chance ao amor”. Mas, dessa vez, nada. Eu que estava pensando em ser rejeitado, penso agora em rejeitar. Tudo seria bem fácil, se eu voltasse pra cama e dormisse com ele novamente. Não é isso que quero? Despreocupação. Então interprete o bom papel de cara dispensável e espere que ele não ligue amanhã, como você imagina.

– Então vamos...

E, fácil assim, volto para cama com a certeza de que ela ficará completamente ocupada por pouco tempo. Desejo com tanta força isso, que estranho minha recaída. All right, Mr. DeMille, I'm ready for my close-up. Estou pronto para me deitar e partir. Ou deixá-lo partir. Nada assim vale tantos pensamentos, tantas dolorosas interrogações. Minha raiva está aqui dentro, sentada, fumando todos os cigarros que eu mesmo não estou aproveitando. Folheia uma revista de fofocas com minha foto estampada. Estou dormindo com o melhor amigo do meu irmão, sua mão se insinua novamente pelas dobras do meu corpo e minha raiva observa calada exalando uma fumaça que me confunde, pensamentos nublados, até que a raiva começa a gargalhar.

Deito e acho que essa será a sina desta nossa dupla: acabar rápido. Impressiono-me quando ele não deixa o meu lado, quando ele passa o dia inteiro em minha cama, assistindo televisão e conversando. Um dia inteiro. Sem partir, sem sair e se despedir no final.

Os ventos estão mudando ou você resolveu amolecer, Fernando?

BEATRIZ

Eu o convido para um encontro em um restaurante em que o Fê e eu costumamos almoçar de vez em quando. Ele o descreve como um dos lugares quentes da “selva arco-íris” da cidade. Um que ele classificou de uma forma digna de um verdadeiro fã de Sex and The City: um lugar aonde os gays iam para ver e serem vistos. Um açougue humano, só que mais estiloso e mais caro.

Não sei exatamente o que vou falar quando ele chegar. O máximo de preparo que tive foi na hora de descobrir o número do celular dele, na hora de fazer a ligação. Minha intuição me diz que é isso que preciso fazer. Preciso contar uma história que eu achei que nunca teria de desenterrar. Algo que não contei nem mesmo para o Fê. Por incrível que pareça é uma história que apenas Maurício e eu compartilhávamos. Será que ele também sabe? Será esse o motivo de sua cruzada?

Quando ele chega estou na metade do meu suco de laranja. Nada de beber algo alcoólico. Você precisa estar no controle. Nossos rostos se encontram no meio do caminho. Estou no meio do caminho para me levantar da minha cadeira. Ele, se inclinando para um beijo cortês na face. Algo entre uma reunião de negócios e um encontro casual.

– Desculpe pelo atraso, Beatriz.

– Tudo bem, Ricardo – seguro minha vontade de pedir que ele me chame apenas de Bia, ninguém nunca me chama de Beatriz, mas acho que o tom da conversa não vai ser doce como um apelido e nem trivial. Deverá ser curta como um apelido. Você parou para pensar nos resultados dessa conversa, garota? No que vai acontecer quando você abrir a boca e disser o que você sabe?

– Fiquei assustado com sua ligação. Seus pais estão bem? – ele parece sinceramente preocupado. Na verdade acho que ele sempre parece preocupado. Com tudo.

– Não aconteceu nada. Eu só precisava falar com você. Sobre o Fernando.

– O que tem ele? – sua falta de hesitação não diz muita coisa além de que ele veio preparado.

– Você sabe que você é muito diferente do meu irmão, não sabe?

– Desde quando você sabe? – seu tom de voz é claro e firme.

– Isso importa?

– Você contou para seus pais?

– Entendi sua preocupação – nos encaramos enquanto tentamos adivinhar o que o outro está pensando. Um filme de espionagem, uma queda de braço mental. – Importaria se eu tivesse contado para meus pais. Você se preocupa com sua imagem – é como se eu estivesse falando com a voz do Fernando. A voz que ele usa para se impor e se fazer ouvir. – Você realmente é amigo do meu irmão.

– O que você quer falar, Beatriz? Por que estou aqui?

– Porque estou preocupada com seu envolvimento com meu irmão – com essa frase sinto que sou uma mulher muitos anos além. A mulher que serei. Será que ela já existe em algum lugar aqui dentro? Sinto-me sábia, no controle. – E também com sua presença na minha família desde que o Maurício morreu.

–Você também?

– Acho que é uma coisa de irmãos - sorrio. Acho que você já conseguiu estabelecer a seriedade do assunto, Bia. Fale antes que você vomite o pouco de suco que tomou. Você não é a melhor das pessoas para tomar rédeas e ser firme. Tente lembrar que esse é um dos passos para se tornar uma mulher adulta. – Eu sei por que você está aqui.

– Sabe? - é a primeira vez que sua voz se amedronta um pouco.

– Foi pelo Maurício. Você veio ter certeza de que ninguém saiba.

– Saiba do que, Beatriz? Por que você simplesmente não fala o que você

acha que está acontecendo além do meu caso com o Fernando – ele quase grita e um garçom me olha para saber se preciso de ajuda. Engulo algumas lágrimas que queriam correr para beira dos meus olhos. Conheço esse tom.

– Você veio pelo Mau. Por alguma promessa de amigo, não? – é nesse momento que eu sei que acerto no alvo. Ele para e seu silêncio é a deixa para que eu conte tudo. Há um consentimento naquele gesto, não há palavras que descrevam o medo que aqueles olhos tentaram segurar com rédeas firmes. Um medo selvagem, cheio de faíscas que querem fogo para explodir, que querem pânico. Ele apaga tudo ao engolir as palavras que nunca vão sair. A história que nós conhecemos nunca vai tomar vida. O que nós dois queremos é que ela morra, que ela ganhe teias e seja esquecida.

Quando eu encontrei o Maurício chorando, eu sabia que alguma coisa estava errada, mais errada do que quando tivemos nossa conversa sobre escolhas profissionais. O choro dele engasgado, cheio de emoções. Era medo e desespero em uma conversa incompreensível de soluços. Eu escutei o barulho do meu quarto, mais uma vez meu irmão estava escondido na casa de meus pais. Depois daquele dia comecei a pensar que era exatamente isso que meu irmão queria: se esconder um pouco, fugir mesmo que por pouco tempo.

– Mau?

– Não entra, Bia! Pode deixar, eu estou bem – com o Mau era sempre bom chegar de leve, como na hora lidar com qualquer animal perigoso.

– Eu sei, Mau! - eu não tinha ideia de nada. – Eu só queria saber o que estava acontecendo. – ele estava sentado na beira de sua antiga cama de solteiro, seus cotovelos apoiados nos joelhos, com a mesma cueca samba-canção. Mesmo com seu rosto escondido entre os dedos era possível notar seu rosto vermelho. Ajoelhei-me na sua frente e fiz um fraco cafuné em seu cabelo bagunçado. Ele não deve ter tido muitos daqueles. Agora fico com medo de pensar se foi uma escolha dele não tê-los ou se ninguém se atreveu a dar o carinho que ele precisava. O sofrimento dele foi sempre daquele jeito? Invisível? Ignorado?

– O que foi que aconteceu? Você brigou com os pais? Com o Fê? – estava tentando o máximo para não parecer temerosa.

– Não é nada... Eu já disse que não é nada, Bia. Sai daqui – dou o passo mais arriscado. Abraço seu corpo e ele se solta.

– Eu sou sua irmã. Pode falar para mim – seus braços caem do meu lado e consigo sentir suas lágrimas quentes no meu ombro.

– Eu fodi tudo... Eu acabei com minha família...

– O que foi que aconteceu, Mau. Eu posso tentar ajudar.

– Eu... Eu traí a Amanda. Ela vai descobrir. Ela vai levar o Renan... – mais lágrimas de um homem, um garoto completamente perdido com medo de destruir tudo que ele construiu. Eu abri minha boca para falar algo, mas eu nem sabia por onde começar. A situação parecia corriqueira: um adultério não é uma coisa de outro mundo, eu pensei. Mas para o Maurício era. Aquela sua lealdade à família era sagrada, algo que uma traição mancharia para sempre.

– Você está arrependido...

– Eu traí minha mulher. O que eu faço? – ele me interrompe.

– Calma, Mau. Vamos tentar pensar com clareza. Acho que a melhor alternativa é contar... – ele se desvencilhou do aconchego de meus braços para segurá-los com dedos duros. Encarou-me com aqueles olhos vermelhos, uma veia saltada em uma de suas têmporas. A raiva era incomparável. Quase chorei de medo com ele ali naquele momento.

– Você não vai contar para ninguém. Tá me ouvindo? Se você contar... – seus dedos apertaram ainda mais minhas mãos, queimando minha pele. Só consegui concordar com a cabeça, deixando uma lágrima cair. Ele me soltou e acho que foi a primeira vez que respirei. Devagar eu saí da minha posição e o deixei voltar para a dele, com o rosto escondido e mais lágrimas. O que eu poderia fazer? Naquele momento eu estava mais com medo do que qualquer outro sentimento. Foi mesquinho, talvez, mas só conseguia pensar em fugir dali e chorar sozinha também.

Eu respirei fundo e o Ricardo finalmente piscou.

– O Maurício continuava se encontrando com ela antes de falecer? Ele continuava tendo a amante... – falo. Acho que as palavras do Ricardo simplesmente desistiram de sair. – Na verdade eu não preciso saber de nada. E você só precisa saber que ninguém desconfia.

– Então qual o motivo dessa conversa?

– Você não precisa continuar aqui. Você não precisa usar meus pais como razão para ficar. E principalmente não precisa usar o Fê – eu espero que ele fale alguma coisa, defenda seus sentimentos pelo Fernando e fique insultado com minha insinuação. Mas não. Parece que ele confere um relógio imaginário para saber se ele pode ir embora.

É bom poder reviver todo o episódio com o Maurício, bom e rápido. Depois que me tranquei no quarto, eu escondi essa memória debaixo de muito medo e impotência. Acho que agora é a hora. É hora de perdoar as fraquezas do Maurício. Afinal, ele não está mais aqui para sofrer calado mais uma vez, ele também não precisa mais do seu fiel amigo para salvá-lo. Afundo um pouco em pensar que ele preferia contar com a ajuda dessa pessoa à minha frente e não alguém de sua família. Talvez o Ricardo tenha se tornado parte da família em algum momento pelo menos para o Mau. Deixo o dinheiro do suco na mesa e Ricardo parece aliviado em saber que escolhi a alternativa menos demorada. Nos despedimos novamente com aquele mesmo beijo. Saio do restaurante e caminho para o metrô com uma sensação indefinida. Se fiz ou não fiz o que era certo, não vou saber até tudo explodir na minha cara com aquele cheirinho característico de merda. Até lá, posso dizer que fui mais irmã do que naquela hora em que encontrei o Maurício aos prantos.

FERNANDO

– O que você quer comer?

Ele pergunta beijando meu pescoço e quando menos espero estou em um corredor de um supermercado perto do meu apartamento. Visto uma roupa qualquer, em uma displicência comum dos fins de semana. Óculos escuros enormes escondem meu sono, que se arrasta debaixo dos meus olhos que não acordam. Talvez não seja sono, pode ser apenas uma inquietação adormecida. Ele está diferente. Pode não parecer. Ele consegue me distrair com todo o carinho, com seus sorrisos, com suas poucas palavras. Mas ele está diferente. Desde o último dia que nos vimos, algo aconteceu. Ele pode estar ficando mais à vontade, mas os pequenos gestos mostram que ele não está mais o mesmo comigo.

Eu disse macarrão, aparentemente o rapaz sabe cozinhar. Seguro uma garrafa de vinho, nem barato nem caro, o suficiente para aguentar mais um dia. Amanhã com certeza ele não vai ligar. Foi essa a mudança. Agora que ele se acostumou com a ideia de ser gay, vai querer explorar o mundo, desbravar novas rolas, quem sabe até dar o cu uma vez. Essa é sua foda final comigo, sua foda de despedida. Mataria por um cigarro agora. De onde tirei que isso poderia dar certo?

Pessoas inteligentes sempre sabem quando o perigo se aproxima. Ou pelo menos acham. Lembro-me de me ver como uma dessas pessoas preparadas para tudo. Principalmente em relacionamentos ou relacionamentos que pareciam existir, que conseguiriam existir... Se não fossem os pequenos, os médios e principalmente os grandes problemas, que enfiavam uma agulha em qualquer balão de sonho.

Quando entramos no supermercado meu sexto sentido – ou de veado, como preferir – parece me avisar que esse será um daqueles momentos. Aquelos momentos que você descobre que você é um grande tolo, burro mesmo, em acreditar que as coisas podem ser do seu jeito.

Ele se apressa e já vai pegar uma cesta vermelha de compras. Viemos a pé. Examino meu reflexo em uma das portas de entrada para ver o estrago de mais uma noite mal dormida, mas bem fodida. E ele ainda espera. Dou um sorriso sem graça e o acompanho entrando em um dos grandes corredores, passando os dedos entres os

cabelos e olhando baixo. É nas pontas dos meus dedos que encontro algumas das pistas para a batida catastrófica que me aguarda.

Ele mantém uma distância segura. Mais do que uma zona de conforto ele mantém todo um arame farpado de “enrustidês” em volta. Pode ser inconsciente. Algo me diz que ele não me deixaria chegar muito mais perto, pelo menos não em público. Ele para na seção de massas.

– O que prefere? – acordo com sua voz um pouco rouca, depois de examinar por alguns segundos intermináveis como nossos pés estão tão separados. Estou quase em uma seção completamente diferente e ainda assim estamos olhando para as mesmas opções de refeição dominical.

– Sempre pensei melhor com perguntas de múltipla escolha – sorrio e ele responde igualmente. Bom sinal? Provavelmente seria mais um como o dos pés.

Às vezes pessoas inteligentes – levadas ao erro – conseguem prevenir um acontecimento funesto percebendo detalhes. Eu tentei ser uma delas, mas um prazer masoquista, do tipo “eu avisei”, me fez escolher o caminho mais perigoso. Minha ingenuidade estava querendo levar uns bons tapas. Eu geralmente não saio mais ferido do que eu posso aguentar, não é mesmo? Olho de um lado ao outro do corredor e não consigo encontrar mais do que dois velhinhos empurrando com dificuldade um carrinho em direção a um dos caixas.

– Você prefere talharim ou alguma massa recheada? – pergunta ainda examinando minuciosamente. Acredito que não seja muito difícil escolher, mas sua demora ou demonstra desconforto ou ele realmente é um especialista em massas. Esse deve ser o momento de arrependimento, em que o tempo não consegue passar mais depressa e a única coisa que ele consegue pensar é sobre o erro que foi aceitar ficar mais tempo comigo. Certos casos têm datas de expiração bem definidas e visíveis na cara do mané que você resolve levar para sua cama. E sim, elas são bem precisas. A maioria diz: “Chutar fora da cama antes de virar abóbora”. – Posso fazer um molho branco com tomates secos. Você gosta de tomates secos, não é?

– Claro! Sempre os achei versões aperfeiçoadas dos tomates – depois dessa considero a possibilidade dos cigarros serem a fonte do meu bom humor. Que droga de tirada. Pulo os arames farpados e invado a área de conforto dele. Estou quase próximo de envolver seu braço esquerdo carinhosamente e encostar minha cabeça no seu braço languidamente e falar algo como “não me importo, vamos voltar logo pra

cama”. – Não me importo – tento fazer o que planejava.

– Acho melhor então o talharim! – ele escolhe rapidamente o pacote e já está andando quando resolvo começar a pronunciar o “vamos”. Ele provavelmente vai atrás dos malditos tomates aperfeiçoados. Puta que pariu! Eu avisei. Recebo bem na minha cara algo que já estava esperando. Um prazer toma conta de mim no fato de saber que estou certo mais uma vez. Deveria tê-lo chutado fora da cama quando tive oportunidade.

Não me atrevo a invadir sua área. Não sou uma das pessoas mais confortáveis com demonstrações públicas de afeto, porque odeio como fico tímido toda vez que alguém faz esse tipo de coisa comigo. De outra forma, aceitaria qualquer uma delas com o maior prazer. Na atual situação, parece que adivinhei que meu amigo Ricardo não é muito fã desse tipo de gesto.

É o que digo: uma vez enrustido, sempre enrustido. Agora estou na mesma situação que ele, achando que o tempo não poderia passar mais devagar.

* * * *

Quem diria? O homem realmente sabe fazer um espetacular molho branco que em parte me afastou um pouco do escrutínio intenso sobre as suas intenções comigo. Conversamos trivialidades. Ele não parece tão desconfortável quanto eu. Será que ele não notou meu tom mais ameno? Enquanto ele preparava nosso almoço, aproveitei para tomar banho e refletir, na verdade imaginar como tudo iria acabar e acho que será hoje. Assim que comer esse último tomate seco solitário no prato.

– Você gostou mesmo do macarrão, hein?

– E também gosto do meu físico do jeito que ele é. Então afaste essa travessa antes que eu repita – me joga na mesa afastando meu prato e ficando com o rosto abaixado em uma ceninha dramática que deve funcionar para conseguir algumas fatídicas carícias.

Não sei se devo começar a discutir um relacionamento quase inexistente,

pode parecer um convite para receber um chute nas bolas. Para quem não tem muita coisa a perder, acho que é a opção mais sensata.

– Você nunca fala muito sobre sua vida não é? – pergunto virando meu rosto para encará-lo, sentado ali. Ele respira profundamente e encara seu prato de restos.

– Achei que tinha falado o suficiente.

– O que exatamente? A gente nunca consegue ter realmente algum tipo de intimidade além da cama...

– O suficiente para o que temos.

– Então você já pensou sobre o que temos? – brinco com pequeno pedaço de queijo ralado caído na mesa.

– Você não?

– O suficiente para saber que não temos muita coisa. Eu achei que a ideia era que isso evoluísse, se tornasse...

– Eu não estou em uma fase boa para isso. Para essa evolução – será que ele está realmente certo do que está falando. Devo arriscar novamente?

– Acho que notei isso em algum momento. O fato de nunca nos encontrarmos para fazer nada além de trepar é um sinal bem visível de que não estamos indo a lugar algum – ele parece se sentir desconfortável quando pronuncio a palavra “trepar”. – E você é tão recluso. Fechado.

– Ser gay é uma coisa muito recente para mim. Nunca falei sobre o assunto. Nunca achei que poderia falar sobre ele. E acho que prefiro assim.

– Você não acha que já viveu em silêncio por muito tempo? – onde está meu orgulho, caralho? Não acredito que estou estendendo essa demonstração de humilhação por tanto tempo. Conforme-se, Fernando, você terá que voltar para o seu vibrador até achar outra boa foda.

– Eu realmente não quero falar sobre o assunto, Fernando.

– Mas não é para isso que servem relacionamentos? Para conversar? Para se ajudar? – acho que altero minha voz um pouco demais, o que prova que estava esperando um desfecho diferente, prova que eu estava começando a gostar dele.

– Nós não temos nenhum relacionamento, Fernando – pronto. Viro a cabeça rapidamente para o chão e penso qual é a saída de emergência para situações como essa. Acredito que a última vez que a presenciei uma cena como essa, estava no lugar do Ricardo, meu ceticismo distribuindo mais uma sentença contra o amor. Tinha me esquecido de como era estar do outro lado. Nunca aceitei muito bem rejeição. Como lidar?

– Acho que vou lavar a louça – falo sem vontade pegando seu prato e colocando em cima do meu.

– Eu já vou...

– Acho melhor – me retiro em direção à pia. Dessa vez escuto o barulho da porta e ainda nem tinha encostado água nos pratos. Na verdade esperei para abrir a torneira e deixar a água fria cair, como se tivesse sido queimado e precisava daquilo. Precisava sentir o silêncio dele fora daqui, fora de mim, fora da minha possível história com ele. Ela nunca aconteceria mesmo, foi como tirar um band-aid de alguma ferida. Você acha que não vai sentir dor, só não percebe que a dor é tão grande que te deixa quase anestesiado.

* * * *

Meu orgulho durou exatamente dois dias, tempo suficiente para não me conformar e tornar Ricardo uma pequena obsessão. Não me iludo, sei que estou dando passos rumo a uma grande decepção. Simplesmente não consigo parar de pensar nas coisas que ele deixa de contar, que ele exclui de sua vida, que ninguém consegue chegar perto. Ele se parece tanto comigo, com esse aspecto medroso meu de não querer me machucar, mas há algo mais e minha única opção é entrar no covil do inimigo. Bia foi pouco elucidativa sobre o passado de Ricardo. A única pessoa que parecia conhecê-lo era meu irmão, e bem... Acho que nem se ele estivesse vivo

eu recorrería a sua ajuda. Será que Ricardo teria se aproximado de mim se seu melhor amigo ainda estivesse vivo?

A relação dos dois continua sendo uma grande incógnita. Maurício dificilmente seria capaz de aceitar um gay como amigo. Melhor amigo, então, estaria com certeza fora de cogitação. Será que ele mudou desde que resolvi sair de casa? Não sei nada sobre meu irmão, o que torna ainda mais difícil determinar se ele havia adquirido alguma maturidade. Talvez depois do casamento, com o nascimento do seu filho. As pessoas podem mudar... Caralho. Nem acredito que chego a pensar nisso. O Ricardo está mexendo comigo mais do que eu quero admitir. Maurício sempre foi um canalha e só porque eu descobri que ele tem um amigo – isso sim foi uma das grandes surpresas do ano – não significa que ele teve um coração, significa apenas que Ricardo pode ser tão filho da puta como ele. O que é um problema. Preciso saber se estou correndo atrás de alguém que não vale mais do que um punhado de moedas de um centavo.

Meus pais não são minha primeira opção. Mesmo voltando a conversar com minha mãe de vez em quando pisamos em terreno perigoso, sempre com palavras bem calculadas e alguma frase sobre o tempo. Não seria nada confortável tentar descobrir algo que envolva meu irmão. Meu pai provavelmente notaria algo de errado no meu comportamento, reaparecendo assim do nada. Preciso de alguém mais vulnerável para não perceber que tenho interesses ulteriores com minha visita.

– Nossa, que surpresa, Fernando! – exclama Amanda ao abrir a porta. Ela parece mais recuperada, os dias estão domando sua tristeza. Ela quase consegue esboçar um sorriso fraco ao me ver – não sei se verdadeiro. Acho que não tive nenhum contato muito longo com ela. Como vivia acompanhada de meu irmão, evitava sua presença por extensão. Sempre a achei um pouco tola, principalmente por escolher Maurício como marido. Algo nela é fraco e débil. Ela nunca se destacou com sua aparência, nem com sua personalidade – excluo sua inteligência, porque na maior parte das vezes que abria a boca era para concordar com meu irmão, em um papel patético de esposa escrava. Talvez exista alguém pulsante por trás de seu comportamento bajulador e submisso. Espero que esse alguém coopere com minha pequena investigação, mas antes de tudo é necessário uma boa desculpa para ganhar confiança.

– Estou tentando me reaproximar de minha família. Voltei a falar com minha mãe em bons termos. Acho que nunca dei muita atenção para você ou para o Renan – ela parece um pouco atônita, mas acredita. Em cada sílaba. Ajeita seu cabelo

castanho de chapinha atrás das orelhas e me guia até o sofá da sala. – Mas como você está? E o Renan?

– Ele está na natação. Achei que a melhor forma de tirar a cabeça dele da falta do pai foi ocupá-lo o máximo. Acho que não consigo fazer o mesmo – não comece a chorar querida, não agora.

– E quanto... A condição financeira de vocês? Como vocês ficarão a partir de agora?

– O Ricardo está cuidando do seguro... Do Maurício. Não consigo pensar nessas coisas agora. Acho que terei de voltar a trabalhar. Mas nada preocupante – seus dedos estão entrelaçados e ela os olha fixamente.

– O Ricardo tem ajudado bastante não é?

– Sim. Ele voltou em uma boa hora.

– Voltou? – tento não parecer muito curioso.

– Há muito ele e o Maurício não tinham um contato mais próximo. Ele viajou para os Estados Unidos ou algo assim.

– E o Maurício falava muito sobre ele?

– De vez em quando ele se lembrava de momentos que os dois viveram quando adolescentes. Coisas de moleque, sabe?

– Sei... – bem inútil. Acho que aqui terei tanta sorte quanto com a Bia. – Você está com uma cara de cansada, querida. Você precisa dormir um pouco – hora de sair para tangente e esquecer essa tentativa frustrada.

– Eu até tento. Estou dormindo em uma poltrona-cama no quarto do Renan. Sempre que entro no nosso quarto não consigo parar de chorar. Penso em fazer coisas horríveis... Eu amava muito seu irmão – sinto náusea. Não acredito que alguém ainda caia na lábia de Maurício. E ainda o suficiente para casar-se com ele.

– Calma, Amanda. Se tiver algo que eu possa fazer... – toco suas mãos e ela me encara com desconfiança. Acho que passei do limiar da veracidade e ela provavelmente deve achar que estou zombando de sua tristeza. Melhor sair enquanto não começo a ser atacado pela viúva masoquista.

– Sabe... Não tive nem coragem de pegar as coisas do Maurício no Hospital. Depois da perícia no carro, eles acharam algumas coisas e as deixaram lá. Seus pais me pediram... Eu não consegui encontrar forças. Eles ligaram novamente avisando que começariam a doar os objetos que já estavam lá há muito tempo. Você poderia pegá-las? – Droga! Sou um melhor ator do que eu imaginava.

– Mas o que devo fazer com elas? – vamos lá garota, me livre dessa, pense que é algo demais para pedir para o irmão veadinho de seu marido. Ele me odiava, por que você iria pedir algo assim justo para mim?

– Jogue fora. Sei lá. Fique com você. Não queria que seus pais pensassem que deixei de fazer isso por negligência. Faça o que você achar melhor – pertences de um defunto. Tudo deve estar ensopado de sangue no mínimo. Que festivo! O Halloween vai chegar logo, quem sabe não posso aparecer na casa de meus pais vestido de Maurício morto-vivo, coçando meu saco e com alguma prostituta bem barata.

– Claro que posso. Não se preocupe – esboço uma carícia em um de seus dedos.

– Acho que você realmente mudou, Fernando.

Pronto. Mais uma busca em vão. Não consegui descobrir muita coisa, além de que a Amanda continua parecendo a mesma mosca-morta de sempre. Não devo encontrar nada sobre Ricardo nas roupas destroçadas do meu irmão. Nem sei por que me resigno a ir ao hospital para buscar esse pequeno tesouro sentimental. Eles provavelmente já devem ter mandado tudo para um incinerador. Mais uma vez Maurício deve estar gargalhando em sua nova casinha no inferno. Fernando foi subjugado e está obedecendo às vontades de seu sádico irmão, mesmo com ele já morto, um cachorrinho, sinto-me um pouco como o Ricardo agora e tenho vontade de bater em algo.

A única opção que me resta é procurar algum tipo de orgulho, qualquer um,

esquecer aquele incubado e partir para a próxima. Por que fui me deixar levar por algo que parecia tão fugaz, eu nunca saberei. Nem me reconheço indo de um lado ao outro obcecado por esse estranho. Ele sempre continuará nessa condição. Você não merece mudar tanto por alguém que não faz o mesmo esforço. Laissez faire, laissez aller, laissez passer, mon cher.

Preciso ligar para os outros terços de minha trindade pessoal, a minha Távola Redonda, hoje eu preciso de balada, preciso enterrar finalmente Maurício e viver um pouquinho dessa conquista para a humanidade. Refestele-se, mundo! Um filho da puta deixou de viver, suas maldades acabaram. Uma rodada de tequila para todos!

RICARDO

Você está igualzinho a ele. Cada dia você chega a pronunciar as mesmas palavras que calaram sua vontade de ser feliz. Você está feliz? Há algum prazer em matar cada oportunidade de ter uma vida como a de qualquer ser humano normal? Por que ser gay precisa ser algo tão diferente e difícil pra você, Ricardo?

Ele gostava de você. Ou pelo menos parecia. Ele estendeu uma mão e você simplesmente viu um pulso que desmunheca. Você só consegue enxergar nele os medos que você enraizou em cada um de seus atos. Sua visão nunca estará limpa. Tudo que você vê são erros que você não pode aguentar, não deve suportar a fim de continuar sendo... Homem? Que tipo de homem é tão covarde? Quem viveria todos esses anos escondido?

Mas os dois não são iguais. Você morrerá esperando por uma nova chance, não é? Mesmo te rejeitando ele sempre será aquilo que você busca nos outros. Fernando não é o suficiente. Ele não é homem o suficiente. Ele não é hétero suficiente. Você nunca poderá apresentá-lo para sua mãe. Suas mãos nunca poderão se encontrar fora de quatro paredes. Cada palavra terá de ser pensada quando vocês estiverem juntos. É tudo o que você pensa não é, Ricardo?

Eu nunca seria capaz de quebrar nenhuma dessas regras. Elas são pedra, elas são lápide. Talvez morram comigo. O que Fernando viu em mim? Ele não abandonaria seus princípios para ficar comigo. Não entregaria sua liberdade em troca de sexo. Eles são tão diferentes.

Levanto da cama. Minha cabeça dói. Vou ao banheiro e ligo as luzes. Que horas são? Perdido, lavo meu rosto. Quem vai te encontrar aí, seu filho da puta? Quem vai te encontrar se você não se atreve a sair? Ele ri. Nomeio tudo que está em cima da pia e penso que um banho ajudaria. Passo a mão na barriga, coço meus pelos pubianos e encontro meu pau duro.

Minha cabeça vai até o Fernando. Sua bunda... Sua pele... Posso sentir o cheiro do seu pescoço, o calor das gotas que se formam em suas costas quando o como de quatro. Seguro firme o suporte da toalha. Começo, fecho os olhos, molho os lábios.

– Quer dizer que você gosta de uma rola, né?

Cuspo na mão e continuo. Com força e sentindo apenas o fim. A força com que tudo se encaixa. Respiro pesado. Ele cola sua vontade no meu cabelo.

– Então você vai tomar no cu, seu veadinho.

Sua mão na minha coxa, minha mão no meu pau. Uma dor. Várias dores. Murmúrios, gemidos se encontram. Não quero parar. Aperto mais, vou mais rápido, perco o chão, ele pede mais, eu perco tudo, acabamos divididos. Minha mão começa a doer, mas nada vem. Nenhuma satisfação. O chão recebe meus joelhos, encosto minha cabeça na pia. Tento de novo, cuspo de novo, bato novamente, sinto dor e peço para parar. Mas preciso fazer isso. Preciso dele, preciso disso.

Segure-me. Quero esse contato. Se eu parar, tudo sumirá como começou. Sinto um toque, sinto cheiros, mas não sei mais se dele. Preciso gozar. Esparramo-me pelo chão, esparramo-me branco. Ofegante, caio encostado na parede. Nada. Ficarei assim, me desperdiçando no chão, aprisionando minhas tristezas e mais nada. Nada para compartilhar, nada para viver. Só grandes desperdícios. Pego minha porra e passo nos dedos. Que horas são? Você acha que vai se achar aí, nesse fluído branco?

Uma lágrima, depois outra. Agora você consegue chorar. No fim. Quando não há mais nada para perder. Quando você vai aprender que ele te matou? Você só está percebendo que pertence ao mundo dos mortos agora. Chore. Coloque uma moeda na sua testa e espere do lado do rio a que você pertence. Chore. Encosto meus dedos na boca. Como posso dar vida? Sou estéril. Sou porra jorrada, nada mais. Quando foi que você deixou de ser? Quando você parou de se importar em ser uma pessoa para pensar nas outras pessoas? Temê-las? Excluir-se por elas?

Deito no chão fico sentindo meu gosto insípido, minha vida insípida. Gostaria de apagar a luz e dormir. Mas minhas lágrimas me tiram o que resta de força. Eu deixei tudo escorrer, esquecer, apagar.

Ele é um veado, apenas um veado. Olhe para você. Você está aí. Durma. Acorde e prove que é homem. Esqueça essas lembranças, essas cicatrizes. Você sabe quem você é. Não deixe aquele veado de merda te confundir. Durma.

Você já não está mais comigo. Nunca esteve.

Solução ainda um pouco antes de fechar os olhos. Doem. Queimam. Gostaria de pensar que tudo vai mudar dessas lágrimas em diante. Mas não vai. Sempre seremos antagonistas.

FERNANDO

Corredores. Lá vamos nós de novo aos corredores de hospital. Ainda não consigo acreditar que estou aqui para fazer um favor, que, no final das contas, me conecta ao Maurício. Estou amolecendo. Esqueci que somos inimigos, o passado não me cutuca mais mostrando as lições que aprendi com todas as suas maldades, das menores até as mais marcantes.

Mas não seria a primeira vez que faço um favor para aquele merdinha. Espero na recepção para saber se guardaram os pertences do meu irmão antes de ele ser internado. A enfermeira me reprova com um balançar de cabeça e apenas levanto uma das minhas sobrancelhas como um chicote mandando-a de volta para os seus afazeres. Era isso que Amanda mais temia, parecer um parente negligente. Sorte minha que isso nem passa perto de me atingir.

Olho para o fim do corredor. Essa cena não me é estranha. O que será que passou pela cabeça dele quando ele chegou aqui? Ele tinha consciência de que sua existência tinha sido reduzida apenas a um corpo cheio de feridas? Cortes, hematomas e hemorragias incuráveis? Ele se arrependeu? De ter dormido ao volante, de não ter descansado antes de voltar pra casa? De ter trabalhado menos? De ter humilhado menos seu irmão mais novo? Provavelmente não. Como sempre ele não pensou em ninguém.

Eu estava em casa sozinho, lendo um livro, quando ouvi um barulho na sala.

“Pai!”, era a voz de Maurício, que teoricamente deveria estar em um churrasco. Meus pais tinham saído com minha irmã, e eu fiquei em casa lendo. Teoricamente. Na verdade estava em frente ao computador em um chat de imagens pornográficas tentando aproveitar meu tempo solitário. Não surpreendentemente, alguém sempre chega na hora que você está prestes a gozar ou quando o cara mais tesudo da face da terra aparece em pixels na sua frente.

Saí do quarto colocando tudo nos devidos lugares – o pau na cueca e navegador em algum site permitido para menores – para encontrar Maurício caído no chão, quase que dormindo e babando. Não entendi a cena e conclui que ele estava bêbado do churrasco.

“Eu estou sangrando. Eu estou com uma hemorragia”.

“O que foi que aconteceu, Maurício?”, na época ainda existia um pouco de preocupação. Quase se contorcendo em uma posição fetal, ele segurou o próprio pé. Abri seus dedos com facilidade e encontrei um pequeno corte, perto do dedão. Toquei no pouco sangue que escorria e ele gemeu como um bebê.

“A gente precisa ir para um hospital”, ele começou a se levantar para sentar. “Preciso parar com essa hemorragia.” Dei risada e apenas disse que ele estava bêbado. “Eu pisei em um caco de uma garrafa que caiu no chão”, respondeu quando lhe perguntei sobre a ferida, tão enorme a sua visão distorcida de homem bêbado. Esperaríamos pelos meus pais enquanto limpava o local e o deitava na cama. “Não podemos. Tô perdendo muito sangue... Pega o meu carro... Vamos pra um pronto-socorro.” Dei risada e ele simplesmente apertou meu pulso. “Só posso contar com você, irmão”, seus olhos eram febris, estavam vermelhos e foi o único dia que vi meu irmão tão vulnerável, tão dependente. Assustei-me com a reação e calmamente aliviei a pressão de sua mão.

“Ok, vamos.” Eu nem tinha carteira de motorista. Mas era uma das coisas que meu irmão não poderia usar contra mim. Sempre dirigi melhor que ele, desde o dia que meu pai resolveu nos pegar moleques para dirigir na praça à frente do nosso prédio como algum ritual de passagem masculino. Todo garoto precisa ir para trás de um volante para se sentir mais homem, se sentir mais como meu pai. Adorava assustar meu pai acelerando o carro antes de estacionar de forma perigosa. Segurei Maurício apoiando seu braço sobre meus ombros. Ele estava de regata, e todo o caminho até o carro tive de aturar seu cheiro de suor. Hoje não consigo imaginar como ele poderia ter tantas características de um ser humano crescido e não ser maduro, ser apenas mais um covarde masculinizado, endurecido.

Chegando ao hospital, deixei que a enfermeira e o médico cuidassem do resto enquanto preenchia sua ficha. Uma sensação de dever cumprido foi inevitável, e sinto vergonha em admitir que em certo ponto achei que esse evento bobo mudaria meu irmão completamente, que ele veria como suas pirraças de criança eram tão tolas quanto seu porre. Avisei meu pai, que chegou exatamente depois que Maurício recebeu uma vacina contra tétano. Ele ofereceu o braço ao meu irmão que mancava com o pé enfaixado. Tentei fazer o mesmo. Maurício afastou o braço e olhou em aviso: afaste-se. Ele saiu pela porta olhando para baixo. Balancei a cabeça e suspirei. Sabia que não seria diferente. Por mais que eu o tivesse ajudado, sua vergonha continuava maior, vergonha de ter um irmão gay e ser ajudado por esse irmão. Por

mais simplório que seja o caso.

A enfermeira traz um saco de plástico lacrado.

– Parece que você deu sorte.

– Só porque não perdi um saco de roupas ensanguentadas e rasgadas? – falo em tom sarcástico.

– Não. Já jogamos essa parte fora. Encontramos um celular e dinheiro dentro da calça – ela sorri triunfante.

– Para quê um saco tão grande, então? – assino um papel, exacerbado de ainda estar aqui. De ter imagens tão vívidas de meu irmão escondidas por debaixo do pó de meu desprezo. Antes de sair rapidamente pela porta, sinto o olhar da enfermeira perfurar minhas costas. Nada de dor, querida, nada de perda aqui em mim, eu não perdi nada. Para que? Olho pela última vez o corredor e lembro dele sentado com sua pasta, da minha mãe gemendo, do meu irmão desviando o olhar naquele outro corredor, em outro hospital, em outro tempo, me dando mais alguns motivos para odiar corredores e sua falta de vida. Para que chorar por um irmão que nunca esteve lá? Ele só foi um conceito apenas. Nem quando fui irmão ele conseguiu fazer o mesmo. Macas passam, cadeiras de rodas, soros pendurados como lâmpadas chinesas, caras de alívio, de dor e sentenças de morte distribuídas como senhas. Quando entrarei na fila? Que lugar um desses corredores me reservará?

Entro no carro e paro um pouco. Acho que não vou conseguir encontrar um maço de cigarros em uma das máquinas desse hospital. Quero me tragar um pouco. O saco fica parado me encarando do banco do passageiro. Está aí sua herança, Maurício, sua cuidadosa lembrança deixada para mim. Seu carinho fraternal em um celular vagabundo e alguns trocados que você deixou de enfiar na calcinha de alguma stripper. Batuco meus dedos no volante tentando lembrar para onde devo ir. Não devo nada. O sol começa a fazer sua cara de saco cheio, vermelha e laranja sobre os prédios dessa cidade chata, parada e sempre a mesma. E eu aqui, sentado com os restos mortais de alguém que nunca conheci, que nunca me conheceu.

Lembro-me dele sentado com sua maleta.

E de sobra ainda ganhei dele um interesse amoroso que não é amoroso, nem

interesse. Maurício também trouxe isso cuidadosamente para minha vida, outro carinho que nunca poderei ter. Penso em abrir o saco, mas qual o propósito? Só dinheiro e um celular. Eu deveria ligar o carro e partir, meus dedos continuam batucando, meus olhos continuam esperando o sol cuspir seus últimos raios de escárnio sobre as cabeças quentes de cada ser mundano aqui embaixo. Olho fixamente sentindo meus olhos queimarem. Algo em mim quer gritar e quando as lágrimas chegam é o que quero realmente fazer. Mas qual o propósito?

Ele não ouviria.

Ele não ouviria que o odeio por tudo, tudo que ele me fez e deixou de fazer como irmão; como eu odeio saber que estou apaixonado pelo seu melhor amigo e acabo sendo tratado da mesma forma. Se Maurício estivesse aqui ouviria gritos e receberia socos, porque é a única coisa que ele merece. Choro convulsivamente batendo meus punhos fechados no volante. Desejo com todo o ódio do meu ser que ele estivesse vivo, vivo por alguns minutos, poucos minutos esses, não para abraçar meus pais, não para reprovar as roupas de minha irmã, não para beijar e foder rotineiramente sua mulher insossa, não para beijar a testa de seu filho. Eu queria o Maurício vivo para cuspir em sua cara e dizer que ele arruinou todas as minhas – as únicas – chances que eu tive de me tornar uma pessoa comum e feliz. Todas as chances de amar sem medo e de me entregar sem amarras; de me expor sem ter que sempre pensar na próxima luta; tudo isso com minha mais espumante e lisérgica raiva, minha dor mais profunda e intransferível. Diria tudo isso nesses poucos minutos, nesses minutos de gloriosa e fugaz justiça, apenas para depois matá-lo com minhas próprias mãos.

Choro. Já é noite fora do carro e escuro aqui dentro, frio e só. Os soluços passaram e a lua já empina seu nariz crescente. Esse volante conhece mais lágrimas minhas do que eu mesmo. Penso que isso deve ser um bom começo. Expurgar tudo “maurícico” da minha vida e isso o inclui. Ele e sua pasta.

Só restaram um celular e algum dinheiro. Hora de deixar tudo para trás e enterrar até os restos. Jogo o saco fofo e quase vazio para trás, saio do hospital cantando pneus e deixando todas as lágrimas para os corredores.

– Então o incubado está realmente fora de jogo? – Lalá pergunta virando um pôster horizontal de uma revista pornográfica gay e fazendo cara de espanto.

– Faz alguns dias que não nos vemos ou falamos. Segundo a Bia suas visitas também têm rareado – estou deitado com a barriga para cima passando meus dedos pelo cabelo.

– Isso significa que ele está no mercado – Dudu tenta começar o DVD sem muito sucesso, quase se irritando com o controle remoto.

– Pode ficar à vontade, Du. Ele provavelmente é o seu par perfeito. Sexo casual até onde a vista pode alcançar – ele aperta minha barriga e sorrio.

– Desde quando virei essa máquina de fazer sexo sem sentimentos? – Lalá para de se concentrar nos diversos “tamanhos” expostos nas páginas da revista na sua mão e olha intrigada para Dudu.

– Hã... Desde sempre? – falo dando risada. Ele fica sério, mas explode em risadas logo em seguida.

Mais uma noite com a Távola das Mariconas, conversas estimulantes, algumas vezes vazias, projetadas para o divertimento leve e descomprometido. Assuntos importantes quase nunca entram aqui, já que os três têm um pouco de medo de falar de seus fantasmas. Esse é o nosso santuário de segurança máxima, uma amizade que exclui reprovações e julgamentos. Mas não consigo deixar de pensar que às vezes é exatamente disso que precisamos. Precisamos discutir, conversar mais, nos abrirmo. Acho que isso foi algo que sempre faltou aos três, dar o primeiro passo para falar de si e com sinceridade e sem medo.

Acho que é demais pedir isso quando nos encontramos rodeados pelas mais diversas fauna e flora de produtos pornográficos, de revistas a DVDs, passando por um consolo que a Lalá trouxe em forma de ursinho. Imagino quem seria o sortudo a levá-lo para casa depois que tudo acabasse. Enquanto isso, tomamos mais cervejas, fumamos mais cigarros. Na verdade a Lalá fuma. Engraçado que ainda me mantenha na mesma abstinência de cigarro quando ainda ficava com o Ricardo. Acho que essa conquista foi maior do que a perda do sexo ocasional. Sinto uma ponta de orgulho. Virei um grande chato agora, sem meus indefectíveis cigarros mentolados. Bebo mais por causa dessa maldita síndrome da mão boba. Não posso ficar sem nada em

minhas mãos. Portanto, ou fumo ou continuo a virar mais e mais litros de cerveja. As latinhas não param de chegar.

– Todos solteiros! Precisamos celebrar isso – Lalá quase grita de entusiasmo segurando sua própria latinha. Onde estava mesmo? Acho que meus olhos começam demonstrar o quão bêbado já estou ou estou ficando cansado. Não sei. Acho que concordo o mais efusivamente que consigo. Acho que realmente vamos para balada. Que horas são?

Olho para minha geladeira cheia de latinhas. Uma leve mudança de das garrafas de água para cerveja. Nada mal, penso, de sódio para cevada. Acho que isso deve ser algum aprimoramento na escala de solteiros incorrigíveis e preguiçosos. Eu tenho certeza que havia um pote de maionese em algum lugar por aqui. Por que estou procurando a maionese está entre as perguntas que dançam ao som da música que o Du coloca no meu aparelho de som. O que devo vestir para comemorar? Saio do conforto frio da geladeira com mais uma companheira de alumínio. Du e Lalá dançam freneticamente na sala em algum tipo de ritual pré-orgia moderna. Baco ficaria espantado – e orgulhoso. Os dois estão com peitos nus, e quando digo os dois incluo os singelos seios de Lalá, pequenos, desnutridos. Não consigo dizer se propriamente feios, mas pedindo comida. Du contrai seu belo abdômen, flexiona braços numa dança digna de um gogo boy de segunda. Ele é realmente muito gostoso, mas tão banal. Quem vai ir dirigindo o carro? Pegar um táxi seria mais prudente. Beber menos seria mais prudente.

Caralho. Você está solteiro e feliz. Gole de cerveja. Ele não presta. Gole de cerveja. Ele é uma desculpa esfarrapada para um homem de verdade. Gole de cerveja, mais um gole. Você tem mais é que comemorar, beber até cair, beber até acabar na cama com um estranho. Risos. Acho que já fiz tudo isso com menos motivos, então hoje eu realmente mereço, acho que realmente mereço beber a mim, à toda a beleza da minha solteirice. Quando penso em tudo isso, já estou também na pista de dança improvisada, também sem camisa. Tomara que sobrevivamos para chegar a uma balada de verdade. Sinto o hálito do Du no pescoço. A Lalá diz que vai acender um cigarro. “Não comecem sem mim, garotos.” Rimos. Imito alguns dos passos do Du. Sou tão pequeno em comparação a ele. Acho que deveria começar a tomar todos esses suplementos que ele vive engolindo. Uma dieta de beleza, uma construção do desejo dos outros, uma dieta egocêntrica e prazerosa, uma dieta estética de padrão. “Você está bêbado pra caralho, Fê!” Lalá volta do quarto com o cigarro já aceso, espalhando cinzas pelo caminho. Ela senta no sofá e nos observa como se realmente sentisse algum tesão. Lalá sempre foi meio assexuada, ela sempre foi magra, foi tudo que ela conquistou na vida ou pensa que conquistou. Eu deveria

conversar com ela a respeito disso um dia, ela merece ouvir algumas verdades. Cara, quantas cervejas nós compramos? Sinto que a minha já está quase vazia. Nova música, mesmo ritmo, quase mesmo ritmo. “Pode ficar tranquilo, Fê, compramos o suficiente para a sua sede. E sua sede de amanhã e a de depois também.” Risos. Quanta alegria. Também rio. Volto para geladeira. Du começa a tirar a bermuda em um tipo de striptease afetado. Acho que deveria falar isso para ele, que o número de caras que ele come não o torna mais homem. Cambaleio o caminho inteiro e fixo meu olhar no chão para tentar não cair. Não seria a melhor das imagens começar minha celebração caído e sonolento no meu próprio apartamento.

Abro a geladeira sem preparo e cego meus olhos com tantas reflexões. Quanta luz.

* * * *

Quem disse que tudo realmente começou depois que se fez luz não estava brincando. Quanta luz. O laser, as luzes frenéticas e inconstantes, os brilhos e cores alternados. Quanta luz. Quase não consigo enxergar as pessoas em volta. O copo de álcool e frutas quase decantado guarda as memórias que nunca lembrarei desde o momento em que entrei aqui. Consigo enxergar a marca dos meus lábios no vidro do copo. Pisco vagorosamente, em câmera lenta. Tudo parece rodar em uma velocidade mais lenta e acolhedora. Espero não estar babando ou com uma expressão dopada demais. Com certeza não devo estar muito atraente ou convidativo. As danças de peitos nus ficaram para trás, em casa. Onde está o Du? Ele disse que iria procurar a Lalá, algo sobre ela não estar passando bem. Que horas são? Seria pedir demais por relógios grandes presos às paredes das baladas? Relógios fashions para não quebrar o clima de curtição do ambiente, mas ainda assim, relógios. É impossível ver o tempo passar, mesmo nesse passo mais lento de bebedeira. Essa caixa de tanta luz. Essa caixa mágica de música e sentimentos psicodélicos e passageiros. Quanta gente feia! Só agora noto que devem me olhar como o peixinho fora d’água. Dou um gole na minha bebida de gelo derretido, os movimentos são suaves, quase tudo é imperceptível, como a mão daquele cara entrando na cueca do rapaz que ele está beijando. Ou aquela menina tomando uma bala dada por um traficante de classe média. A feiúra, porém, é gritante. Que porra nós viemos fazer nessa balada? Homens de sunga dançam em palcos por toda a pista. Acho que as danças dos peitos nus não ficaram muito distantes. Estamos numa versão cara de nossas brincadeiras. Viemos nos expor, gritar por atenção. Onde está o veado do Du? Chupando alguma

rola no banheiro. Aposto que ele deve estar gastando um pouco de sua saliva, um pouco de sua beleza, um pouco de sua superficialidade, gastando tudo. Isso é que são amigos. Onde está a Bia? Ela não deveria estar aqui, tudo pisca, brilha, volta e revolve. Sentado, estou olhando para a marca dos meus lábios que nunca mudam no copo. A Bia não veio, Fernando. Pare de pensar besteiras. Tente se divertir. Se mesclar, desaparecer.

Batuco os dedos no balcão do bar. Minha bunda dói. Estou sentado e tudo passa e volta rebobinado. Um cara me pede um cigarro. Eu não fumo querido, mas bem que gostaria. Um cigarro, uma última dança, uma última chance. Estou tão patético quanto o Ricardo pensa. Por que me lembrar dele justo agora? Sorrateiros são os pensamentos nessa balada. Apesar de tanta luz, tudo é tão escuro quanto minha falta de ação. Devia voltar para casa, devia amar outra pessoa, devia esquecê-lo. Não adianta esperar que... Meu celular vibra, o som vibra, minha cabeça dói, meu corpo cansa, ele me cansa. Acho que deveria trocar de corpo, de vida. Quem diria que uma balada poderia ser tão reveladora e tão chata? O telefone para. Nada para realmente, tudo tem que continuar, você tem que continuar sem ele. Quão bobo é pensar em algo tão enterrado, tão morto. É como ainda pensar no Maurício. Já se passaram tantos dias. Eles te chamam de drama queen por um motivo, querido, você nunca consegue largar a mão de ser assim.

Quando foi que comecei a substituir minha lucidez por copos de ilusão? Doses homeopáticas de negação. Meu celular vibra novamente. Como fui acabar assim tão desolado, inconsolável? Quando foi que ele conseguiu me atingir tão fundo? Aqui as variáveis deixam de existir. Sinto-me mais humano do que nunca. As vibrações param. No visor, Lalá aparece como uma ligação perdida. Onde foi se meter o Du? Ele deveria ter achado a Lalá. Deixo meu lugar no balcão e parto em busca dos meus amigos sumidos.

Pessoas se esbarram, se chocam e trocam sussurros libidinosos. Estamos na GoGo, um mercado de carne humana autointitulado casa noturna. Pessoas vendem ilusões com seus corpos sarados e mamilos protuberantes. No primeiro e segundo andares, música e pistas amplas de dança. No terceiro, a escuridão e conforto de um cruising bar. O Du deve estar exatamente nele. Passando de cabine em cabine em busca de mais um homem. A fumaça é ofegante e os pensamentos também ofuscam. As luzes não cessam e os passos doem. Subo as escadas sem perceber que estou chegando a algum lugar. Veado imprestável, ele não consegue pensar em outra coisa a não ser sexo. O cheiro de suor me tenta a fazer meu próprio passeio. Atravesso as portas duplas para um submundo de correntes, gemidos e barulhos de tapas. Muitos se divertem e todos vestem expressões sérias e sisudas. Nada de sorrisos e flertes

despropositais. Escolha sua vítima e a leve para uma das cabines. Glory holes para os feios, tímidos ou preguiçosos. Telas exibem o melhor da sétima arte pornô. Passeio por esse labirinto sem o olhar fixo. Alguém esfrega sua mão no meu saco. Viro-me.

Ele está parado ali, seu olhar segue os homens que passam até encontrar os meus olhos. Sua boca se abre. Meus olhos dilatam. Ricardo. Rejeito a visão virando meu rosto para o chão. O Ricardo em um cruising bar. Deveria me espantar? Deveria me irritar? Olho novamente e ele começa a dar passos em minha direção. Ele parece assustado. Foi pego no ato. O que ele tem a esconder? Apoio minhas costas na parede negra, ainda observando toda a imundice do chão.

– O que você tá fazendo aqui, Fê? – Du me pega de surpresa saindo de uma das cabines próximas e fechando o zíper. Meu celular vibra novamente. Sinto-me enjoado. Atendo a ligação.

– Estou enjoada – a voz de Lalá é fraca. – Vocês podem vir me buscar aqui... Aqui no banheiro?

– Você não deveria ter achado a Lalá, porra? – pergunto furioso para Du que não sabe o que responder. Passo rapidamente por Ricardo colidindo nossos ombros no caminho. Ele diz algo. Não escuto. Du me segue. Estou irritado pra caralho. Tomara que ela não esteja tão ruim. Por que tínhamos que ficar tão divididos? Lalá mal se alimentou antes de começar a beber e agora bebeu tanto que deve estar ensopada no próprio vômito. Esperar o pior seria o melhor a fazer nesta situação. Volto para o mundo das luzes com o Du gritando e me chamando. Não dou atenção. Perdidos estamos todos, trocando pele morta e poeira em olhares sem propósito e palavras sem sentido.

Entro no banheiro feminino, que na verdade é unissex. Ela está jogada encostada em uma das cabines, a porta semiaberta. Um dos saltos está quebrado, segura seu celular. Mandara diversos pedidos de socorro e eu ignorei, preso em minha busca egocêntrica por algum sentido em um relacionamento que nunca existiu. Agacho-me e seguro seu rosto sujo com restos de vômito e maquiagem borrada.

– Lalá. Fala comigo, amiga.

– Estou mal pra caralho – fala sem nem abrir os olhos. Du chega e se assusta com a cena.

– Precisamos levá-la a um hospital, porra – grito. Ele continua com cara de paspalho esperando ordens mais precisas.

– Desculpa dar esse vexame todo...

– Me ajuda a carregar ela pra fora daqui – continuo a gritar para forçar Du fora de um aparente estado de letargia. Acho que fiquei sóbrio de uma hora para outra, é quase instantâneo. Consigo distinguir as palavras pronunciadas na música; consigo enxergar tudo. Pegamos Lalá, apoiada nos nossos ombros. Du segura seus saltos. Na saída esbarramos em Ricardo. Ele olha assustado e faz menção de falar algo.

– Sai da frente, merda – digo irritado. Acho que meu desespero aflora quando sinto Lalá mais mole, mais fria. Sinto medo de não saber o que fazer, de quem chamar, para que hospital ir. Lá vamos nós de novo. Recomeçar o drama. Voltar ao drama do Ricardo com apenas um encontro casual como esses.

Quando dou partida no carro, Du está no banco de trás com Lalá e vejo Ricardo parado na porta da balada me observando partir. Sua expressão parece diferente. Será que ele está diferente ou a situação apenas o assustou? Não faço nada mais além de ignorá-lo e partir correndo para mais uma visita ao hospital.

* * * *

Qual o propósito de mentir? Tudo se cala e afunda aqui. Roço as pontas dos dedos no chão, agachado e quase me ajoelhando diante de tantas mentiras sujas e mesquinhas. Com tantas visitas a esses corredores pensei que tudo melhoraria, e começaria a achar tudo mais agradável e suportável. Quanto tempo perdemos com mentiras? Meus dedos coçam, minha garganta arranha, meus olhos vermelhos não piscam e ele tem medo de pronunciar uma palavra. Du sabe que o culpo, que me culpo, que me flagelo ao ver o fim do corredor em que Lalá sumiu. Tudo some e você só se sente seguro quando retornam. Um pequeno buraco negro esses corredores de hospitais. Minhas pernas perdem sangue e dormem nessa posição.

Meus dedos dançam e minha cabeça dói na orquestra que os embalam. Não quero sentar nas cadeiras uniformes. Não quero encará-lo do outro lado para torná-lo apenas mais um saco de areia.

Mentiras compram vidas felizes, vendem-se fácil nesse mercado humano. Cativam-nos facilmente. Nós três falávamos a língua do silêncio esse tempo todo. Até nossos olhos usavam máscaras que choravam copiosamente com o tempo que escorria pelas nossas bocas em forma de mentiras. A culpa aponta seu dedo e escolhe vítimas. Um pequeno genocídio. Uma mistura de hospital e igreja, isso sim. Esse corredor é um pequeno purgatório. Todos são. Corredores de hospital são confessionários e juízes. O que você faria se este fosse o lugar de seu último suspiro? Hora de fazer suas orações, pedir perdão ou sair correndo daqui. Aqui não se vive, se espera. E quando você acha que a tristeza é a pior coisa que pode pesar no seu corpo ou curvar seus ombros, ela chega sorrateira carcomendo sua razão, cuspiendo no seu rosto.

Não noto quando ele chega. Meus olhos se movem para o infinito de portas, esperando a maca de Lalá que não retorna. Ele para, me encarando. Seus olhos pesam e chamam e gritam para que eu me enfureça. Ela chegou. A raiva de sempre e companheira. Ricardo está ali. Para e hesita. Sinto seu cheiro de incompletude, sinto seu cheiro de possibilidades pútridas. Meus olhos marejados o recebem. Olho seu corpo inerte, suas atitudes inertes, na mesma moldura hospitalar, sua cara de paspalho e covarde esperando meu primeiro movimento. A raiva dá o primeiro passo, revolve e traga e destrói tudo à sua volta. É melhor você começar a correr.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto seco e árido da minha posição. Ele gagueja, balança as mãos em gestos tépidos. Olha para o chão. Levanto-me bruscamente. Puxo sua camisa e o arrasto para fora da emergência. – Não sai daí – grito ao ver Du me acompanhar em direção ao estacionamento perto da entrada. Empurro-o com força e espero uma reação. Mas seu olhar continua com a mesma culpa, estende os braços. Seus olhos fedem a medo. – Eu não vou repetir.

Ele gagueja novamente. A raiva esquenta, ela ferve, ela devora tudo por dentro.

– Quando foi a última vez que você cuidou da sua vida? – vocifero. Ele fica sem resposta. – Só para variar – gesticulo. Sorte que a emergência está pouco movimentada. Provavelmente atacaria todos. A raiva atacaria.

– Calma, Fernando...

– Calma o caralho! Por que você sempre tem que voltar a aparecer na minha vida quando você mesmo não quer!?

– Eu só vim ajudar – empurro-o novamente, ele tropeça.

– Sempre ajudando, seu bom samaritano de merda! Quem disse que eu preciso de ajuda? Eu tenho cara de que precisa da sua ajuda? – ele é igual ao meu irmão. Mais um covarde no mundo. Mas um homem pusilânime, calado. Covardes. Grandes filhos da puta. Quantas pessoas vão ter que aguentar gente como eles? Um já foi. – Você apareceu do nada para fazer sua boa ação como amigo. Mas o Maurício já está mais que morto – nem sei quantos decibéis tem meu tom agora. Não choro mais. Estou seco. Lalá está em algum lugar branco, que a encolhe, que a engole. Estou perdendo minha amiga enquanto discuto com essa sombra de ser humano. – O que você ainda está fazendo aqui?

A resposta seria muito fácil. Mas não é. Ele engasga. Ele hesita. Ele não consegue digerir tudo. O ar é denso e a manhã começa. A luz não consegue aquecer o frio que emana dos meus olhos estáticos, dos meus punhos fechados. Um vento corta o silêncio e há cheiro de chuva. Meu rosto contraído e proceloso está pronto para relampejar e levar e lavar tudo à volta. Como pude deixar me atingir por ele. Como fui me apaixonar por tudo que desprezo? Tudo que eu desprezava em meu irmão.

– Acho que você ainda está irritado com...

– Com o quê? Nós não tínhamos nada. E a raiva que gastei com isso se esgotou. Ela foi sepultada dias atrás. A raiva que existe agora é pelo fato de você continuar me perseguindo.

– Eu não tive culpa de estar naquele lugar...

– Culpa de estar chupando uma rola quando me viu?

– Pare de me agredir – o seu tom ainda é calmo. – Não tenho culpa de nós termos nos encontrado naquele lugar.

– E você tem culpa por estar aqui? – ele passa os dedos pela cabeça. Uma gota de suor evapora em sua testa. – Você ao menos conhece a Lalá?

– Eu não preciso conhecê-la. Toda a situação me preocupou.

– Então não se preocupe. Ela tem quem cuide dela. Diferente de você, ela tem alguém – o que estou falando? Se ela realmente tivesse, ela não estaria aqui. Somos amigos-brinquedo. Nada mais. Damos prazer, damos alegria. Mas não fomos criados para compartilhar dores. Problemas nos entediam. – O que você tem, Ricardo? – O silêncio dura pouco, meus passos começam a falar e ando em direção à entrada, ele faz menção de me seguir, mas novamente sua coragem falha. Meus pés dizem para que ele não me siga. Cada parte do meu corpo grita para que ele fique longe da minha vida. De uma vez por todas.

Du espera perto da porta. Provavelmente viu tudo. Ele não fará nenhum comentário. Somos amigos de palavras boas, as palavras ruins nos machucam facilmente. Do que adianta punhos de pugilista se nossa pele fica marcada como papel com cada palavra desagradável que ouvimos? Somos folhas brancas, puras, não queremos nada maculando nossa história. Lindas folhas de papel, sem dor, sem pensar em dor. Quero uma caneta agora, é hora de começar a escrever algo nessa história de amizade.

Volto para minha posição, agachado e com dedos dançando sobre um chão frio. Du também retorna ao seu lugar de amigo culpado e preocupado.

– Se você deixar isso acontecer de novo com ela, eu acabo com você – ele se assusta com o som gutural de minha voz. – Espero que você faça o mesmo comigo.

Tenho medo de perder, sempre tive. Perder nunca foi nem nunca será algo que eu aceitarei facilmente. Observo tudo à volta e sei que é um luxo perder, perder sem se ferir e se marcar. A possibilidade de perder Lalá não me assusta. O fato de não aceitar isso tornará minha dor maior ainda. As dores são grandes demais para esses corredores. Recuso-me a perder alguém que realmente importa entre essas paredes. Entre corredores de hospital.

Minha testa esquenta sobre meus joelhos. Perder nunca foi uma possibilidade no meu mundo. Tudo começou quando perdi minha infância e adolescência sendo uma pessoa que não era. Eu perdi essa pessoa. Aquele Fernando. Tolamente peço

que esta seja a última vez, última vez que sinto uma angústia ácida no estômago, um calor frio e arrepios calados. Ouço uma pulsação ao longe. Um batimento. As paredes transmitem mensagens cálidas e tristes de histórias que começam e acabam aqui. Os corredores são o começo e o fim. Sinto o cheiro de álcool impregnado em meu braço. Mordo de leve minha carne tenra para perceber que ainda estou quente, que pelo menos estou quente. As lágrimas brigam com a conformidade. A última sentença minha apatia. Estou aqui boiando em vagas de melancolia, espuma que acalenta uma dor calma, mais pungente. A raiva dormiu e aguardo uma derrota.

– Ela vai ficar bem – Du fala passando a mão sobre minha cabeça. Ela está dormente e minha testa ainda queima. Acho que agora posso dormir. O carinho de seus dedos não significa muita coisa. O que posso fazer agora que sei que as perdas podem ser maiores? Du encosta sua cabeça sobre minha nuca. Meus olhos afundam no escuro de minhas pernas. Tudo apaga e não quero saber mais dos seres humanos. Quero deixá-los para trás. Quero abraçar a solidão acolhedora, para depois enfrentar as palavras que deixaram de ser pronunciadas esse tempo todo.

Ele me beija. Não sei como realmente chegamos aqui, mas sinto os lábios de Du sobre os meus. Algo quente, suave, algo que achava que ele não fosse capaz. Não penso no gesto. Precisamos levar Lalá pra casa. Precisamos todos conversar. Precisamos ser amigos. As línguas se entrelaçam, sua mão aperta a minha. Seria apropriado tudo isso? Algo quente molha meu rosto. Ele chora. Não sei por que chora, mas chora e não fala nada, me beijando. Acho que temos mais segredos do que imaginávamos. Hoje colidimos. Amanhã veremos se houve alguma vítima, quais foram os sentimentos vitimados, quem sairá ferido. Minha mão acaricia sua nuca. Respiramos juntos. Ainda estou bêbado? Ele ainda está bêbado?

Ele se acomoda ao meu lado e parece relaxar no meu ombro. As vibrações param a não ser por nós. Deixo-o ficar aqui. Não posso me dar ao luxo de perder. Não posso perder nenhum deles.

* * * *

Acordo mais uma vez em sua cama. Nunca pensei em Du como o tipo que dorme sobre o peito de alguém. Seu tamanho passa uma aura de dominação tão diferente de seus gestos, seus gestos na cama, o carinho que ele dedica a cada parte,

cada gesto. Ele dorme sobre meu peito, respira leve e acaricio seus cabelos leves e suados. Acordo e deixo seu corpo ali esperando por algo. Vou à sala e abro a janela. O vento é frio e reconfortante. Acendo um cigarro mentolado. Eles voltaram, depois que os sonhos sumiram e perderam o sentido de existir. Afinal sonhos são armadilhas que usamos para nos mantermos parados. A lua ilumina a fumaça suave e tranquila que se despreza de mim. Cheia, cheia e cativante, ela prende meus olhos lânguidos e deixa que eles perambularem por suas crateras distantes de manchas cinzentas. Meu cabelo balança ao sabor de pensamentos sorrateiros.

Lalá vai começar a cuidar de sua anorexia. Começou há alguns dias a se olhar no espelho como sempre deveria ter feito, como uma pessoa cheia de problemas. Todos nós passamos a fazer isso. Ou quase todos. Algo parece coçar e a exalar pequenas mentiras toda vez que me pego pensando nisso. Du deixou de ser uma máquina cega à procura de sexo fácil. Estamos ficando. Estamos engatando algo que pode ser um relacionamento. A situação é confortável. Quem disse que a vida precisava ser arrebatadora, imprevisível? Acho que encontrei meu lugar. Felicidade no trabalho, uma relação relativamente estável com uma família levemente distante. I'm getting old and I need something to relay on. Tocava uma banda sem cordas. Estou realmente ficando velho. Do que adianta pisar em nuvens? Correr atrás de si mesmo e perdendo-se em outros, outros que nem nos querem. Pensei que seria fácil esquecê-lo. E é. O sentimento, os sentimentos, esses não aguentam o ostracismo. Eles pesam em pernas de pedra.

Aninho meu rosto nos meus braços sobre o limiar da janela. Admiro um horizonte escuro e agradável, um céu de pontos brilhantes. Estrelas servem para morrer, para morrer, mas para serem descobertas mortas só depois de muito tempo, fagulhas tardias e esquecidas. Todos só as apreciam quando fulguram, mesmo que já mortas.

Não se deixe levar de volta para o começo.

Seu corpo nu acaricia minha pele gelada. Seu hálito quente me arrepia de leve.

– Pronto para outra? – ele sorri maroto, me abraçando e acariciando minha barriga enquanto beija minha nuca. Tudo tão similar. Histórias repetidas. De quem será toda a culpa pelos passos não tomados?

– Apenas um cigarro, big boy – jogo a pequena chama alaranjada e vejo-a

despencar e rodopiar. Abraçamos-nos e seu cheiro é infinitamente pacífico. Isso não durará muito, eu não estou aqui. Posso me atrever a perguntar o mesmo dele? Todos parecem prosseguir à minha volta enquanto espero algo movimentar minhas vontades. Onde está toda aquela coragem de que tanto você se orgulha?

– Você não quer voltar para cama? – Du pergunta mole, perdido no meu pescoço. Todos acabamos feridos. Em que momento devemos nos considerar curados?

– Sinto muito calor – meus dedos passeiam em suas costas. Não há fim sua pele. Nossas peles. Tudo se embaralha. – Sinto preguiça...

– Não seja por isso – com pouco esforço ele me carrega. Leva-me aninhado no seu colo como se eu fosse pequeno. Muito pequeno, redondo e desprotegido. Aperto meu braços envolta do seu pescoço. Posso cair. E mesmo que o chão esteja tão perto, aqui acima de tudo, o frio se espalha sem piedade. Sinto seu coração bater, seu pelos incipientes se arrepiarem. Beijo seu pescoço no caminho para o quarto e antes mesmo de colocar-me no colchão e me cobrir com seu corpo, sinto tudo um pouco mais cálido.

Sonhos e esperanças tolas não te aquecem, não te carregam. Eles são frios e distantes. Prefiro ficar com os pequenos calores do meu dia a dia.

Volto para casa acompanhado pelos pontos luminosos dos postes, confundindo-se com a luz do dia seguinte. Mordo meu indicador encarando o caminho à frente, em ruas vazias, poucos carros desafiando minha velocidade. Essa serenidade nunca é comum. Não podemos esperar que vida nos dê calma. Tudo é prenúncio de alguma tempestade. Pisco devagar e as imagens se formam e desvanecem ao sabor de minha respiração. O rádio está desligado. Ouço a sinfonia dos pássaros acordando, dos trabalhadores se acomodando em seus pontos de ônibus, seus olhares cansados. A sinfonia de pequenas bancas de café da manhã improvisadas em cada esquina, o pão com café para começar o dia. A sinfonia das ruas acordando e recebendo cada vez mais carros. Como podemos olhar para tudo isso, essas pequenas músicas, e ignorar que toda rotina está destinada a ser quebrada por algum incidente? Maurício deve ter partido a cabeça oca dele pensando em algo bem menos profundo que isso, dirigindo seu carro distraidamente de encontro ao que ele sempre mereceu.

Estaciono o carro e vou buscar minha mochila no banco de trás. O saco. O

saco do hospital está ali, semi-vazio, semi-cheio do Maurício. Eu deveria ter feito algo com isso. Pego o saco junto com meus outros pertences, encaro meus pés enquanto dão passos em direção ao elevador da garagem. Levanto meu rosto para encontrá-lo ali novamente. Que mania recalcitrante de me perseguir. Ele levanta seu rosto, está sentado no chão ao lado da porta do elevador.

– Como você entrou aqui? – pergunto secamente.

– Dei meu jeito – Ricardo responde em tom uniforme.

– Você está com uma cara horrível – seus olhos estão adornados por círculos negros que gritam aquele melodrama. Não acredito que perdi tanto tempo com uma pessoa tão comum.

– Esperei você desde... Desde muito tarde.

– Dormi na casa do Du – não consigo esboçar qualquer expressão de simpatia. – O que você quer?

– Precisava conversar – você deveria simplesmente ignorar e continuar seu caminho, Fernando. Você sabe que só mais irritação virá dessa “conversa”. Quer estragar seu dia mais uma vez?

– Você sabe como as estrelas morrem? – ele fica confuso com minha pergunta. Continua sentado com sua cara de animal abandonado.

– Com certeza algum motivo científico... Não sei por que isso importaria agora.

– Importa tanto quanto o que você tem a dizer – levanto uma sobrancelha, uma sentença. Você não merece meu tempo, Ricardo. Ele se levanta, talvez vá embora com seu rabo entre as pernas.

– O que eu fiz com você...

– O que você não fez, não é? Se vai tentar explicar algo pelo menos use as palavras certas... – como posso estar aqui discutindo uma relação que nunca existiu?

Ele engasga nas próprias palavras. Seus olhos procuram coerência no chão de cimento do estacionamento. Linhas amarelas delimitam vagas, espaços pessoais. Ninguém nunca as obedece. Nós nascemos para não obedecê-las e zombar da autoridade do amarelo. A dúvida formiga no fundo de minha cabeça. Acho que nunca nos conhecemos.

– Eu precisava vir pedir desculpas. Dias se passaram até eu tomar coragem de falar isso – suas palavras são fracas, mas há sinceridade exalando de sua falta de preparo. Tem olhos febris de quem se culpa. Maneirismos irrequietos de Raskólnikov. Continuo impassível. Qual o propósito de desprender tanta energia?

– Você acha que tenho o poder de te absolver? – ele engole as palavras. Acho que não esperava uma reação assim. Talvez esperasse que eu tomasse minha posição de sempre. De lutador. Mas não tenho por que fazê-lo, tenho? – Do que exatamente você quer perdão?

– Eu sei que você se sente machucado, pelo que eu não fiz. Sei que me comportei exatamente como um dia se comportaram comigo...

– Você realmente mudou? O que aconteceu com você para chegar a considerar falar comigo? Achei que você não quisesse nada comigo.

– Não quero. Não posso – ali estava um homem confuso. E eu achei que os tinha deixado na faculdade. Deveríamos deixar nossas confusões com nossas espinhas. Sobreviver à puberdade deveria ser prova suficiente de que confusões nos fazem perder tempo. O que aconteceu com esse homem atormentado? – Não ainda. Eu gostaria muito... Mas ainda tenho muito que resolver da minha vida. As mentiras não se foram por completo. Elas persistem e se alimentam da parte boa que existe em mim.

– Gostaria de poder dizer que a conheci por mais tempo.

– Você mal me conheceu – disso nós temos certeza, querido. – E por isso também vim pedir desculpas.

– Você realmente acredita que – retorno a andar vagarosamente em direção ao elevador. Continuamos presos pelos olhares – minhas palavras diminuíram todo esse seu conflito? – Passo por ele e ele abaixa a cabeça. Não tem mais coragem de

me olhar. Ele aguentou por mais tempo do que imaginava. Ele está tão cansado...

– Espero que elas sejam apenas o começo – muita dor o prende ao chão. Olho sobre meu pescoço seus ombros pesados. Não consegue alçar voo, mas pela primeira vez descobriu suas asas. What have you done to poor Mister Darcy? – Quero um recomeço... Acho que posso tê-lo. – I have no idea.

– Infelizmente só tenho poder para lhe dar as palavras que está me pedindo. Eu te desculpo, Ricardo – maldito elevador que não chega. Esse era o momento de partir. Não posso ficar muito. Ele respira pesado e acho que vai falar algo, vai retrucar. Abro a porta das escadas e deixo seu barulho pesado ecoar e tombar morto nos ouvidos do pequeno homem atormentado.

* * * *

Tudo fecha. Busco desesperadamente pelos meus cigarros e isqueiro. Na busca dentro da minha bolsa, deixo o celular do meu irmão cair. O barulho me desconcentra e ainda sinto seu calor solitário perto de mim. Ele ainda está tão perto. Seguro um mentolado enquanto encosto minha face na porta fria de metal, escutando sua respiração morta e desoladora. Fecho os olhos e me lembro de dias de sexo apenas, de cheiros e suor, de cama e fugas. Agora, quando estamos mais distantes, não conseguimos nos desprender. O que nos faz sofrer tanto, nos atrair como imãs, navios flamejantes prontos para colidir e afundar? Afundar pelo quê? Nem ao menos sabemos o que nos feriu tanto. Uma paixão de merda que nem mesmo conseguimos ter.

Sento ali e encosto minha nuca. Ele se vai. Por que tudo não poderia ser resolvido? O que falta nesse espaço entre minha coragem e o silêncio dele? Não há acordo que possamos fazer para dormir?

Nossos olhos ardem. Nossos olhos nos entregam. Não fomos feitos para nos olhar sem outro sentimento além de desejo, luxúria gay em toda a sua vulgaridade e purpurina. Duas personalidades tão opostas só poderiam concordar em seus orgulhos vãos, na incapacidade de acolher o diferente. Queimamo-nos ao primeiro toque. Ele só serviu enquanto mantinha nossas inseguranças aquecidas. Acendo um cigarro e deixo a fumaça subir sem mim, abrindo caminho para meu apartamento.

Eu fumei minha vida.

A vida me ensinou a fumar. Tinha 19 anos, teoricamente um fumante tardio. Meus pulmões com certeza não devem pensar o mesmo. A dor não vem deles, mas ainda arranham o meu peito tentando fazer algo pulsar, esquentar. Aos 19 experimentei meu primeiro mentolado e eles resolveram ficar como marca registrada, uma das poucas coisas que ficaram. Um medo constante, um receio constante de não ter mais nada além deles. Que eu não seja mais nada do que essa bichinha constantemente irritada, empunhando seus mentolados contra o mundo.

O Maurício vivia me dando sermões sobre esse hábito, já que o meu outro “hábito” estava protegido pelas minhas habilidades como pugilista. Não ligava para sua repulsa. Acho que era o suficiente já ter gastado tanta energia por ele me odiar como ser humano. Houve dias em que pensei que o Ricardo poderia ficar, que ele deveria ficar. Acho que fico melhor sozinho com meus mentolados.

Levanto-me e abro a porta me torturando com a ilusão de que ele ainda poderia estar ali. O meu problema sempre foi pensar demais. Ninguém gosta de pensar demais. Se você é gay então, o pensamento desenfreado e independente é tão desencorajado quanto era para as mulheres dos romances de Jane Austen. Quem precisa de dúvidas e questionamentos sentimentais quando você pode ter um corpo quente, musculoso e suado te fodendo 24 horas por dia?

Abro o saco do hospital ao som da porta se batendo novamente: um celular e alguns trocados deixados por um defunto homofóbico. Ligo o aparelho na esperança de que ainda haja alguma bateria. Encaro a foto do meu irmão beijando sua mulher em um momento muito clichê em algum sushi bar cafona de Pinheiros. O que esse telefone poderia me dizer mais sobre meu irmão?

Acendo mais um cigarro e passo pelos seus contatos com grande displicência. O nome do Ricardo não aparece nem ao menos uma vez. Será que ele já sabia do Ricardo? Será que a amizade dos dois foi apenas uma repetição do meu relacionamento com meu irmão? Isso explicaria muito o fato de Ricardo se recusar a viver um pouco.

Entro na sua caixa de mensagens baforando e quase dormindo envolto em bruma mentolada, navegando em pensamentos de raiva mornos.

“Amor, vou me atrasar um pouco. Reunião de última hora. Dá um beijo no Renan”.

Por que não estou surpreso? Um caso extraconjugal não seria surpresa para alguém que não consegue segurar o pau dentro das calças.

“Cara, eu não posso mais fazer isso. Minha mulher vai descobrir”.

“No mesmo motel? Você não acha que vão acabar desconfiando de algo”?

“Eu não sou gay, PORRA! Para de me ligar. Acabou.”

“Nós não somos amigos, cara. Não somos amantes porra nenhuma. Esquece o que a gente teve”.

A partir desse ponto, o cigarro é apenas cinzas. Acho que parei de respirar depois da segunda mensagem. Tudo para e até a fumaça espera pelos momentos finais. Estou entrando na minha própria novela mexicana, no meu próprio final inesperado, uma reviravolta imensa em estilo Shyamalan... Exceto que dessa vez o Bruce Willis é gay e adora uma rola. Porra! Meu irmão é gay.

Era e escondia de todos. Ele não só era a minha Raquel, mas uma Raquel mariconna! Eu poderia muito bem começar minha carreira como roteirista agora mesmo.

Acendo um novo cigarro e procuro avidamente por mais mensagens. Coisas picantes. Mas o celular desliga, sem mais bateria. Quem quer que seja o bofe que meu irmão estava pegando, não durou muito e não conseguiu o que queria.

Puta que pariu!

Será que o Ricardo sabe disso? Não seria difícil pensar no meu irmão se distanciando do seu melhor amigo gay só porque estava com medo de encarar um futuro que ele simplesmente desprezava. Amanda com certeza não sabe disso. Noites de sexo com outro homem com as mesmas desculpas de reuniões inesperadas e happy hours com amigos. Com certeza muito felizes essas horas gastas. E você pensaria que os homens hetero aprenderiam a pensar em subterfúgios melhores...

Ricardo. Eu preciso ligar para o Ricardo. Talvez essa seja a libertação que ele precisa, que nós precisamos. Com cigarro em punho, subo as escadas, deixando o saco com as poucas notas de dinheiro no chão. Acho que deveria ter pensado melhor antes de me empolgar tanto. Alguns lances de escadas combinados com a fumaça inebriante e sufocante do cigarro embaralham minha visão.

A última mensagem que li antes de tudo apagar ainda martela suas letras em minha cabeça. “Esse será o meu último dia de mentiras, de dor, de machucar os outros. Sei que não posso continuar nessa estrada. É hora da verdade.”

Raramente fico chocado. Isso veio com anos de reuniões da Távola das Mariconas. Cada mensagem tirou delicadamente o ar dos meus pulmões. A sensação de justiça irônica é inebriante. A última mensagem deixa uma leve interrogação assombrando um sorriso que se forma. Afinal, foi mais que um acidente. A tragédia tinha sido planejada.

Meu irmão se matou.

Subo os degraus freneticamente, tragando o ar mentolado do cigarro, na luxúria de uma vingança inesperada. Não noto que os andares tomam minha respiração. Tudo embaralha, borra, inverte-se. Deixo o cigarro cair procurando por um chão que não mais existe.

Despenco na escuridão. Imagens alternadas de um filme que assisti faz algum tempo aparecem ritmadas pelos barulhos do meu corpo atingindo alguns dos degraus, até parar encostado na parede. Ouço um barulho de bomba. Antes disso um abraço carinhoso. Acho que é esse o final do filme. Um filme gay de um palestino e um israelense. O mulçumano resolve se explodir por pura culpa moral e leva consigo seu amante. Mais dramático impossível. Abro os olhos e vejo os lances de escada que me derrubaram e acolheram. Não me movimento. Não entendo por que muitos acham que histórias de gays devem sempre acabar tragicamente. E os finais felizes sempre são muito tolos.

Levanto-me sentindo dores nas costas e, mancando, saio para o andar no qualestou e dessa vez pego o elevador. Nada de bombas e finais trágicos. Olho-me no espelho, a cara meio amassada. Um sorriso jovial e incontido. Esse será um final bem divertido.

Eu queria que o Maurício estivesse aqui para sofrer.

* * * *

A vida foi feita para te confundir nos detalhes. Analise-os e você nunca será o panaca que acaba surpreso no final. Sempre tentei analisar as idiossincrasias do meu relacionamento com o Ricardo e desde o começo suas deformidades eram visíveis, mas nenhuma digna de preocupação. Afinal, elas só importariam na presença de afeto, o que nunca foi o caso. Apenas um caso. Até agora.

Se algo me trouxe até esse ponto com certeza foi o fato de ter lutado. Depois de passar tanto tempo distribuindo sopapos, deveria esperar o dia em que seria eu o alvo de algum soco. Aguardo pacientemente a chegada dele, ou gosto de pensar que o faço, encarando a pilha de cigarros consumidos compulsivamente. Confuso, não sei realmente onde me encaixo. Que sentimento se encaixa melhor nessa situação meio Nelson Rodrigues em que me encontro. Feliz provavelmente seria uma boa escolha. Não é toda vez que você descobre que seu irmão homofóbico é na verdade um “queima-rosca” – gargalhadas internas. Seria um tanto egoísta, mas quem poderia esperar um comportamento diferente? É a vingança perfeita, exceto pelo fato de que Maurício reside atualmente em um caixão com sete palmos de terra como enfeite. Mas precisamos trabalhar com o que temos, não é mesmo?

Mais um cigarro e maquinações sobre como contaria aos meus pais. As possibilidades de me tornar repentinamente o filho pródigo – e atual favorito – me assustam. Isso é pouco provável. Ainda assim é divertido analisar os possíveis poderes de um único pedaço de informação como esse. Dou-me conta de que Maurício pode ter tido toda uma outra vida que desconheço. Seríamos amigos se ele tivesse tido a mesma coragem que eu? Quais seriam os motivos para ele não ter contado a ninguém? E seus amigos? Será que Ricardo já sabia, mas apenas o protegia? Não saber de nada me angustia. Esse possível elo entre nós dois dá um teor mais cruel e menos prazeroso a essa vingança.

A crueldade ressurge quando me lembro de tudo o que ele fez, cada humilhação, e assim afasto o sentimento de culpa que quase me cativa com seus olhos brilhantes. Ela não me pertence. Se há culpa, ela com certeza não é minha. Mereceria ser chamado de estúpido se não percebesse que esse é o momento – único,

talvez – de ganhar o pouco da justiça que um dia eu mereci. Consigo enxergar esse caso como um exemplo. Um exemplo de como as aparências enganam. Como o preconceito é vil e mesquinho. Consigo me ver contando isso com certo ar de sabedoria e dor contida. Mas isso é para o futuro. Hoje é dia de me refestelar sobre o cadáver do gay incubado do meu irmão. Pena? Quem sou eu para ter pena de alguém que nunca fez o mesmo? É hora de ir à forra.

Um barulho à porta. A campainha toca. Ele deve estar se perguntando por que liguei, por que o chamei, por que não estamos juntos. Seria muito ingênuo pensar que não estamos juntos por causa do Maurício? Que ficaremos bem assim que arrancarmos todas as mentiras – junto com a homossexualidade, claro – do meu irmão do armário? Ando de um lado ao outro esquecendo que isso tudo é muito bom para ser verdade. As consequências das palavras que ainda não foram ditas rondam minha consciência tentando me convencer de que talvez não seja uma ideia perfeita. A campainha toca novamente. Assusto-me com o barulho e corro para abri-la.

Ele está com a mesma cara mal dormida. Não posso detectar sinais de choro nele. Ele me olha sereno, mas conturbado como um mar de ressaca, como uma frágil flor balançando e resistindo aos ventos de uma tempestade iminente. Não posso deixar de sentir pena e espero profundamente que tudo que estou prestes a contar sirva de unguento para alguém que nunca teve chance de ser verdadeiro consigo mesmo. Não falo nada e deixo a porta aberta para que ele me siga. As minhas costas ainda doem da queda na escada do prédio e o momento começa a se tornar mais grave e solene do que eu esperava. Sento no sofá lembrando de que talvez vingança não seja o motivo por trás disso tudo. Justiça mais que tudo. Esse momento não deveria ser meu, mas do Ricardo. Ele fica um pouco em pé, antes de se sentar desconfortável no sofá ao lado. Encaro-o calmo.

– Eu achei que você não queria mais me ver... – ele fala baixo.

– Isso não te impediu de continuar me importunando – falo cruzando os braços. Pareço um pai prestes a dar algum sermão ou conselho. A aura de sabedoria seria visível se tivesse alguma cor, poderia ser sentida como um cheiro agradável e acolhedor. Ele apoia os cotovelos nos joelhos e espera fitando a mesinha de centro. – Nada mudou Ricardo. Não te chamei para nos reconciliarmos como se esse momento fosse os últimos minutos de um filme romântico – finalmente ele encontra meus olhos e acho que pensa em dizer algo. Ele ainda espera algo de mim. É triste, mas não construí minha vida por uma pessoa. – Apenas descobri algo que acho que você deveria saber.

– O que? Além de não querer ficar comigo.

– Acho muito pretensioso da sua parte pensar que algum dia houve algo parecido com “nós” em nosso breve relacionamento. Quantas fudas foram? Quantos meses passamos juntos em séries irregulares de sexo?

– Não sei... – ele parece hesitante.

– Poderiam ter sido anos. Eu mal te conheço. Há tanto de sua vida que continua escondida nessa merda de bolha que você criou para você. Você sente tanto medo. Somos muito diferentes. Foi tolice pensar que poderíamos dar certo e isso você precisa saber. O quanto antes.

Calamos. Olho para o lado esperando que algo aconteça para interromper esse momento. Uma sensação de desastre aperta minhas costelas machucadas, a respiração fica pesada como que soterrada pelo peso da verdade que espera irrequieta no fundo de minha garganta.

– Eu descobri algo sobre o Maurício – falo sem olhá-lo. Observo as nuances do nada e esqueço a minha visão por um momento, deixo as palavras saírem e atento para o som de cada uma delas. – Eu peguei o celular dele nas coisas que foram esquecidas no Hospital. Achei mensagens de texto no celular. Mensagens de texto para um cara. Não sei para quem. O meu irmão era gay, Ricardo. Ele estava tendo um caso com outro homem. Há várias mensagens, combinando encontros, tentando terminar o caso. Meu irmão era gay!

Ele fica um pouco atônito e espera para falar algo. Espera muito. Todas as palavras ganhando efeito dentro de sua cabeça. Fomentando reações. Vamos lá...

– Quem era o cara. Você descobriu quem ele é?

– Não há registro de nome. Apenas um número.

– O que isso importa agora? Seu irmão está morto. Achei que você já tivesse esquecido isso. Nem eu te importuno mais sobre o assunto. Por que levantar isso agora?

– Eu acho que você não ouviu exatamente o que eu falei. Meu irmão é gay. GAY! Caralho! – levanto-me rindo. – O cara mais homofóbico que eu conheci era gay! – preocupo-me com sua apatia. Onde está a surpresa? – Por que eu pareço ser o único maravilhado com esse pedaço de informação? – paro. Coloco o punho de uma das mãos na cintura e com a outra batuco minha inquietação nos lábios. – Você já sabia... Você já sabia... – murmuro. – É por isso que você não está chocada, não é? Você já sabia? – ele continua calado e continua olhando para o chão. Um dos seus pés bate de vez em quando fazendo um som baixo. – Você sabia e não mencionou nada? Como você... Como você conseguiu ser amigo de um cara que despreza tudo que você é?

– Eu não sou apenas gay, merda! – ele grita e seus olhos são febris. – Há muito mais na minha vida do que apenas minha sexualidade. O que você espera que essa informação mudasse em mim, hein? Que fosse algo mágico? Que eu passasse a ser mais gay depois disso?

– Que você deixasse de ter medo! Eu pensei que o Maurício... Que toda essa influência perniciosa do Maurício tivesse te amedrontado esse tempo todo – aumento meu tom de voz.

– Mas adivinha! – ele levanta. – Não faz diferença nenhuma. Nunca fez. Você mesmo disse, tem muito da minha vida que você não conhece. Acho melhor você deixar essa parte em paz.

– Não! – eu grito. – Eu tenho direito de saber o que aconteceu entre você e meu irmão. Eu preciso saber por que ele te machucou tanto. Por que você se tornou essa merda de pessoa confusa e covarde!

– E eu pensando que você tinha me chamado para conversar sobre a gente...

– Se você não quiser contar eu descubro pelo casinho extraconjugal do meu irmão.

– Como? – saio da sala e vou ao quarto procurando o celular do meu irmão que deixei carregando. A prova indelével de que a vida é uma grande tragédia grega, cheia de ironias. – O que você vai fazer? – ele pergunta alto esperando que eu volte. – Por que você precisa chafurdar no passado de seu irmão? Ele morreu! – Volto para minha posição na sala.

– Eu preciso. É um direito meu! – começo a discar os números que encontro em uma das mensagens.

– Larga esse telefone, Fernando – ele tenta tirar o aparelho de minha mão, mas desvio do seu alcance.

– O que você está fazendo? – estou irritado. Começamos a entrar em mais um momento em que explodo de raiva. – Então é isso... – gargalho sarcasticamente. – Você só teve interesse em ajudar minha família esse tempo todo para encobrir o rastro do meu irmão? – ele não responde, apenas me olha. – O que você tem medo que eu faça? Que eu conte para os meus pais? Que destrua a ideia de casamento perfeito da Amanda? Ou que simplesmente destrua a imagem que meu irmão construiu para si? – aperto uma tecla e espero chamar. Ele passa a mão pelos cabelos e depois pelo queixo.

Um toque. Um barulho tardio. Um som minúsculo e abafado. Algo perto e íntimo, gélido e cortante. Mais um toque e mais um som. Um som perto, de números familiares. O celular de Ricardo toca mais uma vez. Sinto as lágrimas queimando e deixo mais um toque crivar sua realidade nas minhas costas agora pesadas. Deixo a mão que segura o celular pender morta enquanto ouço mais uma vez o aparelho de Ricardo tocar.

– A verdade nunca é simples... – ele fala e arremesso o celular em sua direção, mas ele acaba atingindo apenas sua barriga. Ele não reage. Respiro pesado e deixo tudo desabar dos olhos para boca.

– Como... Eu não consigo acreditar que uma pessoa pode se amar tão pouco... – enxugo algumas das lágrimas com a mão. Soluço e não consigo deixar de querer socar esse filho da puta! – Quanto tempo? – pergunto cético. Ele não responde. – Quanto tempo!? – grito.

– Um... Um ano...

– Bem mais que gente, não é? Você não é fodido desse jeito por causa do meu irmão... Você foi para Nova York por causa dele? – tudo se torna claro e ofuscante. – Você veio não porque ele era seu amigo... Você... Você o amou? – rio com o som da pergunta. Risadas, lágrimas e uma dor imensa que supera a das costelas. – Acho que vocês dois não sabem o que é isso, né? Vocês tinham o que nós

tínhamos. Sexo sem valor, certo?

– Você não pode falar do que o Maurício e eu tivemos – ele se mantém sério e seu rosto parece uma pedra.

– Está bem. Eu não falo. Na verdade eu não quero saber nada – a vingança ainda não foi perdida. Agora sinto a necessidade de ferir os dois. De machucar. De retaliar da melhor forma possível. Pego celular do chão e ele apenas faz um pequeno movimento para não se manter no meu caminho. Vou à mesa e pego as chaves do carro.

– Aonde você vai, Fernando?

– Fazer uma mais que adiada visita a minha cunhada. Ela me pediu para pegar as coisas do Maurício no hospital. Agora preciso devolvê-las – o sorriso enviesado que dou o assusta. Meus olhos estão vermelhos, minha garganta seca.

– Você não pode fazer isso com ele, Fernando...

– Quem disse? – levanto uma das minhas sobrancelhas. – Além do mais, eu não estou fazendo isso com ele, querido. Não me subestime. – sorrio novamente. – Estou fazendo isso com vocês dois.

* * * *

A vida com certeza não favorece aqueles que contam verdades. Aqui estou eu, sentado numa mesa de madeira untada dos mais diversos fluídos possíveis – de esperma de velhos gordos e adúlteros até resquícios de cerveja cuspidos ao acaso –, observando uma passeata de bundas diversas e acabando com meu nono copo de gin. A toalha branca só dá a situação um teor ainda mais cômico. Aqui estou eu em um lugar que com certeza valoriza a mentira, as palavras não ditas. Todas as paredes negras, a luz vermelha. O cheiro de sexo pode enganar. O que predomina mesmo aqui é a mentira. Todos querem sexo, mas sem qualquer custo. Inventam nomes, idades, profissões. E por quê? Por que se negar uma pequena indulgência como sexo sem compromisso?

Estou aqui sentado com cara de esnobe, espantando qualquer pessoa que pense em se sentar ao meu lado. Não é minha primeira vez. Já gozei muito entre estas paredes de sauna. Pelo menos alguém com uma toalha branca precisa admitir isso nessa espelunca.

Ainda me lembro do seu rosto. Gostaria de lembrar a minha expressão. Espero não ter demonstrado tanto espanto quanto realmente senti. A merda do feminismo não adiantou de nada. Eu sei disso depois de hoje.

– Que surpresa, Fê – ela realmente parecia surpresa. Também ficaria se o irmão gay do seu marido falecido aparecesse sem avisar e ainda com uma cara inchada de choro. – O que aconteceu?

O mais engraçado nessas saunas é que todos precisam parecer sérios, sisudos. Acho que ninguém pode ficar muito feliz mentindo, pesa na consciência. Se você encontrar alguma bichinha rindo e gargalhando em uma sauna, ela provavelmente está contando a verdade sobre si. Os calados e sérios entram, gozam e saem. Trocar números, só se isso garantir mais uma foda. Às vezes você precisa de um parceiro fixo de sexo casual. Como um parceiro de tênis. Com raquete, bolas e tudo mais.

– Eu trouxe as coisas do Maurício...

– Não precisava... Eu disse...

– Eu acho que você precisa saber de algo – eu me apressei e logo a interrompi. Ela encarou o celular.

Mexo no gelo do gin com a ponta do dedo. Isso não me parece muito higiênico, mas flutuo entre o tédio e uma raiva contida, raiva preguiçosa que sabe que sua existência causa mais cansaço do que prazer.

– Posso me sentar aqui? – levanto os olhos e encaro o homem que espera ansioso por uma resposta, mas acaba sentando mesmo sem ouvir uma. Tem cara de árabe – Minha família é palestina.

Nada flui e pareço mais entediado do que o normal. Respondo

monossilabicamente e nem consigo prestar atenção no seu nome. Torço para não parecer nada com Ricardo. Ou Maurício. Viro os últimos dois dedos de bebida do meu copo. Ele observa em volta para ver se há outro lugar que ele possa ir. Eu nunca disse que seria uma boa companhia, cara.

– Preciso saber o quê, Fernando? Tem certeza de que você está bem?

– Eu... não sei como dizer isso – naquele momento percebi que tinha certo talento para ser ator. Merecia um Oscar pela minha expressão de preocupação. Meu sorriso se segurava para não sair e se abrir em um tom maligno. – Eu achei...

– É a primeira vez que você vem aqui? – me encaro no espelho e desperto de um sonho acordado pelo cara meio árabe que parece não desistir.

– Não. Venho sempre que quero dar umas gozadas? Por quê? Você é virgem?

– Eu achei mensagens do Maurício para outra pessoa... – ela começa a chorar instantaneamente. Desesperadamente. Gozo calado. Foi assim que imaginei que tudo aconteceria. Mas não consegui. Não consegui nem ir para a casa da Amanda e contar tudo isso. Apenas sonhei acordado que conseguiria. Ao tocar no volante sabia que esse era um tipo de coragem que eu não tenho. O de destruir. O poder de destruir a vida de alguém. Eu seria um ser humano terrível. Isso não diminui minha raiva, minha frustração. E os rostos do Maurício e do Ricardo rodopiam nos meus olhos doloridos e bêbados.

– Não. Já vim aqui outras vezes – o cara sorri. Aposto que ele está se contorcendo para não falar seu nome. Ele é daqueles que quer muito criar um laço depressa demais. Ele vai pedir meu telefone e vai achar que poderemos ter algo fora dessas paredes.

– E por que você vem aqui? Não tem namorado? – ele continua sorrindo achando que estou o elogiando com uma pergunta tão trivial.

Só agora percebo que iria a uma missão fadada a fracassar vergonhosamente. Agora não tenho certeza se faria alguma diferença para Amanda. Ela sofreria mais, mas não iria passar a odiar o Maurício. Não sei se o Ricardo teria se tornado uma pessoa preparada para dividir uma vida comigo só porque ele deixou de ser amigo

do Maurício. Gostaria de pensar que sim. Dói pensar que os dois tiveram algo. Algo que tivesse significado. Amanda também teve algo com o Maurício, mesmo traída. Sinto um vazio. Uma dor fina de incompletude. Eu não tive direito a nada disso. Dói saber que uma pessoa como meu irmão foi capaz de criar laços assim. Eu estou aqui conversando com um cara qualquer, prestes a comer o cu dele.

– Pode parecer engraçado o que eu vou falar...

– Pode arriscar. Esse lugar tem uma séria inclinação para o humor.

– Às vezes venho aqui para me punir – olho pela primeira vez intrigado para esse homem completamente não atraente. – Venho aqui pensando em me punir.

– E como você consegue se punir aqui, querido. Gosta de um pouco de sadomasoquismo?

– Não. Ninguém gosta de se sentir sujo. Pode haver prazer nas coisas que rolam dentro dessas cabines. Mas depois você sempre acaba se sentindo sujo – passo a mão nos cabelos e olho os corpos passando de um lado ao outro. Que grande punição.

– Você não deveria se punir – olho-o sério. – Se divertir seria a escolha mais sensata. Os gays gostam de falar mal de saunas, porque muitos dos seus segredos estão enterrados em lugares assim: escuros, quentes e cheios de tentações libertadoras. Não vejo muitos héteros criticando o papel social do mais reles puteiro.

Saio do quarto tentando não fazer barulho. O homem deixa seu corpo dormir de bruços nessa cama de colchão fino e lençol todo melado de porra. Provavelmente ele achou tudo uma grande punição. Peço uma bebida no bar e as pessoas continuam a fluir nessa maré de sexo anônimo. Vejo tudo de longe como um corpo flutuando vendo minha vida passar aqui. Não sei que horas são. Acho que as pessoas ficarão sem saber o que realmente aconteceu com o Maurício. Acho que isso é punição suficiente. Para nós dois.

BEATRIZ

Não sei se posso dizer que sou amiga da Amanda. Acho que é isso que é esperado das mulheres que criam uma ligação por meio de algum membro de uma das famílias. Uma amizade precisa surgir. Mesmo que apenas por fachada. E algumas mulheres simplesmente amam aparências. Como no exato momento em que ela me recebe abrindo porta e me abraça como se eu fosse o próprio Maurício reencarnado.

Quando os dois se casaram a situação parecia mais que natural. Eles namoravam há cerca de três anos – sem contar as idas e vindas – e pareciam se dar bem. Isso para toda a família. Tirando o Fernando, que teve pouco contato com os dois. E eu. Eu já tinha visto o Mau com outras namoradas. Ele sempre conseguia dois tipos: as lindas que compensavam a falta de interesses comuns com sexo; e as lindas que não tinham medo de encarar o jeito grosso e cabeça dura dele. Nessa escala maluca, a Amanda cai em um grau insosso. Não é uma das lindas. É comum, ordinária mesmo. Sua personalidade, notável como uma pintura infantil. Como uma do Renan, que ganha seu lugar na porta da geladeira, porque nunca chegará ao Louvre. Era subserviente e sua presença às vezes me fazia ser um pouco ríspida, quase como Uma tentativa de chacoalhá-la para fora dessa vida de chuchu humano.

O mais importante e notável é que o Mau não parecia mesmo com ela. Ou talvez sua introspecção apenas aumentasse quando estavam juntos. O casamento parecia ter sido um erro. O Renan nasceu quase sete meses depois das núpcias e somando isso ao adultério, o casamento tinha sido uma soma de duas infelicidades. Uma antes e uma durante. Renan pode ter sido a única razão pela qual eles se uniram. E continuaram. O que impediu que o Maurício contasse a verdade sobre seu caso e recomeçasse. Nos olhos cheios de lágrimas do meu irmão, quando ele me confessou seu erro, era possível ver que ele não teria energia para começar tudo de novo. Como sempre, ele tinha um medo que não conseguia admitir. Assumir. Então esse medo acabou o consumindo. O Maurício nunca foi muito bom com erros. Se ele os cometia, se forçava a viver com eles, calado.

Eu deveria tê-lo convencido a tomar alguma atitude, ajudá-lo ter sido mais feliz. Por que ninguém nunca tentou se aproximar do Mau? Mesmo com todas as suas pontas duras, seus cantos escuros e cheios de silêncio. Acho que seria um bom

momento para conversar sobre isso com o Fê. O ensejo não poderia ser melhor, mesmo que morbidamente falando.

– Pode sentar, Bia. Fica à vontade. Você quer algo para beber? – ela sai andando para cozinha antes mesmo de eu conseguir falar algo. Uma conversa amena não me faria muito mal, não é?

Sinto-me desconfortável e resolvo segui-la até a cozinha. Ela me recebe com um sorriso acolhedor e ao mesmo tempo sem jeito. Ela pergunta o que eu gostaria de beber. Como ela está fazendo um café, resolvo seguir sua vontade. Ela me diz que tem suco e mudo imediatamente de ideia. Pergunto onde está Renan. No playground. E como ele está? Ainda triste, perguntando onde seu pai está e como ele foi parar lá.

– Alguma novidade? – pare e pense, Beatriz. Essa é a melhor pergunta para se fazer a uma recém-viúva?

– Seu irmão esteve aqui... – acho que a resposta não pode ficar mais estranha que isso. Será que ela vai começar um papo espiritual sobre como ela ainda sente a presença do Maurício? Faço uma pausa e uma expressão de confusão. Essa é a deixa, amiga. Diz que eu não estou entrando em uma versão brasileira de “O Sexto Sentido”. – O Fê apareceu do nada... Conversamos um pouco.

O Fernando não viria aqui apenas pela Amanda. Não viria por educação, nem por etiqueta e bons modos. Se a Amanda nunca significou muita coisa para mim, significou muito menos para o Fê. O que só me leva a pensar que a visita teve alguma segunda intenção. Paro alguns segundos e de repente tudo meio que se encaixa. O tempo que o Fê andou sumido somado a essa visita. Algo aconteceu. E depois disso ele precisou de tempo para decidir o que fazer.

Se você tivesse sido ferido? Se alguém te machucasse no lugar em que mais dói? E se ainda não fosse apenas um golpe, mas vários deles? Se uma pessoa destruísse algo que te era precioso? O que você faria? Ninguém nunca conseguiria responder que pararia para pensar. Ninguém diria que perdoaria. Isso só acontece realmente depois de alguns anos. Se alguém te ferisse, a primeira coisa que você buscaria, como ser humano, como pessoa, seria vingança. E se você realmente decidisse concretizar isso, você faria da forma que mais causasse dano. Você não iria apenas satisfazer aquela vontade de retaliação. Você iria querer ver seu antigo algoz derrubado no chão. Mas quase ninguém, qualquer que seja a circunstância, consegue terminar sua vingança. Será que o Fê é uma das pessoas que vai até o fim?

– O que o Fê veio fazer aqui?

– Visitar, eu acho. Talvez esteja se sentindo mal agora que o Maurício se foi – acho que você precisa ser muito lesada para pensar isso. Ou conhecer muito pouco meus dois irmãos. O Fernando descobriu o segredo do Maurício. De alguma forma e em algum momento entre minha conversa com o Ricardo ele descobriu. Será que foi ele mesmo que contou para meu irmão? Voltamos para o sofá e as palavras saem automaticamente, contando, com a melhor eloquência que eu posso reunir, como estão meus pais. Minha curiosidade, meu receio apertam minha garganta e quase sufocam meu autocontrole. O Fernando veio aqui para contar que o Maurício estava tendo um caso. Ele veio aqui para acabar com a vida do Mau, mesmo depois de morto.

Respire, Beatriz. Chega de drama. Se o Fernando realmente tivesse feito isso, a Amanda com certeza não teria forças para te servir suco de manga, sua tonta. Acho que não teria. Seus irmãos nunca se amaram. Uma morte não pode mudar isso, pode? Quão profunda pode ser a dor de um ser humano? Quão forte pode ser suas raízes? Faça as contas, as mesmas contas que seu irmão faria. Vingança seria o mínimo que o imediatismo do Fernando conseguiria pensar. O Fernando acabou cultivando um pouco do Maurício dentro dele mesmo. Como alguém tão oprimido pôde ser tornar tão opressor? Tão intolerante. Tão indisposto a perdoar.

– Acabei pedindo para ele buscar as coisas do Maurício no hospital... Nunca consegui realmente...

– Ele não disse nada? Ele não voltou depois? – o fluxo de perguntas assusta Amanda. Passo a mão pelos fios de cabelo que caem sobre meus ombros para tentar imprimir uma sensação de casualidade.

– Não – antes que ela possa continuar a porta abre abruptamente e Renan entra correndo com o rosto vermelho e inchado. Logo atrás vem a babá tentando dar várias explicações. Uma pequena queda, uma dor que parecia insuportável e ele precisava da mãe. – Vai ficar tudo bem, filho – ela passa os dedos em um pequeno arranhão no joelho do meu sobrinho. Estranho pensar que já sou tia. E com certeza não sou uma das mais presentes.

– A tia Bia vai colocar a mão aqui e vai sugar toda a dor. Que tal? Ela vai passar do seu joelho para mim – falo colocando minha mão de leve. Era algo que

fazia e simplesmente a dor parecia cessar. Como se o ar tocando a carne ainda aberta fosse o único responsável pela agonia. As lágrimas e soluços dele diminuem e ele me encara como se eu realmente tivesse algum tipo de superpoder.

– Eu quero o pai...

– Eu já te contei, filho. O pai não pode voltar. Mas ele sempre vai olhar por você.

– Onde ele foi?

– Está em um lugar lindo.

– Por que não posso ir lá ver ele?

– Um dia, meu filho! E que tal um biscoito? Ou um potão de sorvete? Vai ajudar o ferimento a passar! – ele parece contrair todas as lágrimas. Dá um beijo na mãe e sai correndo, quase saltitante, dando a mão para a babá e indo para a cozinha. – Isso que ele está fazendo é dengo. Ele quer sorvete e perguntar sobre o Maurício sempre faz com que eu atenda todos os desejos dele. Mas no fundo eu sei que ele entende que o pai morreu. Que ele não vai voltar. Ainda assim ele não discute isso – o tom dela está entre o amargo e o triste. Um ressentimento parece brotar dessas poucas palavras. Ainda acho que estamos falando do mesmo assunto que começamos ao sentar aqui no sofá.

– Como você sabe disso?

– Meus pais tinham um labrador já velho quando eu nasci. Ele ficou com a gente até eu completar uns cinco anos e depois simplesmente desapareceu – seus olhos passeiam por seus dedos como se ela não conseguisse se concentrar muito em que emoção deveria sentir. – Meus pais disseram que ele tinha se mudado para nossa casa em Santos. Eu sabia que ele tinha morrido. A hora dele tinha chegado e todas essas coisas. Mas desde aquele dia, eu mencionava o Scooby toda vez que eu queria ir a Santos. Ou quando queria comer sorvete à noite, antes de dormir. Meus pais sempre acatavam essas pequenas vontades infantis.

– Por que você acha isso?

– Parece óbvio, não é? A culpa e o silêncio são duas moedas importantes. Valiosas. Se eu contasse para meus pais que sabia do destino do Scooby, meus desejos seriam realizados, mas a culpa deles um dia diminuiria e a aceitação tomaria seu lugar. Meu silêncio manteve essa culpa. A culpa por não terem falado a verdade logo de cara. A possibilidade do dano não poder ser remediada era muito grande.

– Você não achou que estava sendo egoísta? – falo isso arriscando acabar com esse momento de intimidade. Ela finalmente vira seus olhos para me encarar. Sinto uma eletricidade arisca do seu olhar, as linhas do seu rosto endurecidas.

– Eu era uma criança, Bia. Isso é compreensível. As coisas pequenas eram pequenos agrados, nada que fosse um grande sacrifício para meus pais.

– Mas você consegue imaginar como seriam os relacionamentos das pessoas se todas pensassem assim? – não estou tentando dar algum tipo de lição de moral, mas essa não parece a mesma Amanda quase insossa que toda a família ama.

– Os adultos não são tão ingênuos quanto as crianças. Ninguém pode ser enganado por tanto tempo com esse silêncio. Um dia eles descobrem que estão sendo enganados e finalmente chegam a uma conclusão.

– E o que acontece depois dessa conclusão?

– O Scooby morreu de causas naturais. Mas se meus pais tivessem sido responsáveis de alguma forma pela morte dele, a culpa que sentiram seria diferente. Mais profunda. Mesmo que eu quebrasse o silêncio, eles se sentiriam inclinados a atender minhas vontades. A culpa é um sentimento pesado. Como grilhões autoimpostos. Só a pessoa que os usa pode se libertar realmente.

– Nunca pensei nisso... – e ao mesmo tempo todo o discurso dela parece uma história muito familiar.

– Eu tive bastante tempo para pensar sobre isso. A culpa e o silêncio guiam muitos relacionamentos.

– Como no caso de uma traição – parece que essa frase se transforma na última chave de um molho. Aquela que finalmente se encaixa naquela fechadura que

parecia impossível de abrir.

– Não qualquer tipo de traição, Bia. Por que você acha que os homens ainda continuam traindo suas mulheres com outras depois da primeira vez? Mesmo conseguindo o que querem dos seus maridos, uma hora a culpa deles diminui e some. E depois de um tempo eles finalmente se separariam. Uma traição qualquer não destrói nem segura nenhum casamento.

Desde que começamos essa conversa, minha cabeça começou a fazer um mapa de pontos e linhas. Um mapa da culpa e do silêncio que envolvia essa família. E finalmente um dos principais componentes desse mapa ganhou sua conexão. O Ricardo. Sua linha de culpa não se ligava aos meus pais. Não se ligava ao Maurício. Quer dizer, não só a ele.

Ligava-se ao Maurício e a Amanda, assim como o silêncio.

Ele era a traição que mantinha o relacionamento dos dois. Ela me olha como se eu tivesse chegado tarde. Talvez tivesse a esperança de que eu ficasse do lado dela. De que compartilharíamos mais um daqueles supostos elos entre mulheres.

– Você prendeu o Maurício esse tempo todo?

– Você realmente acha que se o amor dele não fosse maior que a culpa dele, ele não teria partido? Eu o ajudei a lidar com a dor.

Sinto uma dor no pescoço como se toda a minha coluna tivesse travado com a surpresa de minhas conclusões. Volto a olhar para o mapa. E a consciência de que mais linhas se formam, se contorcem invisíveis em volta de mim. Eu usei a culpa do Ricardo, mesmo que errada, para que ele fizesse o que eu queria. Ele deve ter achado que eu sabia sobre ele e o Maurício. Um ponto estava solitário em toda essa cartografia. O Fê. Ele sempre falava a verdade mesmo que isso levasse àquela sua eterna solidão. O que será que ele já sabe? O que será que Ricardo falou com ele?

Eu preciso achar o Fê.

Saio sem mesmo me despedir. Sem falar. Levanto e me dirijo à porta. Na minha cabeça eu penso em fazer muitas coisas. Dar um grande tapa na cara da Amanda. Ele nunca te amou. Abraçar o Renan e contar como o pai dele poderia ter

sido uma pessoa incrível. Conversar com meus pais e unir novamente a família. Mas meus olhos estão sendo inundados e minha garganta me enforcando, se contraindo e deixando pouco ar entrar.

Eu preciso encontrar o Fê. Quando o mapa que eu fiz for revelado, ele vai explodir. Ele irá colher cabeças. A porta fecha atrás de mim. Acho que não sou muito boa em tomar decisões.

RICARDO

O momento de descoberta foi ridículo. Nós dois estávamos no meu quarto. Adolescentes assistindo um filme pornô escondidos dos pais e tocando uma punheta calados. Eu nunca pude ser como o Fernando. Eu venho de uma família que dá um novo significado ao conservadorismo. Fazia parte de uma família reinada por um pai viúvo e criado com mais dois irmãos. Minha primeira transa foi com uma prostituta vagabunda quando eu ainda tinha 12 anos.

Ele estava com sua bermuda nos calcanhares e acariciava devagar seu pau. Eu fazia o mesmo e tinha medo de encará-lo. Tínhamos uns 17 anos. Estávamos ali no nosso santuário de testosterona. Aquilo era uma mera competição, uma exibição fálica sem propósito.

Ali me descobri. Não por causa do seu pau, ou o erotismo da situação. Tudo parecia algo que você lê em sites de contos pornográficos. Lembro sempre da sua respiração. Lembro que encarei seus lábios semiabertos por segundos intermináveis. Ele não notava nada. Sua respiração tinha um padrão forte, pesado. Ele parecia nervoso. Ou parecia nem me notar. Fascinado por seus lábios, não notava o que acontecia no filme. Um cara com um pau enorme comendo uma loira peituda e escandalosa. Às vezes, ele falava algo baixo. “Que buceta gostosa!” Eu respondia sem muita vivacidade. Concordava e continuava me masturbando. Estávamos sentados na beirada da cama. Minha mão não sentiu seu movimento sorrateiro em direção ao pau do Maurício, ela parecia ter vida e vontade próprias. O medo foi menor do que a vontade de tocá-lo e acabar com toda a distância. Comecei a masturbá-lo, e, para minha surpresa, ele nem ligou. Caralho, que gostoso! Pisquei, aturdido.

Foi assim que descobri. Que descobri que gostava do Maurício. Não sei quando descobri que era gay. Isso é irrelevante. Eu não me descobri gay tão rápido quanto descobri me sentia atraído por ele. Ele fechou os olhos e deixou que eu tocasse sua punheta. Tremeu arrepiado. Estávamos quase colados um no outro. Observava a faixa de pelos que descia do seu umbigo.

Achei tudo natural. Pelo menos, uma vez na minha vida, posso dizer que achei tudo natural. Que não senti medo de ser repreendido. E foi naquele momento

que me aproximei daqueles lábios e descansei na sua respiração. Durou pouco. Mas essa imagem vive voltando e amarrando seu significado na minha memória!

“Que porra é essa?” Ele me empurrou e eu caí no chão. Bati minha cabeça na estante da televisão. Maurício me deu um soco. “Você tá achando que sou veado, é?” Não sei por quê, mas não tive vontade nenhuma de reagir. Ele me segurou pela gola da minha camisa, pelado da cintura para baixo. Seu pau duro próximo do meu dorso descoberto. “Quer dizer que você é veado, é?” Balançou-me com força, encarava-o com um gosto de sangue no canto da boca, o rosto latejando. Tudo ocorreu rápido. Ele me virou de bruços e empurrou minha cabeça no chão. Prendeu-me e levantou minha cintura. “Quer dizer que você gosta de uma rola, né?” Cuspiu na mão e passou na minha bunda. “Então, você vai tomar no cu, seu veadinho!” Senti uma dor pungente. Conversava com o chão e prendia meus gemidos enquanto ele comia meu cu com força e sem parar, me xingando e pressionando meu rosto com força, segurando meu cabelo. Algo quente preencheu meu vazio de palavras. Ele caiu ofegante sobre meu corpo, deixando seu pau amolecer e calou finalmente. Não senti vontade de chorar. Lembro que meu pai sempre dizia que homens não choram sem motivos. Senti vergonha de pensar que tinha gostado. De sentir Maurício dentro de mim. Ele se levantou, vestiu sua bermuda. Saiu do meu quarto e da minha casa sem dizer nada.

Continuaríamos sendo amigos e nunca falaríamos do que fazíamos escondidos, nessa violência sem sentimento, até nos tornarmos adultos.

Fui ao banheiro e liguei o chuveiro. Sentei no piso frio e abri as pernas. Coloquei o dedo lá dentro e senti sua porra ainda ali, mas fria. Olhei frio para parede. Como poderia falar algo? Como poderia chorar? Ninguém ia ouvir mesmo. Eu não poderia ser como o Fernando. Todo mundo só ia acabar me fodendo. Como agora. Deixei tudo escorrer junto com um pouco da felicidade que nunca durava muito quando a gente transava. Deixei o Maurício ficar em mim o quanto eu podia. Nunca durou. Já perdi tempo demais com lembranças que nunca existiram de verdade.

FERNANDO

Parece que eu poderia ter escrito um livro inteiro sobre minha vida. Um livro que poderia ter vários finais. Nenhum parecido com esse. Nada parecido com isso. Em vez disso, fui preenchendo cada lacuna da minha vida, cada brecha que tinha com doses regulares de raiva. Raiva de tudo. Eu nunca desperdicei tanta energia querendo odiar, ser odiado, ficar à margem do mundo. Eu nunca perdi tanto tempo. Tento lembrar a última vez que eu sorri espontaneamente. Dói tanto ver que os minutos passaram sem eu notar ou notar demais. Rugas devem ter nascido, brotado e gritado na minha cara, QUE PORRA VOCÊ TÁ FAZENDO COM SUA VIDA????

Eu me lembro de dias melhores, mas é tão difícil acreditar que, um dia, eles foram verdade. Tudo está tão longe e meus pés doem tanto! Eu só penso em sentir raiva, em culpar os outros e exigir que paguem. Por que eu sou essa merda aqui parada esperando que tudo aconteça do jeito que eu planejei. E eu tento me identificar com algo, com alguém. Mas tudo escorrega e estou com raiva de novo. Chutando lixo e andando sozinho na rua pedindo compaixão de estranhos que me cospem na cara. Quero ser esse cão à beira de tudo. Porque me alimento da raiva que sinto e só vago por aí por causa disso. Procurando algo para descontar tudo. Não amo e saio esmurrando meu coração em quem aparecer. Dividindo dores que nem sei se são tão grandes. Diminuindo-me aos poucos e só crescendo na hora das minhas inevitáveis brigas. Se soubessem quão pequeno sou, decerto me pisariam. Não tenho dúvida.

Sei que sou inútil ao mundo. Sou um gay de poucos amigos. Sou uma minoria da minoria da minoria do menor. Um nada levado ao vento, batendo em portas que não me recebem. E, por estar sozinho, sinto raiva. E dói mais ainda porque tenho recordações do que era sentir mais. Alquebrado, doente. Sei que não viverei mais tempo assim.

E não falo do cigarro.

Minha raiva é o meu maior vício. Preciso ter inimigos, preciso me defender. Preciso de uma boa briga. Preciso enfrentar a tudo e a todos. Preciso que todos sintam a mesma raiva que eu. Não quero entregar nada de mãos beijadas. Não quero largar o meu osso de cão vadio, quero mostrar meus caninos e viver rosnando. Não

nasci para amigos, para relacionamentos, nem para o meu lado feliz. Evidentemente. Cada passo cravo minhas frustrações ao chão, que criam raízes e brotam mágoas. Onde está o calor? Ele existia aqui. Lembro-me de abraços nesses braços. Lembro-me de beijos nesses olhos fechados. Lembro-me que existia Fernando nesse simples pugilista. Onde estão os sonhos? Viraram fumaça mentolada? Transpiro o frio de esperanças mortas.

Meu irmão não seria a prova cabal de que o mundo está realmente fodido? Isso poderia ter nos unido, poderia ter apagado as brigas. Ele nunca me contou. Nunca contou a ninguém. Como alguém se submete a tanto silêncio, a tanta dor muda? Eu era o seu saco de pancadas, o que ele gostaria de ser se tivesse coragem. O que devo sentir pelo Maurício agora? O que acontece com todo meu ódio? Onde o guardo agora? Quem sou eu sem esse antigo irmão para odiar? E ninguém saberá do que ele passou. Essa história nunca será ouvida, mais silêncio para selar essas três vidas. Preciso falar com o Ricardo. Fui cruel. Sou cruel. Perdi os limites da minha raiva. Virei um tirano egoísta e autointitulado mártir. Gosto da dor e gosto de bater. Ricardo. Minha garganta está seca. Não sei o que falar para ele. Serei ouvido? Minhas palavras serão o eco de mudanças? Posso mudar?

Posso aposentar minhas luvas por um tempo?

Preciso sair desse ringue. Minha vida parece não estar esperando muito por mim. Escolha seu próximo passo, Fernando!

– Ei, veadinho! – escuto uma voz gritar ao longe. Uma gargalhada acompanha a sentença pronunciada. Estou subindo a Bela Cintra a caminho da Av. Paulista depois de deixar a sauna pra trás. Viro-me e vejo dois caras mal-encarados. Um com gorro, e outro de boné. Dão risada e cochicham algo sobre mim. Aí vem encrenca. Acho que vou ter que esperar um pouco até deixar meus punhos fechados de lado. Finjo que não escuto, e continuo andando, não mudo minha velocidade. Não tenho medo desses dois pivetes! Mais duas quadras e eles ficarão com medo de fazer qualquer coisa com tantos carros passando. Voltarão ao seu estado natural de covardia. – Ei, veadinho, a gente quer falar com você!

– Não quer chupar meu pau não? – gargalham novamente. A raiva começa a se empertigar. Levanto uma sobrancelha. Duas quadras são demais para eles aprenderem uma lição.

– Tanta mulher no mundo, e você resolve dar o cu? – mais gargalhadas. A

trilha sonora da minha vida. Será que foi esse som que amedrontou tanto o Maurício? A reprovação. Meus pais. Ele não conseguiria viver com a reprovação de meus pais. Ele espalhou tanta dor para esconder a sua. Qual a justiça nisso tudo? O mundo realmente está muito fodido.

– Mas a gente deixa você fazer uma chupetinha – viro-me e grito. Não estão tão longe quanto imaginava.

– O quê? – é o máximo que consigo pronunciar. Algo atinge minha cabeça e caio com o rosto no chão. Algo quente escorre de minha nuca. Deveria ter me lembrado do outro lado da rua. Eles não eram os únicos. Havia mais um. O outro que bate novamente na minha cabeça com o que parece ser um bastão. Dói. Enxergo vermelho e desfocado. Os outros avançam em chutes. Meu nariz quebra. Sinto isso porque fica difícil de respirar. Sinto-me diminuído, encolhido. Pisam no meu peito e sinto sangue na boca também. Tenho vontade de gritar. Não de dor. De raiva. Ela de novo. Isso não foi uma briga justa. Ricardo. Acho que não vou ter mais oportunidade de explicar os insignificantes detalhes da minha vida. De como me tornei essa pessoa que agora sangrará até morrer. Tento proteger minha cabeça, mas quase não tenho força nos braços. Meu estômago geme com os chutes constantes. Tudo esvai e acho que nem raiva resta. Ela borbulha com o sangue. O terceiro bate seu bastão em uma das minhas pernas, sinto algo rachar. Ouço as gargalhadas. Elas não param como os chutes. Um soco no olho e tudo realmente apaga. Ninguém passa e, se passa, com certeza me deixa passar como mais um gay. Sou um cão que foi abatido. Será que Maurício me ajudaria? Mesmo gay, ele me defenderia se minha vida dependesse disso? Ou ele seria mais um para pisar? “Veadinho. Filho da puta. Esse daí deve gostar de apanhar dos machos dele.” Ouço tudo e é tão distante. Ouço também a surra que levo. Mas ela também já está longe. Onde estaria Ricardo? Por que não pudemos dividir nossas dores? Por que matá-las? Escondê-las? Quando foi que eu decidi que ser fraco era detestável, inaceitável, impensável? Lições de Maurício. Lições que esses três vivem distribuindo para gays desavisados. Não – “bate na cabeça, cara” – podemos – “o cu desse já deve tá todo arregaçado” – ser – “sabe o que você merece?” – fracos.

Algo quente cai no meu rosto. Minha carne aberta geme. Algo quente na minha barriga e nos meus pés. Os três terminam seu trabalho. O cheiro ácido dificulta ainda mais minha respiração. “Abre a boca veadinho, toma mijo, vai.” Tento me proteger com minhas mãos, os dedos quebrados não podem fazer nada além de penderem ali. Ainda consigo fazer algo. “Quietinha essa bicha, né?” Não me atrevo a pedir ajuda. Não atrevo a reagir. A briga é minha. Sempre foi. O mundo contra mim. Não haveria melhor desfecho. Recebo um último chute. De cada um.

“Vamo nessa antes que alguém apareça.” Tudo queima em solidão. Acho que tento me arrastar. “Minha pérola negra, eu já te disse que você é isso, não é? Você é a pérola negra da mamãe.” Para onde isso tudo foi parar. Onde foram parar as mãos que um dia acariciaram essa pele cheia de cicatrizes? “Me dá um beijo. Ai eu sou sua mulher e você é o meu marido.” Onde foram parar as brincadeiras de irmãos? Perdi tanto. Agora me esvaio pela calçada, urina e sangue, meu sangue ainda brigando, reagindo, algo ainda pulsando entre ossos quebrados e hemorragias. “Goza dentro.” Ricardo. Merda. Eu ainda consigo me ver tendo essa vida feliz. Deliro com essa vida feliz enquanto deixo meus pedaços aqui espalhados. Algo queima. Não consigo mais abrir os olhos. Não consigo mais mexer meus braços. Não consigo chorar, mas gostaria. Gostaria que algo fosse diferente. Por que você não consegue me amar?

As luvas já se foram. Meus punhos não mais se fecham. Você aguentou mais rounds do que todos imaginavam. Sua mãe, seu pai, Bia, Dudu, Lalá, Ricardo. Com certeza mais que seu irmão. Hora de jogar a toalha.

FERNANDO E RICARDO E BEATRIZ E MAURÍCIO

Eu conto. Conto o número de chutes que recebi. Conto quantas vezes me masturbei com os anúncios de cuecas na Playboy. Conto o número de vezes que brochei. Conto minhas respirações fragmentadas e dolorosas. Conto o número de orgasmos. Conto o número de namorados que tive. As férias que tirei fora do país. Os minutos que levam até eu tomar consciência do meu corpo alquebrado novamente. No escuro, não há muito mais o que fazer além de contar. Os dias de felicidade que desperdicei me protegendo do mundo. Os momentos em que seria bem melhor deixar-se machucar em vez de não viver. Contar faz o tempo passar. Agora, acho que preciso contar para saber que estou vivo. Tenho coisas para contar, logo existo, disse o filósofo Fernando Novaes. Começo a ouvir um barulho distante.

Eu saí da morte do meu irmão com uma decisão. A de fazer escolhas. Eu escolhi ver os dois lados. Eu escolhi entender formas diferentes de amar. Formas confusas, extremas, dolorosas de amar. Eu escolhi ser irmã e compreender o que significa ser irmã. Tomar decisões, como essas que elevam os riscos. Elevam os perigos. E eu descobri que cada uma delas, dessas decisões, vai me distanciar da minha posição confortável de irmã do meio. Fora do centro da atenção. Eu corro para fazer mais uma escolha. Estar ao lado do meu irmão quando tudo cair sobre ele. Não importa se tudo parecer muito dramático. Se a dor for elevada à potência do exagero. É preciso aceitar os termos de sofrimento de cada pessoa. É preciso aceitar a forma de sentir de cada um. Entre nós, os três irmãos, isso nunca foi feito. O respeito morreu com nossas relações. E, agora, não quero perder mais um irmão.

Eu conto o número de passos. Dos portões que abrem para um grande jardim de pedras até o meu destino. De pedras e mortos. Conto os passos porque isso me dá coragem. Conto o número de pessoas que morreram cedo demais. Conto quantas teriam tido tempo suficiente para construir suas felicidades. Quantas morreram sem conhecê-las? Olho para o chão. Estou frio, sinto o frio. Quero abraçar o Fernando quando tudo acabar. Quero poder abraçá-lo, pronunciar as palavras. Conto o número

de palavras que gostaria de poder dizer a ele sem medo. Sem medo do Maurício. Por isso, estou aqui. Na frente de sua lápide, mãos dentro do meu casaco, e nada mais para contar. Nunca tivemos nada para contar. Exceto...

Consigo abrir finalmente um pouco os olhos. Quanta luz. Conto o número de machas pretas. O número de pequenos buracos de luminosidade. O espaço é tão pequeno. Só vejo o teto. O teto de lâmpadas brancas, iguais e perfeitas. O teto branco e sem vida. Estou no meu corredor. De volta aos corredores. Sei que há um começo e um fim para isso. Não sei exatamente onde estou, mas não consigo sentir muita coisa, além de uma leve frustração. Quem será que eles avisarão primeiro? Quem será o primeiro a ver meu rosto desfigurado? Sinto-me só neste corredor.

É como se as cinzas que se alojaram nos meus pulmões voltassem a acender e ascender, queimando meu peito, corroendo minha garganta, consumindo meu ar. Não foi a corrida que fiz do carro até o prédio. Dos degraus que eu pulei porque não aguentava esperar a descida morosa do elevador. Tudo queimava, dentro e fora. Tudo queimava de medo. Há coisas que você aprende a viver sem. Que você se acomoda a viver sem. Primeiro, Maurício. Depois, o Fê. Eles viveram sem amor por tanto tempo e, quando encontraram, não puderam tê-lo completamente. Mas há assuntos em que a inércia é o mesmo que a morte. Chego ao andar e nem penso em tocar a campainha. Bato na porta três vezes e chamo sem ar. Encosto meu ouvido na madeira fria e consigo ouvir apenas o som do vento, tocando em cada uma das brechas do apartamento. Ele pode estar dormindo, ele pode ter saído, mas ele pode aparecer a qualquer momento. Ele vai estar bem. Por que você está chorando, Bia? Não posso esperar para saber se estou certa.

Conto o número de vezes que gostaria de tê-lo beijado, mas não pude. Quantas vezes senti dor e não gritei. Quantas vezes tive vontade de convidá-lo para um encontro normal que não envolvesse um motel barato e eu agachado no banco traseiro. Quantas vezes queria poder chamá-lo de meu namorado. “Querido filho, querido pai, querido marido, querido irmão”, dizem as letras cravadas em sua pedra. Será que Fernando chegou a ler essas palavras? Com certeza, queimariam seus olhos.

Rodinhas. O barulho está mais perto. Acho que começo a recobrar a consciência. Rostos tomam lugar do pequeno espaço que consigo abrir com os olhos. Suas expressões não dizem nada. Nem precisam. Estou em um dos intermináveis corredores. Rodinhas, rodinhas. É o barulho que ouço. Gota, gota, de soro, de vida. É outro barulho que ouço. Mas acho que nenhum desses pertence a mim. Tento olhar

para o lado. Encontrar o olhar de alguém. Alguém que esteja esperando. Minha imagem não deve ser uma das mais reconfortantes. O barulho que escuto é do meu fraco coração. Do fraco coração que está com uma puta vontade de xingar a todos por não ter oportunidade de amar uma última vez.

Passeio em um pequeno círculo no hall na frente do apartamento do Fê. Sua burra, ligue para o celular dele! Alguns dígitos, nenhum sinal de vida e uma mensagem na caixa postal. Fê, me liga! Preciso falar com você! Ele já deve saber e deve me culpar. Bato novamente e com mais raiva. Raiva de mim. A série de julgamentos e decisões que eu fiz me levou aqui. Bato mais cinco vezes, com os punhos fechados, depois abertos. Fê! Abre a porta! Eu sei que você está aí! Finalmente desisto e me sento à frente da porta. As lágrimas se esconderam, mas esperam furtivas por notícias ruins.

– Me sinto idiota... Vindo aqui depois de tantos dias – nem consigo encarar sua lápide. É como se ele ainda estivesse ali. Ali infernizando minha vida. Meus joelhos falham assim como a voz. Mas me mantenho em pé. Quão difícil pode ser conversar com um morto?

Será que o Ricardo aparecerá com sua maleta e gel? Ele deve ter uma tara por esses tipos de corredores sem estilo, sem vida e sem seres vivos. Só estamos realmente vivos quando saímos daqui. Enquanto isso, ficamos em um estado de suspensão, pensamentos colidindo, escuro e luz alternando com o teto padrão e as lâmpadas ecologicamente irritantes. Tento identificar algum tipo de dor, mas devo estar mais dopado do que a Amy Winehouse em um dia de balada, sexta-feira à noite. Gostaria de poder falar. Sempre me pareceu bem justo pronunciar suas últimas palavras. Nada inventado por uma das enfermeiras ou médicos para tornar seu fim mais digno. Gostaria de pronunciar minhas últimas palavras. Elas diriam algo como...

Fecho os olhos. Tento recuperar meu fôlego entre os soluços. “Tem certeza de que você consegue?” “Claro que eu consigo!” “E como é que eu vou subir?” “Depois do Fernando, você sobe na borda da piscina, e depois sobe nele.” Ele queria mesmo mostrar que seus primeiros dias na academia estavam fazendo efeito. Era um momento que deixaria de existir, nós três juntos. O Fê o encarou incrédulo. Mas, mesmo assim, ele conseguiu colocá-lo em seus ombros, suas pernas entre seu pescoço. Depois, eu tão pequena e com o cabelo curto, acima dos ombros e magra como um cotonete. Eu subi no Fernando e viramos uma torre. Cheia de risadas. “Segura, Mau! Não deixa a gente cair!” Essa lembrança volta impregnada de

saudade e tristeza. Um sinal?

– Estou aqui para me despedir. Realmente me despedir – parei de gaguejar e alguns minutos se passaram antes de organizar as palavras na minha cabeça. Essas seriam as últimas que pronunciaria para ele. – Eu posso ter tido medo de te encarar antes, mas esse não é um daqueles momentos. Esse é realmente o fim, Maurício!

Eu tentei ser feliz. Acho que tentei. Mas sempre achei que lutar fosse mais importante. Apesar disso, tive meus momentos felizes. Infelizmente não tive meus últimos... Portanto gostaria de um boquete daquele lindo enfermeiro de bunda redonda. Acho que essas seriam minhas últimas palavras. Mais ou menos assim, pronunciadas com toda a solenidade possível e esperando as caras horrorizadas das enfermeiras e o sorriso lascivo do enfermeiro em questão. Que eu obviamente tiro do meu arquivo de imagens pornográficas, já que agora não me resta mais nada do que uma alternância entre brilhos fugazes e completa escuridão. Gostaria também de rir uma última vez. Tento. Mas não estou mais no controle, estou no piloto automático dessa maca fodida indo para Terra do Nunca. Nunca mais vou poder rir com a Bia, com a Lalá ou com o Dudu. Nunca mais poderei tentar dar certo com o Ricardo. Nunca mais poderei tentar ser amigo de minha mãe. Tantos nuncas. Está aí mais uma coisa para contar enquanto espero o martelo bater.

Contamos os segundos enquanto tentávamos bater algum tipo de recorde. Não mais que nove segundos e o Maurício escorregou. Primeiro ele, depois o Fê e por fim eu. Afundamos na água e de alguma forma dava para saber que cada um estava gargalhando bolhas. Emergimos e trocamos olhares de vitória, tão singular quanto passageira. Voltei querendo mais uma vez e nessa hora peguei uma troca de olhares entre os dois, como se fosse a primeira vez que eles tinham feito algo juntos. Eles tinham vencido juntos. Levanto e encaro a porta. Você estará aí, Fê, e vamos rir disso tudo. E você vai receber a maior bronca do mundo. E você vai deixar de ser essa alma solitária e assombrada. Vou ser sua irmã novamente.

– Eu vim aqui para pedir. E acho que nunca na minha vida te pedi algo. Nada mesmo. Sempre fui o idiota que obedecia a todas as suas vontades.

Que merda de motel! O que você estava pensando quando começou tudo isso? Você tem um filho e uma mulher, seu merdinha! Onde foi parar sua coragem, onde foi parar sua porra de coragem? Chorando que nem um bebê quando você deveria tomar uma decisão. Uma única decisão. Comece esquecendo. Comece esquecendo que, um dia, vocês resolveram ter um caso. E que porra de caso você foi

ter! Com tanta mulher te dando mole você teve que passar suas melhores desculpas fodendo seu melhor amigo. Comendo o cu dele!

– Eu sei que você nunca me amou. Nunca se permitiu ou o quis. Mas eu te amei. E só de admitir isso... em voz alta... me faz eu me sentir mais idiota do que estar aqui.

Por que não consegui parar? Onde estava sua força de vontade. Como você pode fazer isso com o Rick? Você está sendo exatamente como o seu irmão, cara! A mesma bosta de veadozinho que não se preocupa com ninguém além dele mesmo. Você não é assim. Não arruíne sua vida com algo tão... No final da sua vida, o que realmente vai importar? Esse caso? Essas transas irregulares? Essa sujeira que você sempre sente ao beijar seu filho? O medo de ele se tornar igual a você?

– Gostaria que você estivesse realmente ouvindo isso e compreendesse o que vou pedir. Gostaria que você pudesse entender mais seu irmão Fernando.

É o medo. O eterno medo de se parecer como ele, não é? Sinto-me menos homem. Do que adianta temer palavras como “veado”, “bicha”, “gay”, “maricas”, quando, no fim do dia, você continua sendo o homem menos homem de todos? Pequeno, insignificante, covarde, morto. Essa é realmente a vida que você quer continuar levando? Destruindo, aos poucos, as vidas dos outros? De outros que você diz amar? Você está aqui, sentado, encarando uma privada. O que você veio fazer aqui? Você acha realmente que Ricardo atenderia qualquer ligação depois de suas palavras? Você o matou. Matou também suas chances. Sua mente pequena consegue imaginar outra vida sem essa de mentiras que você desenhou com tanto cuidado para si mesmo? Acho que esse é o primeiro sinal. A primeira lágrima. Você o amou? Pelo menos, tenha coragem de admitir. Tenha coragem de sentir, mesmo que contra a vontade desse Maurício. Você está morrendo aqui, apodrecendo. Mais lágrimas. Você não as merece. Tristeza nunca foi destinada a você, um bruto! Onde deixei todas as minhas chances, todas as oportunidades? Matei todas.

– Ele não é nada parecido com você. Ele... Ele é corajoso. Ele é mais homem do que você um dia pôde se imaginar. E ele... Ele é humano.

Seguro o celular e espero que ele toque do nada. Uma ligação do Ricardo perguntando, do nada, como estou. Mas espero demais. Penso em ligar. Onde estão todos, onde estou? Acho que preciso beber algo. Preciso esquecer. Olho-me no espelho e vejo apenas olhos fundos de inércia, olhos escuros de tristeza contida. O

que Fernando faria? Qual a justiça de sofrer e punir pelo mesmo motivo?

– Por isso estou aqui para te pedir – tudo despenca. Caio em lágrimas – que me deixe amar o Fernando. Eu preciso que você suma da minha vida. Eu preciso... Eu quero amar o Fernando... Seu irmão. Eu preciso dele... E nem sua memória vai me impedir. Por isso peço... Morra. Morra definitivamente da minha vida.

Entro no carro decidido a partir. Ir para casa. Ir de encontro à verdade. A verdade pura e simples. Saio disparado. Limpo restos de lágrimas enquanto pego meu celular. Esse seria o último dia de mentiras, de dor, de machucar os outros. Curvas rápidas. Sinais por todos os lados, teclas discadas ao acaso. Sei que não posso continuar nessa estrada. Nada de carros, já amanhece. Novos dias. Um novo dia para Renan. Não posso mentir para alguém tão pequeno. Vejo uma placa com o meu destino piscando, é ali minha curva final, meu destino. É hora da verdade.

E a verdade é que eu não conseguiria viver depois de ter mentido tanto. E machucado tantos. A batida é tão pesada quanto eu poderia imaginar. O resto é escuro. Ouço apenas dois garotos brincando ao longe. “Me dá um beijo. Aí eu sou sua mulher e você é o meu marido.” Afinal descubro que o Maurício e eu somos mais irmãos do que imaginava. Eu só fiz questão de esquecer tudo.

A fechadura solta um grito quieto em forma de estalo. Um pedaço de madeira quebra e sou lançada para o chão. Meu corpo cai na entrada da cozinha. Nenhum som além da minha queda. Nenhum cheiro além do cigarro do Fê. Encosto minha cabeça no piso frio. Quero apagar. Ele não está mais aqui. Chore, Beatriz.

Um pouco de luz mais uma vez. Não sei onde estou. Mas lembro dos corredores. Hospitais sempre serão hospitais. Corredores. São as únicas coisas que nos lembramos de hospitais. Quartos são muito fúnebres, escuros, mesmo com suas luzes brancas. Seu ar é inodoro, cheio apenas de expectativas. Você só se lembra de entrar e sair de um hospital. Corredores. Será que Maurício passou por tudo isso? Cada segundo sem dor e sem sensações, apenas esperando? Será que em todos os seus turbilhões de memórias ele dispensou alguns segundos para se lembrar de mim? Espero que todos já tenham chegado. Gostaria de falar um pouco com Bia, pouco que fosse. Um beijo de seus lábios seria agradável. Reconfortante. Gostaria de sentir algo. É um fim não, é? Deveria ser mais poderoso do que apenas sofrer com tudo aquilo que fiz, não fiz, queria fazer, mas acabei não tendo coragem. Acho que Maurício deve ter pensado algo parecido. Afinal descubro que somos mais irmãos do que imaginava. Que éramos. Éramos mais irmãos do que realmente nos

permitiram.

Agradecimentos:

Agradecimentos especiais para Mara Farias, minhãe, que me viu crescer escritor. Para Luíza Furquim, minha grande amiga, que aturou a batalha do escritor. Para Ruy Teixeira, meu pai, que foi entusiasta. E para Nilton Mendes Pinto, que foi o primeiro em muitas coisas. Incluindo o primeiro que leu.

Agradecimentos adicionais para a segunda edição: João Koepke, por ser minha família fora da família.

Sobre o autor:

Rafael Farias Teixeira é jornalista, formado pela USP, com pós-graduações em marketing digital e economia. Já escreveu para revistas como Monet, Época SP, Galileu, Mundo Estranho, Quem Acontece, Marie Claire, Viajar Pelo Mundo e Pequenas Empresas & Grandes Negócios. Foi vencedor do terceiro lugar na etapa regional do Prêmio SEBRAE de Jornalismo 2011, menção honrosa do Prêmio SEBRAE de Jornalismo 2013, categoria Mídias Sociais, duas vezes indicado ao Prêmio CNH de Jornalismo e ao Prêmio Papo Mix da Diversidade Sexual. É autor dos livros Sopro e Vinícius no Mundo dos Toalhas Brancas, todos de ficção; e Resgates um livro-reportagem sobre pessoas que testam novos antirretovirais. Entre Irmãos foi seu primeiro romance publicado, em 2012.

Table of Contents

Folha de rosto	
Créditos	
Dedicatória	
Citação	
Fernando	
Ricardo	
Beatriz	
Fernando	
Beatriz	
Fernando	
Ricardo	
Beatriz	
Fernando	
Ricardo	
Fernando	
Ricardo	
Fernando	
Ricardo	
Fernando	
Beatriz	
Fernando	
Beatriz	
Fernando	
Ricardo	
Fernando	
Beatriz	
Ricardo	
Fernando	
Fernando e Ricardo e Beatriz e Maurício	
Agradecimentos	
Sobre o Autor	